

**LUIZA LELIS OLIVA**

**A história conta a História: memória e narrativa  
em *Leite Derramado*, de Chico Buarque de Holanda.**

**MONTES CLAROS**  
**Março/2016**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS**  
**LUIZA LELIS OLIVA**

**A história conta a História: memória e narratividade  
em *Leite Derramado*, de Chico Buarque de Holanda**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos Literários, da Universidade Estadual de Montes Claros, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras – Estudos Literários. Área de concentração: Literatura Brasileira.

Linha de Pesquisa: Tradição e Modernidade

Orientador(a): Ivana Ferrante Rebello

**MONTES CLAROS**

**Março/2016**

Oliva, Luiza Lelis.

48h A história conta a história [manuscrito] : memória e  
narratividade em *Leite Derramado*, de Chico Buarque de Holanda / Luiza  
Lelis Oliva. – Montes Claros, 2016.

96 f.

Bibliografia: f. 94-96.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros -  
Unimontes, Programa de Pós-Graduação em Letras – Estudos  
Literários/PPGL, 2016.

Orientadora: Profa. Dra. Ivana Ferrante Rebello.

1. *Leite Derramado* – Música. 2. Buarque, Chico, 1944-. 3.  
Memória. 4. Masculinidade. I. Rebello, Ivana Ferrante. II. Universidade  
Estadual de Montes Claros. III. Título. IV. Título: Memória e  
narratividade em *Leite Derramado*, de Chico Buarque de Holanda.



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS/ESTUDOS LITERÁRIOS



Dissertação de Mestrado intitulada **A história conta a História: memória e narratividade em *Leite Derramado*, de Chico Buarque de Holanda**, de autoria da mestrandia em Letras – Estudos Literários **Luiza Lelis Oliva**, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Ivana Ferrante Rebello – Orientadora – (Unimontes)

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Marli Silva Fróes – (IFNMG)

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Rita de Cássia Silva Dionísio Santos – (Unimontes)

Prof. Dr. Osmar Pereira Oliva

Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Letras/Estudos Literários

Montes Claros, 24 de Agosto de 2016.

Dedico essa dissertação à minha orientadora Ivana Ferrante Rebello, paciência eterna de uma mente sem lembranças. Fostes e és um anjo com asas maiores do que imaginas.

Dedico também a minha mãe, por toda a compreensão que teve comigo por toda a vida e durante o mestrado.

Ao meu pai pelo apoio e suporte em todas as horas.

A toda minha família de sangue e a que me adquiriu pelos laços fraternos e zoadores da amizade.

A todos que de forma, ou de maneira ou outra, com puxões de orelha e incentivos, ajudaram na realização deste trabalho.

E finalmente, amor maior, dedico esta vitória à Deus. Porque Deus é bom o tempo todo, e o tempo todo Deus é bom.

## **AGRADECIMENTOS**

A minha orientadora Ivana Ferrante Rebello pelo profissionalismo, apoio e dedicação nessa trajetória;

Aos professores Osmar Oliva e Rita de Cássia Dionísio, que participaram de minha banca de qualificação, a quem devo alguns dos principais ajustes feitos nesta dissertação;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras / Estudos Literários com os quais tive contato direto ou indireto nessa minha formação;

À coordenação do Programa de Pós-Graduação em Letras / Estudos Literários pela compreensão nos momentos de dificuldades encontradas;

À minha turma do Mestrado em Letras / Estudos Literários da Universidade Estadual de Montes Claros;

Enfim, agradeço a minha família, meus amigos e a Deus por todo apoio durante essa caminhada.

E qualquer coisa que eu recorde agora, vai  
doer, a memória é uma vasta ferida  
(BUARQUE, 2009, p. 54).

## RESUMO

Chico Buarque de Holanda, cantor e compositor da música popular brasileira, inicia sua trajetória como autor de romances, na década de 90, período pós-ditadura militar e no qual ocorrem importantes mudanças na política nacional, como o *impeachment* de Collor e a implantação do Plano Real. *Leite Derramado*, publicado em 2009, é objeto deste estudo. Apresentando uma intrincada narrativa memorialística, em que tempos e vozes se mesclam, o livro permite ler, em simultaneidade, a história familiar dos D'Assumpção, a História do Brasil – entretecida à saga da mesma família – e a história pessoal do velho Eulálio, que narra para escapar à dor das lembranças e contra a ameaça iminente da morte. Esta pesquisa dedicou-se a ler esse intrincado labirinto memorialístico, centrando sua análise nas várias formas como essa memória é narrada, na forma como a memória pessoal do protagonista se une à história do Brasil e, por fim, na forma como a memória pessoal do personagem projeta uma masculinidade em crise, tal qual a saga de sua própria família.

**Palavras-chave:** *Leite Derramado*, Chico Buarque de Holanda, Memória, Masculinidade.

## **ABSTRACT**

Chico Buarque de Holanda, singer and composer of Brazilian popular music, began his career as an author of novels, in the 90s, post-military dictatorship period and in which there are major changes in national policy, as the impeachment of Collor and the implementation of Real plan. Spilt Milk, published in 2009, is the subject of this study. Featuring an intricate narrative memoirs, in which time and voices intermingle, the book can be read in simultaneity, family history of D'Assumpção, the history of Brazil - woven the saga of the same family - and personal history of the old Eulalio, that tells to escape the pain of the memories and against the imminent threat of death.

This research was dedicated to read this intricate memorialistic maze, focusing his analysis on the various ways in which this memory is narrated in the way personal memory of the protagonist joins the history of Brazil and, finally, in the way personal memory character projects a masculinity in crisis, like the saga of his own family.

**Keywords:** Leite Derramado, Chico Buarque, Memory.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO 1 - A história CONTA UMA HISTÓRIA.....	14
1.1 - Vozes e Ecos: Chico Buarque de Holanda em <i>Leite Derramado</i> .....	46
CAPÍTULO 2 - REPETIÇÕES, ELIPSES E METÁFORAS: A RETÓRICA MEMORIALÍSTICA EM <i>LEITE DERRAMADO</i> .....	56
2.1- O esquecimento proposital de Eulálio Montenegro d'Assumpção.....	67
2.2 - O passado no presente: repetições, percepções e a retórica por excelência.....	73
CONCLUSÃO.....	89
BIBLIOGRAFIA.....	94

## INTRODUÇÃO

Chico Buarque fez parte de minha infância, como músico. Minha mãe sempre foi fã dos grandes músicos da MPB e, aos finais de semana, sua vitrolinha não ficava muda. Confesso que até a adolescência, essas melodias me soavam estranhas. Até que um dia resolvi ouvir um disco do Caetano Veloso e gostei do dueto que ele fez com o Chico Buarque na música “Você não entende nada”. Despertada a curiosidade, Chico Buarque passou a ser figurinha repetida no meu *walkman*.

Quando entrei para a faculdade, em rodas de conversa, descobri o Chico Buarque escritor. Até que vi o título *Leite Derramado* em uma livraria da cidade e resolvi comprá-lo.

Li o livro no mesmo dia, ‘numa sentada’ como se diz, e já em período de definições para o tema da monografia de conclusão do curso, escolhi o quarto livro de Buarque, sem pensar duas vezes. Para a escrita da monografia e da dissertação, já o li quase cinquenta vezes e sempre percebo uma nuance, um sentimento novo é despertado. Este livro é como uma velha música, tocada a exaustão nas rádios, e, ainda assim, me toca de maneira diferente.

*Leite Derramado*, de Chico Buarque de Holanda, foi publicado em 2009, exibindo uma estratégia editorial arrojada que incluiu a criação de duas capas, texto de orelha do livro assinado pela crítica literária Leyla Perrone-Moisés e divulgação através de mídias sociais, além da participação do autor na Festa Literária Internacional de Parati (Flip) daquele ano. Tudo isso reforça o destaque que o romance teve nas resenhas dos principais suplementos literários brasileiros, obtendo análises elogiosas da crítica especializada.

O intelectual, músico, poeta e escritor Chico Buarque de Holanda apresenta uma prosa ficcional intrigante, que lê, com a argúcia e sensibilidade que o notabilizaram no campo da composição musical, a sociedade em seu entorno. Sua estreia na literatura deu-se com títulos como *Chapeuzinho Amarelo* (infantil), *Estorvo* e *Budapeste*, além do título de que se trata o presente trabalho, *Leite Derramado*. Ainda escreveu peças teatrais – *Roda Viva*, *Ópera do Malandro*, *Calabar*, *Gota d’Água*, entre outras. Lançou álbuns com a trilha sonora de suas peças, de muito sucesso no país. Buarque registrou alguns

estereótipos populares, como o bêbado, o malandro, o pivete e a prostituta. Em seus livros, trata de temas variados, como a traição, o medo, a autoficção, entre outros.

A repercussão de Buarque como artista conduziu o romance analisado neste trabalho à lista dos mais vendidos daquele ano, confirmando o êxito do romance, que, além disso, angariou os principais prêmios referentes ao ano de 2009, como o Portugal Telecom de Literatura (2010) e o Jabuti (2010), na categoria "Livro do ano de ficção".

Em um enredo elaborado, o autor nos envolve num clima de nostalgia que possibilita ao leitor a identificação direta com o personagem principal: Eulálio Montenegro D'Assumpção – um centenário senhor carioca, de família aristocrática decadente, que, em seu leito de morte no hospital, relembra fatos da vida – narrados como um caleidoscópio por sua memória já envelhecida, fazendo com que a História do Brasil encontre, nos devaneios memorialísticos do personagem, um espaço de representação e reinvenção.

Segundo colocado na categoria "Melhor romance", o romance de Chico Buarque de Holanda apresenta uma narrativa em que as oscilações da memória individual do narrador-protagonista juntam-se aos lapsos da memória de um Brasil republicano, que em 2009, ano de publicação do livro, completou 120 anos de implantação.

A obra *Leite Derramado*, de Chico Buarque de Holanda, começa com o personagem principal, Eulálio Montenegro d'Assumpção delirando pelo efeito da morfina, trazendo à tona as recordações da fazenda de sua feliz infância. Eulálio está fazendo uma proposta de casamento à uma de suas enfermeiras, e expõe o modo como ele crê que a vida deveria seguir: uma esposa recatada que cuida da casa e de suas vontades, rodeados pelo luxo, poder e influência que vêm junto com a fortuna de sua família. Mas logo vemos que suas dores não podem ser aliviadas.

Eulálio já tem cem anos, está internado em um hospital público em consequência de uma fratura no fêmur e de sua fortuna só sobraram mesmo suas memórias. O grande amor de sua vida e esposa, Matilde, o abandonou, segundo uma das versões apresentadas na história; nunca teve amigos, abandonou a faculdade e apenas seguiu os costumes amorais de seu pai, o senador Eulálio Ribas d'Assumpção, trilhando um caminho aberto pelos favores devidos ao seu pai corrupto.

Aprisionado numa cama de hospital, o personagem rememora repetidamente a sua história e a trajetória decadente de sua família; expondo em sincronia os fatos históricos do Brasil e a mentalidade burguesa, incrustada na política brasileira, bem como seus traumas e suas aventuras ao longo de dois séculos; figurando, pelo menos,

duas grandes épocas históricas do Brasil: uma que vai do início do século XIX até 1930 e outra daí em diante.

Em sua resistência contra sua morte e contra a morte da história de sua família, suas memórias são ditadas às enfermeiras, à filha, Maria Eulália ou a quem estiver presente em sua vida ou em sua lembrança. Toda a narrativa pode ser sintetizada como sendo a descrição da trajetória da genealogia de Eulálios que participaram da história luso-brasileira, desde o século XV até o início dos anos 2000. Em meio às dobras da ficção, delinea-se, ainda, a própria história do autor, entremeada à influência do pensamento social do pai do autor, Sérgio Buarque de Holanda, como veremos a seguir.

A partir dessas premissas, o presente trabalho analisou o processo de construção da narrativa memorialística no livro *Leite derramado* (2009), de Chico Buarque de Holanda, enfatizando a junção da memória pessoal do narrador aos fatos históricos que ele remonta e sua própria representação.

No primeiro capítulo, foi feita uma análise do romance considerando pelo menos as duas histórias que se passam no livro: as memórias de seu personagem principal, Eulálio Montenegro d'Assumpção, e a História do Brasil, também reencenada pela narração do protagonista, além de uma breve investigação sobre os reflexos da biografia de Chico Buarque de Holanda no enredo do romance.

Utilizamos, como aporte às reflexões apresentadas, Paul Ricoeur, especialmente na obra *Memória, história e esquecimentos*; Wolfgang Iser e seus estudos sobre o real e o fictício; Ecléa Bosi, com o livro *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*, entre outros.

No segundo capítulo, refletimos como Eulálio selecionou os fatos para narrar, observando sobre o uso dos esquecimentos, elipses, falhas, a partir do que chamamos de retórica memorialística. Para ler os volteios memorialísticos do personagem, lemos aspectos gerais da retórica, tida como a palavra afeita ao convencimento e, a partir daí, refletimos sobre as repetições, as elipses e os esquecimentos do narrador, como forma de desvendar os intrincados caminhos de sua narração.

Tais memórias desencadeiam no personagem uma corrente fluida e ininterrupta de recordações em *Leite Derramado*; uma existência vertida na história que o contador não pode senão deixar emanar de si, razão por que defendemos a ideia de que o esquecimento, na fala de Eulálio, ora é proveniente de sua senilidade, ora é fruto de sua manipulação consciente ou inconsciente.

Esse raciocínio proveio de uma repetição sistemática no romance, e crivada de muitos significados: o protagonista e todos os membros de sua família possuem o mesmo nome, Eulálio, cujo significado é “a boa fala”, a fala correta, adequada. No eco que se repete no nome vimos a tentativa de perpetuação de um poder, mas também um convite a uma leitura ambígua da obra.

Os Eulálios que se duplicam na saga familiar dos D’Assumpção podem significar uma ironia do autor em relação a uma forma de narrar, confusa, labiríntica e pouco confiável do personagem; mas também nos permite pensar que parte deste discurso pode ter sido manipulado pelo velho narrador, para angariar simpatia ou piedade dos ouvintes ou para rasurar passagens muito doloridas de sua vida.

Percebi que, na obra, a evocação das memórias não se tratou simplesmente de um artifício saudosista e, sim, de um movimento peculiar da memória que um velho tende a assumir na transmissão de suas vivências, em que se pode ler aquilo que conheceu bem, aquilo que não compreendeu na inteireza e aquilo que, seletivamente, esqueceu.

É preciso ressaltar que há o estudo comparado de dois Buarques, no segundo capítulo: Sérgio Buarque de Holanda e seu filho, Chico Buarque de Holanda. Portanto, para facilitar a leitura desse trabalho, me refiro ao Buarque pai como Sérgio Buarque de Holanda, ou Sérgio Buarque e ao Buarque filho apenas como Buarque, ou Chico Buarque, além de ter sido usada uma versão em PDF para as citações diretas. A referência desta versão em PDF se encontra na bibliografia desta dissertação.

Devo pontuar também que foi necessário reproduzir algumas citações extensas do livro, pois a narração de Eulálio segue em fluxo contínuo, quase sem pausas, tornando difícil fazer recortes de sua fala.

A leitura apresentada nesta pesquisa ressalta minhas reflexões acerca do tema memória e de como tal tema foi trabalhado na ficção da obra buarqueana, com desvios, entrelaçamentos à narrativa histórica e entremeios da presença autoral no tecido ficcional. O resultado dessas reflexões, apresentados na presente dissertação, espera dar sua contribuição aos estudos sobre o romance de Chico Buarque de Holanda.

## 1- A história conta uma História

Quantas histórias cabem dentro do salão espaçoso da memória? O que existe para ser contado, “derramado” para o leitor? A pergunta, retirada do romance, nos orienta para o quarto livro de Chico Buarque de Holanda, *Leite Derramado*, um exemplo de narrativa memorialística em que os fatos vividos ou rememorados pelo personagem narrador se entrelaçam a uma leitura da História do Brasil.

Eulálio Montenegro d’Assumpção confirma a força da memória para o registro da própria história como uma tentativa de constituir sua identidade. Partindo do enredo memorialístico, o próprio narrador personagem arrisca-se a definir um conceito de lembrança: “A memória é deveras um pandemônio, mas está tudo lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar todas as coisas” (BUARQUE, 2009, p.12).

Podemos lembrar que, na mitologia grega, a memória, representada pela titã Mnemosine, é a única que vence Cronos, o Tempo, poderoso e cruel, que ceifa a tudo e a todos. A trama buarqueana, ao apoiar-se nas lembranças do velho Eulálio, evidencia um jogo de encaixe com o leitor em que, para cada fato contado, é possível elaborar uma sequência histórica e contextual dos valores e costumes da sociedade do Rio de Janeiro no último século. Os casarões do bairro de Botafogo abandonados, a ocupação desordenada da Tijuca e a explosão imobiliária de Copacabana, entre outros exemplos, correspondem às mudanças propostas pelo enredo, que também acentuam a ascensão e degradação da família d’Assumpção, a qual pertence Eulálio.

É dessa maneira, fixando-se na paisagem arquitetônica dos bairros cariocas e valendo-se das lembranças e esquecimentos de seu personagem, que Buarque, por meio da voz do narrador, faz uma crítica à sociedade brasileira do século XX, na qual

acentua modismos estrangeiros, desigualdades sociais e ímpetos racistas, representados na saga da família Assumpção.

Um exemplo de intolerância étnica pode ser percebido quando o protagonista casa-se com uma mestiça e finge não percebê-la como tal. O nome, sempre acompanhado do sobrenome, da marca da família que tradicionalmente era dada no nascimento, evidencia a desigualdade de classes entre Eulálio d'Assumpção e sua mulher, Matilde. Verifica-se a posição social do narrador em uma passagem em que o personagem Eulálio refere-se ao pai, dizendo que dele herdou tudo: o nome, a casa, a fama e o emprego.

A despeito dessa prospecção genealógica, convém não perder de vista o pano de fundo da vida de Eulálio. As oscilações entre figura e fundo permitem analisar as interações entre o sujeito que narra sua história e a História Nacional. Na sociedade em que Eulálio cresceu, imperava um determinismo esmagador em que os jovens bem-nascidos encontravam os caminhos “prontos”, tendo muito pouco o que descobrir e buscar. Por isso, Eulálio, ao final de sua vida, fica tentando recompor episódios passados, numa tentativa quase desesperada de vivenciá-los mais uma vez, como se, magicamente, estes fatos pudessem se desenvolver diferentemente e alterar o rumo de sua vida.

Com a história do narrador centenário, vemos se desenrolarem na trama as identificações de Eulálio ao pai e avô; as passagens com seu grande amor, Matilde, carregadas de erotismo e sensualidade, e a forma de proteção aos descendentes, que aparece sempre relacionada a fatores econômicos, bens materiais e patrimônio imobiliário. O próprio nome Eulálio é repetido em várias gerações, de forma a perpetuar uma posição social que é, antes de tudo, herdada, assim como os bens que pertencem à família.

Sendo assim, a narrativa de Eulálio, marcada por confusões de sua memória centenária, alterna papéis, despercebidamente: o pai que se torna filho novamente ou o marido, ele próprio, que volta a ser namorado, sempre em saltos temporais embaralhados.

Nas palavras de Paul Ricoeur, na conferência *Memória, história, esquecimento* “O tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de um modo narrativo, em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal” (2003, p. 109.)

A cada vez que é recontado um momento, nas lembranças de Eulálio, é reconstruída, simbolicamente, a representação desse tempo, mesmo que, em algumas

vezes, o fato fuja da narrativa e acabe não sendo fiel aos fatos acontecidos. É como se ocorresse um gerenciamento de fatos de acordo com uma perspectiva de compreensão do mundo particular do falante, desejoso de se comunicar e se reconhecer. As histórias narradas evidenciam seu esforço de dar sentido ao presente, procurando dar legitimidade ao que aconteceu no passado.

Wolfgang Iser, no livro *Os Atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional* (2002), problematiza as relações entre a ficção e a realidade, utilizadas, neste trabalho, para melhor compreensão do romance de Chico Buarque de Holanda. Iser comenta que os textos literários de natureza ficcional revelam que esta classificação do que é real e do que é fictício valida a ideia advinda de nosso “saber tácito”. Este “saber tácito” equivale ao nosso conhecimento elementar – que opõe ficção e realidade de maneira objetiva.

Para o autor, esse “saber tácito” desconsidera o real existente no fictício e aborta as relações intra e extratextuais existentes nos textos literários, reforçando a crença de que o real está presente no fictício – porém, sem nele se esgotar. Assim, o crítico propõe uma tríade: real, fictício e imaginário que, juntos e em relação mútua, formam a base do texto ficcional. Segundo Iser, há uma espécie de transgressão de limites, tanto no processo de elaboração do texto ficcional quanto no processo de concretização deste, que é o ato da leitura. Ambos os procedimentos formulam e reformulam mundos, permitindo que os acontecimentos encenados sejam experimentados pelo receptor.

No que se refere ao processo de elaboração, podemos notar dois aspectos de singular importância: a seleção e a combinação dos elementos estruturantes da ficção. A seleção consiste na retirada desses elementos do mundo vivido para sua introdução na realidade ficcional; já a combinação fundamenta-se no ordenamento que o autor faz desses elementos no universo da ficção.

No primeiro caso, ao recortar os componentes do real extratextual, o autor do texto ficcional não dá conta de sua totalidade – pois os campos de referência estão delimitados –, sendo constantemente forçado a excluir algo. Por sua vez, o que fica isento da ficção, Iser chama de “parêntese”, que é justamente aquilo que o receptor converterá em objetos de percepção. O leitor buscará descortinar aquilo que foi omitido, a fim de decodificar o mundo intratextual e, conseqüentemente, realizar um ‘novo’ real. Daí advém o que Iser nomeia de “transgressão de limites”, pois, ao passo em que introduz os componentes extratextuais em um “novo mundo”, o autor finge uma nova realidade – a ficção. Para tanto, o autor de ficção necessita combinar estes elementos de

maneira coerente, visando à formulação de um mundo que, não sendo o mundo vivido pelo autor da ficção, tampouco é detentor de significado por si só. Este mundo é, sim, novo, redefinido no contato com o leitor, fazendo com que haja uma desconstrução e uma reconstrução da realidade na produção do texto literário.

Por conseguinte, este acontecimento se dá com o processo de leitura, em que cada imaginário será responsável por reorganizar a realidade de acordo com as conveniências impostas por suas experiências de vida. Iser argumenta ainda que a recepção da ficção encontra-se muito próxima das experiências do imaginário, pois é ele o responsável pela tarefa interpretativa. Portanto, podemos inferir que a interpretação, apenas auxilia na delimitação dos campos de dedução do imaginário. Conforme o crítico, a interpretação pode apenas semantizar o imaginário.

A transgressão de limites estabelecida entre texto e contexto está associada tanto à seleção quanto à combinação dos componentes extratextuais a serem dispostos na obra literária. Isto só é possível graças ao “como se”, que permite que os atos de fingir validem os textos como ficcionais, ao passo em que estes estabelecem convenções diretamente reconhecíveis pelo autor e leitor. Os componentes apresentados na ficção, ao serem transgredidos, encontram sua existência impossível, ou seja, meros significantes são reforçados por aqueles que se ausentaram, o “parêntese”.

Assim, ocorre uma perda das articulações originais e uma reincorporação a uma nova articulação – ocasionada pela elevação do leque de possibilidades da reiteração do que antes era irrealizável. Por sua vez, o receptor é aguçado por essa “existência impossível” da ficção, melhor, pela parcialidade do real a ser reconhecido, sendo levado por sua própria curiosidade a identificar a ficção como possibilidades de um real.

Conforme nos indica o autor, a intencionalidade estaria atrelada ao processo de seleção e combinação, pois o ato de fingir fundamentado no “como se” assinala os campos de referência com o fim de serem transgredidos.

Desta forma, a intencionalidade se revela como figura de transição entre o real e o imaginário, com o estatuto de atualidade. Esta atualidade, por sua vez, consiste no momento em que se estabelece o contato entre texto e destinatário, quer dizer, ela se refere ao processo pelo qual o imaginário interage com o espaço real extra e intratextual.

A dimensão entendida como experiência pode ser decifrável, pois autor e leitor podem partilhar do mesmo código ideológico em que opera a linguagem obrigatoriamente figurativa da ficção. Entretanto, esta dimensão não pode ser

concretamente determinável por si própria, pois a linguagem figurada é semanticamente inexaurível. Logo, é inevitável que haja um processo de tradução desses códigos interpretativos por parte do receptor, que lhe proporcionará assimilar novos conhecimentos de mundo, que mais uma vez acarretarão numa transfiguração de sua própria experiência. Isto implica um procedimento infundável de reflexão sobre reflexão, imposto pela referida linguagem figurativa do texto literário.

Tal procedimento nos auxilia a compreender que o fictício não pode ser o sentido do texto, pois justamente estar num texto – neste caso, o ficcional – é nunca chegar a um sentido (pré) determinado. Por isso, ratifica-se que o sentido do texto encontra-se na tradução do imaginário, o qual, segundo Iser, nunca será lido da mesma forma por todos e este imaginário constitui a força realizadora do texto de ficção.

Sendo assim, todos esses recursos apontados por Iser são bem modelados em seu estudo sobre o universo ficcional, que, além de superar a concepção dicotômica entre imitação e real como forma de elaboração de um saber acerca do mundo da ficção, desenvolve um pensamento capaz de abarcar outras formas de compreensão da realização dos mundos produzidos ficcionalmente – como os ditos “impossíveis” na realidade vivida.

A exemplo disto, Buarque deixa pistas históricas em *Leite Derramado*, mostrando os pontos de vista que relacionam literatura como derivativo da realidade, colocando o leitor numa busca do mundo real, das fontes dos particulares ficcionais, como se pode ver no excerto a seguir:

O Eulálio magro é que virou comunista, porque já nasceu na cadeia e dizem que teve um desmame precoce. Daí fumava maconha, batia nas professoras, foi expulso de todas as escolas. Mas mesmo semianalfabeto e piromaníaco, arranhou trabalho e prosperou, outro dia me deu uma caixa de charutos. Visitou-me em casa com uma namoradinha de barriga de fora e brinco no umbigo. Essa me faria gosto como nora, mas quem pariu na cadeia foi outra. Não esqueço o dia em que me telefonaram para buscar o bebê no hospital do Exército, o coronel foi atencioso, disse me conhecer de outros Carnavais. (BUARQUE, 2009, p. 11).

A passagem evidencia um dos momentos da narrativa em que a história familiar do narrador aparece entrelaçada aos acontecimentos históricos, no caso específico ao período da Ditadura Militar no Brasil, no qual ser comunista, para segmento expressivo da sociedade brasileira, representava grave defeito. A menção ao

neto que nasceu na prisão, comunista, usuário de drogas e rebelde, completa um estereótipo criado por segmento da sociedade, da qual Eulálio faz parte.

O esquecimento providencial do falante evidencia esse mal-estar em relação a tal fato histórico, permitindo ao leitor, agora numa interpretação ampliada, desconfiar de que, de modo geral, segmentos da sociedade brasileira vê esses anos de chumbo com certo desconforto.

No caso do romance *Leite Derramado*, há as referências sobre a árvore genealógica da família d'Assumpção que, segundo o texto ficcional, viraram nomes de ruas, túneis e praças na cidade do Rio de Janeiro. Nesse exemplo específico, percebemos que a ficção se engendra de tal forma às práticas sociais, que se torna difícil ao leitor destacar sua demarcação distinta.

De acordo com Iser, existe correlação entre as particularidades dos textos ficcionais com as categorias interpretativas postuladas com o que uma pessoa, e só uma, realiza tanto da categorização da realidade quanto da busca das correspondências com os fatos ficcionais, não sendo incomuns a possibilidade de criação sobre o mundo da ficção e suas fronteiras com a realidade, definições, e inconsistências literárias. Assim, submete-se a entidade ficcional a uma relação especulativa com a época em que foi escrita, de forma que esta especulação dá conta das referências que são transformadas pelo texto.

A obra *Leite Derramado* é feita das reminiscências do velho Eulálio Montenegro d'Assumpção. Narrada em primeira pessoa, a história apresenta os esforços do narrador para encontrar um fio condutor que explique sua vida e suas escolhas. Na obra figuram, além disso, grandes épocas históricas do Brasil, que vai do início do século XIX até 1930; perpassando ainda pelo Brasil Colônia, pelo Império, Primeira República, Ditadura de Getúlio, Ditadura Militar, e por todo o tempo que transcorre daí em diante.

O enredo de *Leite Derramado* começa com uma proposta de casamento do personagem principal, Eulálio d'Assumpção para uma de suas enfermeiras:

quando eu sair daqui, vamos nos casar na fazenda da minha feliz infância, lá na raiz da serra. Você vai usar o vestido e o véu da minha mãe, e não falo assim por estar sentimental, não é por causa da morfina. Você vai dispor dos rendados, dos cristais, da baixela, das joias e do nome da minha família. Vai dar ordens aos criados, vai montar no cavalo da minha antiga mulher. E se na fazenda ainda não houver luz elétrica, providenciarei um gerador para você ver televisão. Vai ter também ar condicionado em todos os aposentos da sede, porque

na baixada hoje em dia faz muito calor. Não sei se foi sempre assim, se meus antepassados suavam debaixo de tanta roupa. (BUARQUE, 2009, p.5)

Na passagem em destaque, Eulálio mistura as épocas, recorrendo à memória do que viveu presencialmente ou rememorando histórias que ouviu, como se pode comprovar pelas referências a Copacabana e à fazenda da raiz da serra, em que o tempo passado (sem luz elétrica) se funde ao tempo do presente da narrativa.

Para começar a entender o período em que se passa o enredo do livro *Leite Derramado*, de Chico Buarque de Holanda, e a história de seu personagem principal Eulálio d'Assumpção, nos concentraremos em algumas pistas que o personagem principal deixa ao longo de sua narrativa.

O chalé de Copacabana, a que o narrador se refere no excerto acima, herança do pai de Eulálio, fora construído já no começo do processo de urbanização do bairro, depois que a área foi loteada pela empresa Duvivier & Cia, em 1881, levando avante a abertura das referidas ruas e desenvolvendo o seu loteamento. A contextualização temporal é importante para fornecer ao leitor a noção de que a família de Eulálio d'Assumpção esteve presente nos primórdios do processo urbanístico da cidade do Rio de Janeiro e desde aquela época dividia vizinhança com famílias abastadas da cidade. Contudo, Eulálio lembra que o chalé já “veio abaixo” (BUARQUE, 2009, p.5), provavelmente na época em que começou a verticalização de Copacabana com seus prédios em *Art Decó* entre os anos 30 e 50 do séc. XX, levando-nos a explorar a segunda pista da narrativa, a fazenda da raiz da serra.

Eulálio comenta que tais terras pertenceram ao seu avô, “um figurão do Império, grão-maçom e abolicionista radical” (BUARQUE, 2009, p. 15), e se estendiam pelo interior do Rio de Janeiro. Iniciando-se em Magé, a fazenda é ladeada por sítios e construções que vão se escasseando, na medida em que a subida que compreende toda a estrada do Caminho Novo, que foi a primeira estrada que dava acesso a Petrópolis, se torna mais íngreme e atinge o Alto da Serra em Petrópolis; passando por Itaipava, Secretário, Inconfidência, Paraíba do Sul e Levy Gasparian. Não há evidências da delimitação das terras do avô de Eulálio em *Leite Derramado*; a fazenda da raiz da serra pode estar em alguma das cidades citadas ou se estender por todas elas, já que o narrador confessa que seu avô era um cafeeiro e latifundiário.

É importante comentar também a imagem proposta no excerto acima, já que a fazenda da Raiz da serra e o Chalé de Copacabana representam momentos diferentes

da história de Eulálio. O nome da fazenda, Raiz da serra, onde ele passou parte sua infância, nos lembra estabilidade, laço inquebrável, começo. Nesta época Eulálio e sua família ainda dispunham dos benefícios da riqueza. A oposição de imagens é percebida no momento em que ele revela que o Chalé de Copacabana já veio abaixo, bem como os privilégios que o nome de sua família um dia trouxera.

Na progressão da história, é dado ao conhecimento do leitor que o pai de Eulálio prosseguiu com os negócios do avô, investindo na Bolsa de Nova York com a exportação do produto produzido nos cafezais da família:

Saiba o doutor que meu pai foi um republicano de primeira hora, íntimo de presidentes, sua morte brutal foi divulgada até em jornais da Europa, onde desfrutava imenso prestígio e intermediava comércio de café. Tinha negócios com armeiros da França, amigos graúdos em Paris, e na virada do século, ainda muito jovem, fez sociedade com empresários ingleses. Espírito prático, foi parceiro dos ingleses na Manaus Harbour, e não na aventura africana de seu pai, igualmente vítima de ciúmes e maledicências. Fique sabendo que meu avô já nasceu muito rico, não iria macular seu nome por se locupletar com dinheiro público. Mas com o fim do Império, teve de buscar asilo em Londres, onde morreu amargurado (BUARQUE, 2009, p.15).

Assim, segundo a narração de Eulálio, seu pai fora Senador da República Velha, “ereto e grave”, possuindo hábitos típicos da elite da época. A República Velha compreende o período entre os anos de 1889 e 1930, quando a elite cafeeira paulistana e mineira revezava o cargo da presidência da República movida por seus interesses políticos e econômicos. O senador era um “homem de múltiplos interesses” - viajava amiúde ao encontro de cocotes no Ritz de Paris, vestia-se impecavelmente com camisas mandadas a engomar na Europa, consumia cocaína vez por outra (como muitos de seu meio de convívio) guardada no estojo de ébano que reaparece nas mãos do tetraneto de nosso Eulálio narrador.

O café dos d’Assumpção, como podemos ver nesta passagem, era exportado para Europa. O senador se envolveu ainda com os ingleses na construção do Porto de Manaus, durante o período de extração e exportação da borracha na Amazônia em meados dos anos 1900, que teve sua construção autorizada por D. Pedro II, quando sancionou a Lei de nº. 1746, que autorizava os presidentes das províncias a controlar a construção, nos diferentes portos do Império de docas e armazéns para carga e descarga de mercadorias.

Podemos perceber, por meio dessas lembranças iniciais, que a saga da família D'Assumpção funde-se à história política e econômica do Brasil, permitindo-nos, de imediato, traçar um paralelo entre ambas.

Eulálio continua seu relato, explorando suas memórias sobre o que aconteceu com as propriedades de sua família e evidenciando ao leitor a passagem do tempo e as transformações trazidas por ele:

Aliás, bem em cima do nosso próprio terreno levantaram um centro médico de dezoito andares, e com isso acabo e me lembrar que o casarão não existe mais. E mesmo a fazenda na raiz da serra, acho que desapropriaram em 1947 para passar a rodovia (BUARQUE, 2009, p.7)

A rodovia a que Eulálio se refere é a BR-2, como era conhecida na época. O narrador explica que “finalmente está para sair o ressarcimento pela desapropriação da minha fazenda na raiz da serra. Entra governo, sai governo, são sessenta anos de um processo contra a União, para rever uma indenização irrisória que me estipularam à primeira vista.” (p.21). Essa rodovia a que ele se refere possuía pista simples em grande parte do seu percurso, e só era duplicada nos trechos entre São Paulo e Guarulhos, e na Baixada Fluminense.

As estradas brasileiras tiveram sua construção iniciada apenas no século XIX, sendo que as rodovias surgiram na década de 1920, no Nordeste, em programas de combate às secas. Esses programas foram executados por influência da “gente do norte” (BUARQUE, 2009, p.16), conforme se referia Eulálio aos nordestinos, considerados por ele sempre muito barulhentos e inconvenientes. Essa gente do norte são os senhores dos engenhos de cana do Nordeste, que foram os responsáveis pela produção e exportação de açúcar no Brasil entre os séculos XVIII e XIX.

Em 1928 foi inaugurada a primeira rodovia pavimentada, a Rio-Petrópolis, que hoje é a rodovia Washington Luís. No final da década de 1940, a industrialização e a necessidade de uma ligação viária mais segura e eficaz entre as duas maiores cidades brasileiras, São Paulo e Rio de Janeiro, levaram à construção da atual Via Dutra, inaugurada em 19 de janeiro de 1951 pelo Presidente Eurico Gaspar Dutra. Eulálio, que não possuía a influência política de seu pai, nunca conseguiu receber a indenização que lhe era devida pela União. Esperou, por 60 anos, o ressarcimento de suas terras, computando a essa dívida parte da decadência política e financeira que marcará seu drama familiar.

Concomitantemente aos fatos históricos presentes na narrativa, as memórias esparsas de Eulálio reconstituem sua saga familiar, da ascensão à decadência, referindo-se aos “ancestrais por parte da mãe com caçadores de índios num ramo paulista, num outro guerreiros escoceses do clã dos Mackenzie” (BUARQUE, 2009, p.184-5). Nos primeiros anos do contato entre indígenas e portugueses, a região onde está hoje São Paulo virou território de um tipo todo especial de gente.

Segundo o historiador Sérgio Buarque de Holanda<sup>1</sup>, em seu livro *História Geral da Civilização Brasileira*, de 2001, havia, após os primeiros contatos dos europeus com os índios no Brasil, uma população branca também.

De fato, como os portugueses radicados no Brasil se apresentavam escrupulosamente apegados à religiosidade e, sobretudo, ao culto da Virgem, cuja imagem se encontrava por toda parte – o clero, os monges e os escravos eram os únicos que trabalhavam nas novas terras.

Numa sociedade onde o comércio era a preocupação fundamental, as cláusulas territoriais e políticas dos tratados feitos entre índios e europeus apenas valiam na medida em que serviam aos interesses econômicos dos colonizadores, o que justificava a tentativa de escravização dos índios. Com o tempo, mesmo os índios aliados voltaram-se contra os colonos e também acabaram escravizados, mandados para missões religiosas ou trucidados.

No fim do século XVI, São Paulo, a terra dos ancestrais da mãe do protagonista, tinha sido esvaziada de “mão- de - obra” – e, ao mesmo tempo, presenciava a consolidação da casta de caçadores de índios, os mesmos caçadores de índios que fazem parte dos ancestrais de Eulálio. Boa parte desses caçadores era de mamelucos, filhos de mãe índia e pai branco, embora houvesse também portugueses. O protagonista chega a questionar sua mãe uma vez “porque ela nunca [...] contara que tio Badeco Montenegro tinha cabelo pixaim.” (BUARQUE, 2009, p. 25), mostrando que a sua linhagem não era tão pura quanto ele alegava. Na recuperação de suas lembranças, ele relembra que, “pelo [...] lado materno, o Rio de Janeiro parecia uma árvore genealógica” (BUARQUE, 2009, p. 77-78) e que “os Montenegro possuíam metade do estado de Minas Gerais” (BUARQUE, 2009, p. 59). Já do lado paterno, as “origens mais longínquas” são de um “alquimista e médico particular de dom Manuel I” (BUARQUE, 2009, p. 184), no século XV. Seu trisavô teria chegado ao Brasil com a família real (1808) como “confidente de dona Maria Louca” (BUARQUE, 2009, p. 50); o bisavô, traficante de escravos, “[...] foi feito barão [dos Arcos] por dom Pedro I e

---

<sup>1</sup> Sérgio Buarque de Holanda é pai do autor do romance *Leite derramado*, Chico Buarque de Holanda.

pagava altos tributos à coroa pelo comércio de mão de obra de Moçambique” (BUARQUE, 2009, p. 79). Essa mistura étnica e social evidencia a mestiçagem característica da formação do povo brasileiro.

Convém, neste ponto da reflexão, considerar o livro *Raízes do Brasil* (1995), de Sérgio Buarque de Holanda, já que a teoria do historiador, neste livro, remonta a uma interpretação original da decomposição da sociedade tradicional brasileira e da emergência de novas estruturas políticas e econômicas, trazendo inovações que introduziram os conceitos de patrimonialismo e burocracia e explicando os novos tempos que vinham com a modernidade.

As considerações presentes na obra do historiador servem-nos como ponto de orientação da obra ficcional de Chico Buarque, permitindo-nos ler a ascensão e a decadência da família d’Assumpção, além de explicar, por via da análise sociológica, a origem de alguns dos comportamentos elitistas de Eulálio. Mostraremos, desse modo, algumas referências semelhantes entre a ficção de *Leite Derramado* e o livro de Sérgio Buarque de Holanda, a fim de expor a influência do historiador sobre o ficcionista.

Em *Raízes do Brasil* (1995), Sérgio Buarque buscou, na história colonial, as origens dos problemas nacionais. Na busca do entendimento para o comportamento do povo, descreveu o brasileiro como um “homem cordial”, isto é, aquele que age pelo coração e pelo sentimento, preferindo as relações pessoais ao cumprimento de leis objetivas e imparciais.

O Brasil Colônia é visto pelo escritor como tendo pouca organização social, daí o recurso frequente à violência e ao domínio personalista. A escravidão desvalorizou o trabalho e favoreceu aventureiros que desejavam “prosperidade sem custo” – traços que se refletiam até no cultivo da terra, por métodos predatórios semelhantes aos da mineração.

Em *Leite Derramado*, a família de Eulálio fez parte da colonização brasileira na integração de seus ancestrais por parte de mãe com os caçadores de índios, já citados anteriormente, correspondentes aos bandeirantes que exploraram o interior do Brasil na época do Brasil colônia.

Sérgio Buarque de Holanda procede a uma investigação sobre a identidade nacional. Num momento em que a psicologia vinha se desenvolvendo muito e a sociologia começava a perder seu caráter altamente “científico”, o autor procurava um conceito sobre a essência do homem brasileiro. Perpassando por vários momentos da história do país, Sérgio Buarque construiu, em *Raízes do Brasil*, um panorama histórico no qual inseriu o “homem cordial”; segundo ele, fruto de nossa história, originada da

colonização portuguesa, de uma estrutura política, econômica e social completamente instável de famílias patriarcais e escravagistas.

Para tentar elaborar tal conceito, ele busca, nas raízes desta sociedade, uma explicação para o atraso social existente no país. Ao mesmo tempo, produz hipóteses para uma possível superação deste retrocesso.

Segundo Sérgio Buarque, a formação do Brasil contemporâneo está diretamente ligada às origens da sociedade brasileira, ou seja, encontra-se atrelada à colonização e ao seu legado cultural, político e institucional. Assim, o tradicionalismo da política brasileira vem de seu passado ibérico, ou seja, de suas raízes.

Sérgio Buarque percebe que a modernização é impedida pela herança de uma tradição ibérica e que a absorção das instituições portuguesas, dotadas de uma historicidade própria, traz consigo uma incompatibilidade com o ideal de desenvolvimento democrático e modernizado, evidenciando uma incapacidade de adaptação às necessidades existentes. É por meio desta compreensão que ele formula alguns conceitos fundamentais de sua obra.

O primeiro conceito que ele usa para explicar a sociedade através de suas origens é a “cultura da personalidade”. Para o estudioso, a cultura da personalidade baseia-se na frouxidão de laços sociais que implicam formas de organização solidária e ordenada. É uma cultura que atribui valor ao indivíduo autônomo e não à organização espontânea, formada pela coesão social. Por sua vez, este predicado está intimamente ligado à outra herança ibérica, que é a repulsa ao trabalho. Segundo Sérgio Buarque de Holanda:

A carência dessa moral do trabalho se ajusta bem a uma reduzida capacidade de organização social. Efetivamente o esforço humilde, anônimo e desinteressado é agente poderoso da solidariedade dos interesses e, como tal, estimula a organização racional dos homens e sustenta a coesão entre eles (BUARQUE DE HOLANDA, 1995, p.39).

O autor alude a um dos temas fundamentais do livro, que é a repulsa pelo trabalho regular e as atividades utilitárias de que decorre, por sua vez, a falta de organização. O ibérico não renuncia às fantasias em benefício do grupo ou dos princípios. Fiel a seu método, renuncia à personalidade por meio da cega obediência, única alternativa para os que não concebem disciplina, baseada nos vínculos consentidos e nascida, em geral, da tarefa executada com senso do dever.

“A vontade de mandar e a disposição para cumprir ordens são-lhes igualmente peculiares [aos ibéricos]. As ditaduras e o Santo Ofício parecem constituir formas tão típicas de seu caráter como a inclinação à anarquia e à desordem” (BUARQUE DE HOLANDA, 1995, p. 39).

Sérgio Buarque conclui o primeiro capítulo de seu livro, dizendo que as relações em Portugal não advêm do mérito, mas sim do privilégio, do *status*.

A segunda característica fundamental ao entendimento da sociedade contemporânea através de suas raízes é a “ética da aventura”. É por meio dessa análise que Sérgio Buarque explica como ocorreu a exploração das terras portuguesas no novo mundo. Também é, sob o mesmo argumento, que ele exhibe os conceitos antagônicos da figura do aventureiro, que “busca novas experiências, acomoda-se no provisório e prefere descobrir a consolidar” (BUARQUE DE HOLANDA, 1995, p.14); e do trabalhador, que “estima a segurança e o esforço, aceitando as compensações a longo prazo” (BUARQUE DE HOLANDA, 1995, p.14).

Para o estudioso, a colonização do Brasil foi promovida pelo espírito do português aventureiro, que exhibe a mobilidade e a adaptabilidade, que nega a estabilidade e o planejamento, que corrobora com a cultura do ócio e se distingue do tipo trabalhador e de sua ética do trabalho, que preza pelo “esforço sem perspectiva de rápido proveito material” (BUARQUE DE HOLANDA, 1995, p.44).

Ao comparar as cidades portuguesas com as espanholas, o estudioso define que o espanhol é um ladrilhador, que constrói suas cidades de forma a racionalizar o espaço. Ao contrário, o português é apenas um semeador, que sai semeando cidades irregulares que se confundem com a paisagem. Também é através dessa negação do trabalho, somada à falta de planejamento, a uma demanda de mercado e à pequena população do reino, que aparece um dos principais elementos da colonização portuguesa no Brasil: a escravidão do africano. Sérgio Buarque de Holanda afirma que os portugueses já eram mestiços antes dos descobrimentos e já conheciam a escravidão africana no seu país, confirmando o preconceito contra os negros, que era bem maior do que o preconceito praticado contra os índios no Brasil colonial. O trabalho mecânico era desprezado, pois só se fazia o que era lucrativo; fazendo com que não se conhecesse outro tipo de trabalho que não fosse o escravo.

Tendo como espelho a cultura Ibérica, que não faz renúncias em benefício ao próximo, os brasileiros não eram solidários entre si. A moral da senzala era a preguiça, sendo que a violência que ela continha era negadora de virtudes sociais. A

própria língua portuguesa era mais fácil para os índios e negros, o que ajudou muito na colonização. A lavoura de cana seria, nesse sentido, uma forma de ocupação aventureira do espaço, não correspondendo a “uma civilização tipicamente agrícola” (BUARQUE DE HOLANDA, 1995, p. 49), mas a uma adaptação antes primitiva ao meio, revelando baixa capacidade técnica e docilidade às condições naturais.

A escravidão, requisito necessário deste estado de coisas, agravou a ação dos fatores que se opunham ao espírito de trabalho, ao matar no homem livre a necessidade de cooperar e organizar-se; submetendo-o, ao mesmo tempo, à influência de um povo primitivo. O português, que não era afeito ao trabalho, precisava de uma mão-de-obra resistente para a exploração da colônia, encontrando-a nas mãos dos negros africanos.

Outro elemento que facilitou a comunicação no Brasil Colonial foi a Igreja Católica, com uma forma de se comunicar mais acessível do que as Igrejas Protestantes. Sérgio Buarque critica também os colonos holandeses que, com seu caráter urbano, quase liberal, não procuraram se fixar no Brasil, já que estas características não se adequaram às terras brasileiras. O pensador social conclui o capítulo mostrando que o resultado de tudo isso foi a mestiçagem, que possibilitou a construção de uma nova pátria.

Dessa forma, Sérgio Buarque de Holanda reconhece, com menos ênfase que em obras de outros autores como seu contemporâneo Gilberto Freyre, em *Casa Grande e Senzala*, o caráter mestiço da formação social brasileira, produto de ampla miscigenação com o índio e o negro. Ele faz a crítica da colonização portuguesa e da sua natureza aventureira e patriarcal. Tal característica é muito evidenciada na obra *Leite Derramado*, cujo protagonista é um racista, que nunca trabalhou e que foi moldado em uma cultura patriarcal – embora tenha ancestrais mestiços.

Na análise feita por Sérgio Buarque de Holanda, em seu *Raízes do Brasil*, encontra-se o terceiro conceito por ele formulado, “o ruralismo”. É nesta característica que aparece outro grande componente da sociedade brasileira, a família patriarcal. Esse conceito é importante, pois é desse tipo de família que provém o narrador protagonista de *Leite Derramado*, Eulálio Montenegro d’Assumpção, e dessa concepção familiar nascem os conflitos do romance.

A estrutura da sociedade colonial era rural. Tal sociedade se baseava na escravidão para desenvolver suas atividades econômicas. Por suscitar conflitos com a mentalidade urbana, o ruralismo entra em crise quando este declina, pois se baseia em valores e práticas ligadas aos estabelecimentos agrícolas. Há então uma dicotomia

básica, em *Raízes do Brasil*, que é a relação rural-urbana; marcando, em vários níveis, a face do Brasil. Isso pode ser visto quando analisamos quem detinha o poder na época colonial, ou seja, os senhores rurais. Sérgio Buarque ressalva, ainda, que mesmo os intelectuais brasileiros provinham do ruralismo, pois estes são os herdeiros intelectuais da terra - filhos de fazendeiros que foram estudar fora do país e trouxeram as ideias progressistas que se opunham à tradição ruralista.

Foi das atividades desses herdeiros intelectuais da terra que proveio o progresso social que liquidou a classe rural ao destruir sua base, isto é, a escravidão. Em virtude da Lei Eusébio, de 1850, que proibia o tráfico de escravos, todo o capital oriundo do tráfico foi canalizado para os melhoramentos técnicos próprios da civilização das cidades, que vinha de um conjunto de medidas de realizações materiais voltadas para o progresso e que constituiu uma primeira etapa para vitória dos mercadoras progressistas e especuladoras urbanas.

O fracasso desse primeiro arrojado, como o do Barão de Mauá, um dos banqueiros e industriais mais importantes do Brasil colonial, deveu-se à “radical incompatibilidade entre as formas de vida copiadas de nações socialmente mais avançadas, de um lado, e o patriarcalismo e personalismo fixados entre nós por uma tradição de origens seculares” (BUARQUE DE HOLANDA, 1995, p. 79). O Brasil não tinha a menor estrutura econômica, política ou social para desenvolver a indústria e o comércio.

Nesta época, as pessoas que tinham importância nas cidades eram as mesmas que tinham certa importância no campo. Assim, houve uma transferência de alguns costumes rurais para a cidade. A exemplo disso, os colonos brancos achavam ainda que o trabalho físico não tinha valor, e só o trabalho intelectual era digno desta classe. Com a Revolução Industrial, o trabalhador teve que produzir tanto quanto uma máquina para ter o seu lugar; o que nos mostra o quanto foi difícil, durante a Independência, ultrapassar os limites políticos gerados pela colonização portuguesa.

Para Sérgio Buarque de Holanda, a vida da cidade se desenvolveu de forma anormal e prematura. A paisagem natural e social ficou marcada pelo predomínio da fazenda sobre a cidade, pois na maior parte do ano esta ficava vazia. A cidade era frequentada por banqueiros, alguns comerciantes, marinheiros, entre outros. O costume da época era de se ir à cidade só para festividades ou para resolver assuntos práticos. A fazenda se vinculava a uma ideia de nobreza, lugar das atividades permanentes; refletindo, antes de qualquer coisa, o esforço dos colonizadores em manter o predomínio de suas influências mais do que uma imposição do meio.

A quarta análise feita por Sérgio Buarque em seu livro diz respeito ao ladrilhador. Neste capítulo, o autor estuda a importância da cidade como instrumento de dominação e as circunstâncias de sua fundação. Aqui chegamos a um dos momentos em que se nota a diferença entre o espanhol e o português, segundo a análise do pesquisador, já que a Coroa Espanhola, diferentemente da Portuguesa, criou cidades em suas colônias.

Nas reflexões propostas por Buarque de Holanda, o espanhol acentua o caráter da cidade como empresa da razão, de forma que previa rigorosamente o plano das cidades que fundou na América. Em sua maioria, buscava regiões internas ao modo de um triunfo da linha reta, ou seja, da organização minuciosamente calculada. A colonização espanhola preferiu adentrar para as terras do interior e para os planaltos.

Já a colonização portuguesa se concentrou predominantemente na costa litorânea. Para Portugal, suas colônias eram grandes feitorias, o interior do Brasil não interessava para a metrópole. As excursões dos Bandeirantes, quando não encontravam ouro, acabavam transformando-se em fazendas. Com a descoberta do ouro, a metrópole tentou evitar a migração para o interior da colônia onde havia abundância desse metal precioso e, com isso, Portugal melhorou a organização na colônia.

Sérgio Buarque continua suas considerações acerca da colonização portuguesa, sempre comparando-a com a espanhola. Mesmo que os portugueses fossem mais liberais que os espanhóis, mantinham firme o pacto colonial – um conjunto de regras, leis e normas que a metrópoles impôs às suas colônias durante o período colonial com o objetivo de fazer com que as colônias só comprassem e vendessem produtos de sua metrópole. Assim Portugal garantia seus lucros no comércio bilateral, proibindo a produção de manufaturas na colônia.

Prosseguindo com as considerações feitas por Sérgio Buarque, nas notas do quarto capítulo o autor trabalhou com a questão da vida intelectual tanto na América espanhola como na portuguesa, mostrando que na primeira ela era mais desenvolvida.

No Brasil, as barreiras impostas pela administração lusitana para o desenvolvimento intelectual aconteciam por causa do firme propósito de impedir a circulação de ideias novas que pudessem pôr em risco a estabilidade de seu domínio. Os portugueses, norteados por uma política de feitoria, foram ‘semeadores’ de cidades irregulares, nascidas e crescidas ao “deus-dará”, rebeldes à norma abstrata. Entendemos essa desorganização como consequência do não desenvolvimento intelectual, do qual só se desprenderiam no século XVIII com a chegada da imprensa ao Brasil, juntamente com a Família Real.

A recuperação do texto de Sérgio Buarque de Holanda é importante para entendermos a ficção de *Leite Derramado*, cuja construção narrativa está apoiada nas teorias de *Raízes do Brasil*. Dessa forma, a relação que encontramos com o crescimento desordenados das cidades portuguesas no romance *Leite Derramado* dá-se pela ilustração do processo de urbanização do Rio de Janeiro, representado pela verticalização das praias cariocas; mais especificamente, a praia de Copacabana, conforme se lê na passagem:

quando eu morrer, meu chalé cairá comigo, para dar lugar a mais um edifício de apartamentos. Terá sido a última casa de Copacabana, que então se igualará à ilha de Manhattan, apinhada de arranha-céus. Mas antes disso, Copacabana se assemelhará a Chicago, com policiais e gangsters trocando tiros pelas ruas, e ainda assim dormirei de portas abertas (BUARQUE, 2009, p.13).

Conferimos aqui o processo de modernização do Rio de Janeiro, que consistiu em reformas urbanas, nas quais foram demolidos vários imóveis (grande parte deles de habitação popular) para ampliação de vias e construção de prédios mais modernos; muitos deles de inspiração parisiense. Além disso, as novas e rigorosas normas urbanísticas acabaram por inviabilizar os subúrbios para as classes mais pobres, que foram desalojadas da área central da cidade obrigados a se instalar nos morros cariocas. Desta maneira, tal desordem se configura quando Eulálio diz que seu chalé é a última casa de Copacabana, não dando a ele outra escolha a não ser a de ceder à modernidade incontrolada do Rio de Janeiro:

Resisti um bocado à ideia de morar em edifício de apartamentos, me parecia promíscuo. Mas afinal me rendi às suas comodidades, e não hesitem em me procurar dia desses, vou lhes deixar o meu cartão. O edifício tem lá sua classe, com o hall de entrada metido a art déco, os vizinhos são discretos, os porteiros limpinhos (BUARQUE, 2009, p.38).

Vemos como Eulálio era apegado ao seu chalé de Copacabana, que o ligava embrionariamente a uma ideia elitista de ocupação de espaços e bem exemplificada na sua definição de um edifício de apartamentos e nos eu olhar preconceituoso, que vai desde sua concepção arquitetônica até a forma como se refere aos porteiros.

Na definição de Sérgio Buarque de Holanda acerca do Brasil perpassa a figuração de um país pacífico, brando. O brasileiro julga que ser obediente aos regulamentos, aos preceitos abstratos é o melhor caminho. Entretanto, o autor acredita

que é preciso acontecer uma espécie de revolução, para acabar com os resquícios de nossa história colonial e começarmos a traçar uma história nossa, diferente e particular. A ausência de partidos políticos ideologicamente bem definidos é um sintoma de nossa inadaptação ao regime legitimamente democrático.

Na ficção de Chico Buarque de Holanda essa questão partidária ilustra-se num momento em que os interesses particulares de Eulálio e de sua família fundem-se à opção política:

O pai de Matilde me recebeu com simpatia extrema, me garantiu que o filho do senador Eulálio d'Assumpção teria cadeira cativa em seu gabinete, ficou até de apressar minha filiação ao partido. Muito prosa, participei o sucesso à minha mãe, que teve uma reação destemperada, perguntou se eu já me havia esquecido do assassinato do meu pai. [...]E já ciente de que não podia enfrentar Matilde, mamãe me propôs uma mesada de três contos de réis, mais as obras no chalé, contanto que renunciasse à proposta daquele traidor. Acabei levando quatro contos, e de abono o Ford usado, depois de a fazer ver que um assessor de deputado federal não ganhava menos que isso (BUARQUE, 2009, p. 19).

No excerto acima, Chico Buarque ironiza a democracia ao colocar, por meio das lembranças de Eulálio, a facilidade que ele teve em mudar de ideia por ter conseguido uma “mesada” melhor com sua mãe. Mesmo alheio ao noticiário, o narrador estava informado sobre essa infidelidade partidária referente a seu sogro, que “se bandeara gostosamente para a oposição” (BUARQUE, 2009, p.19).

Segundo Sérgio Buarque de Holanda, com a cordialidade característica, o brasileiro dificilmente chegaria à “revolução”, que seria a salvação da sociedade brasileira. Esta passividade se reflete também nos traços da nossa intelectualidade, que possui uma mentalidade senhorial e conservadora.

Impossível não percebermos que o romance *Leite Derramado* encerra em sua textualidade a concepção de um Brasil mapeado por Sérgio Buarque de Holanda, em *Raízes do Brasil*, no que tange à ausência de objetividade no espaço público brasileiro, a aversão à construção de nossos costumes de forma exógena e as consequências do Homem Cordial para a nossa sociedade.

O Homem Cordial é o símbolo da relação social sem formalidade, que leva para a vida pública a vida privada, ao propor acesso à existência política através de relações sociais de proximidade e afetividade. O Homem Cordial não se dá com a

relação fria do Estado, e por isso essa instituição é tão fraca entre os ibéricos e, por conseguinte, entre os portugueses. Além disso, essa cordialidade não pressupõe bondade, mas apenas identifica que o Homem Cordial não se guia pela racionalidade, e sim pelas suas emoções. Essa emotividade pode ser boa ou má, apenas não será guiada pela razão.

Em vista disso, é através da investigação das raízes da sociedade brasileira que Sérgio Buarque de Holanda exhibe a origem do conservadorismo, que impede a modernização do Brasil através da constituição de um Estado Liberal. É através destas origens sociais que ele insere sua argumentação crítica e propõe uma revolução pautada pela reforma política, pela busca da meritocracia, da impessoalidade na vida pública, pelo planejamento, pelo resultado em longo prazo, ou seja, pela criação de algo que atenda às necessidades modernizadoras da nação. Para ele, a modernidade está inserida na cultura urbana, letrada, baseada no trabalho e no capitalismo.

As pluralidades textuais no romance *Leite Derramado* tornam-se visíveis, na medida em que os rastros históricos presentes na narrativa permitem ao leitor recorrer aos dados históricos, visto que esses se transformam em condições quase obrigatórias para a compreensão da fabulação da obra. A fábula do romance, assim, deixa seu próprio pertencimento, para voltar-se contra o leitor, fazendo-o perceber as atrocidades na construção de sua nação, assim como os reflexos da ausência de valores na sociedade contemporânea, tal como se percebe na análise sociológica de Sérgio Buarque de Holanda. As memórias desse velho centenário, dialogando com o mundo exterior, com a História, transformam-se, no romance de Chico Buarque, num painel da história da República Brasileira.

A Primeira República Brasileira foi o período da História do Brasil que se estendeu da proclamação da República, em 15 de novembro de 1889, até a Revolução de 1930 que depôs o 13º e último presidente da República Velha Washington Luís. O impedimento da modernização a que Sérgio Buarque se refere também pode ser percebido quando Eulálio fala dos negócios de seu pai.

Na narrativa do romance, confessa, além disso, os esforços de sua mãe, para que ela lhe conseguisse o emprego que fora do senador na Le Creusot & Cie – empresa com a qual o pai de Eulálio tinha negócios amieiros. Eulálio relembra ainda “o quanto lhe custara ao amor-próprio escrever seguidas cartas à Companhia, até conseguir para o filho o antigo posto do marido” (p.23).

É possível perceber ainda, na fala de Eulálio e em outro trecho do livro, referente à época da Primeira República, que ele também esteve presente neste período

histórico brasileiro: “Perguntou o que eu ainda fazia em casa, se o ministro da Guerra estava a caminho da restinga, possivelmente em companhia do presidente Washington Luís” (BUARQUE, 2009, p.31). Subsiste, de acordo com as teorias de *Raízes do Brasil*, a prática da política de favorecimento, muito comum na sociedade brasileira.

Uma outra referência que pode ser exemplificada seria sobre a produção de café no Brasil, na década de 1930. Sérgio Buarque menciona, em seu livro, a época de transição das riquezas provenientes do café, e sua posterior decadência. O café foi um produto que impulsionou a economia brasileira, desde o início do século XIX até a década de 1930. Concentrado a princípio no Vale do Paraíba (entre Rio de Janeiro e São Paulo) e depois nas zonas de terra roxa do interior de São Paulo e do Paraná, o grão foi o principal produto de exportação do país durante quase 100 anos.

As políticas governamentais de valorização do café, conforme instituídas no Convênio de Taubaté, em 1906, consistiam basicamente na compra, por parte do governo federal, dos estoques excedentes da produção de café por meio de empréstimos externos, financiados por tributos cobrados sobre sua própria exportação. No curto prazo, tal política ajudou a sustentar os preços internacionais do produto, dando suporte à renda dos exportadores. Porém, a médio e longo prazo, essa política deu uma posição de favorecimento do café sobre os demais produtos brasileiros de exportação. No final dos anos 1920, a República do Brasil entrou em crise, influenciada pela recessão dos Estados Unidos da América, que refletiu em uma crise cafeeira, fazendo com que os conchavos políticos das oligarquias brasileiras perdessem força. O presidente em exercício, Getúlio Vargas, foi derrotado nas eleições presidenciais de março de 1930 por Júlio Prestes, mas retomou o poder em novembro de 1930, após um movimento militar. O governo de Vargas foi autoritário e centralizado, caracterizado pelo populismo, pelo nacionalismo, pelo trabalhismo e tinha um forte incentivo à industrialização.

A crise internacional de 1929 exerceu um duplo efeito na economia brasileira: ao mesmo tempo em que reduziu a demanda internacional pelo café brasileiro, pressionando seus preços para baixo, impossibilitou ao governo brasileiro tomar empréstimos externos para absorver os estoques excedentes de café, devido ao colapso do mercado financeiro internacional. Todavia, o governo não podia deixar os produtores de café a sua própria sorte e vulneráveis aos efeitos da grande crise; o custo político de uma atitude como essa seria impensável para um governo que ainda estava se consolidando no poder, como era o caso de Getúlio Vargas no início da década de 30.

Em consequência da crise mundial de 1929, formou-se em São Paulo a Revolução Constitucionalista de São Paulo (1932) - um movimento armado a favor da

derrubada de Getúlio Vargas e de uma nova constituição brasileira. Em 1934 foi promulgada uma nova constituição, estabelecendo, entre outros fatores, o voto obrigatório para maiores de 18 anos. Após sua promulgação, o Congresso elegeu indiretamente Getúlio Vargas como Presidente da República. A Era Vargas foi composta por três fases sucessivas. A primeira foi o período do Governo Provisório (1930-1934), quando Vargas governou por decreto como Chefe do Governo Provisório, cargo instituído pela Revolução de 1930 enquanto se aguarda a adoção de uma nova constituição para o país. A segunda, o período da constituição de 1934 que se deu através da aprovação da nova constituição pela Assembleia Constituinte de 1933-34. Vargas foi eleito pela Assembleia Constituinte ao abrigo das disposições transitórias da constituição como presidente, ao lado de um poder legislativo democraticamente eleito. E a terceira se deu no período do Estado Novo (1937-1945), que começa quando Vargas impõe uma nova constituição, em um golpe de Estado autoritário, e dilui o congresso, assumindo poderes ditatoriais com o objetivo de perpetuar seu governo.

Na ficção de Chico Buarque de Holanda, o pai de Eulálio, senador Eulálio Ribas d'Assumpção, esteve envolvido com o *crack* da bolsa de Nova Iorque, pois gerenciava as fazendas cafeeiras que herdara do avô de Eulálio, pai do senador e comensal de Dom Pedro II:

Havia mais de um mês fora sustada a importação de café em toda a Europa, levando à falência os atacadistas sócios do meu pai. Em Londres, me falaram de calamidades financeiras, milhões de libras esterlinas fulminadas da noite para o dia, devido ao crack da bolsa de Nova York. Era o caso do espólio da família Assumpção, desafortunadamente aplicado no mercado de ações norte-americano (BUARQUE, 2009, p.16).

Podemos perceber, na citação acima, que a referência a uma parte importante da década de 30, época de grande exploração do café no Brasil e de influências políticas dos grandes latifundiários cafeeiros do país, encontra respaldo histórico na obra de Sérgio Buarque de Holanda.

É importante ressaltar que Sérgio Buarque surgiu na cena intelectual brasileira após a Revolução de 1930, procurando dar uma resposta teórica às mudanças sofridas pelo país sob o impacto econômico da industrialização e sob o impacto cultural do modernismo, interpretando o processo de formação do Brasil em busca de uma

identidade nacional. Por isso, a partir desse período, o Estado brasileiro passou a desempenhar um papel ativo na economia nacional.

Dessa forma, as cidades ganharam autonomia em relação ao mundo rural. O café traz mudanças na tradição, com legitimação da cidade. Tanto é que Sérgio Buarque observa, em seu livro *Raízes do Brasil* (1995) que “a terra de lavoura deixa então de ser o seu pequeno mundo para se tornar unicamente seu meio de vida, sua fonte de renda e riqueza” (BUARQUE DE HOLANDA, 1995, p.174).

Durante o governo de Getúlio Vargas, em consequência do cumprimento das promessas da Revolução de 1930, essa valorização das cidades foi acentuada com a criação dos Ministérios do Trabalho, Indústria e comércio e da Educação e Saúde Pública. E também com a criação do Código Eleitoral, que estabelecia o voto obrigatório, o voto secreto, o voto feminino e a Justiça Eleitoral; e ordenava novo alistamento eleitoral, o que ajudou a diminuir a fraude eleitoral no Brasil. Também houve a ampliação dos direitos trabalhistas, incentivando assim o crescimento das cidades. A ditadura de Vargas foi institucionalizada com o Estado Novo de inspiração fascista.

Ainda durante o governo de Getúlio Vargas, a Alemanha invadiu a Polônia em 1939, ano em que estourou a Segunda Guerra Mundial. No Brasil, navios mercantes foram torpedeados e houve forte pressão popular para que o governo brasileiro se aliasse aos Estados Unidos, o que ocorreu em 1942. Organizou-se a Força Expedicionária Brasileira (FEB), que combateu os alemães ao lado dos aliados. O fim da Segunda Guerra Mundial representou, também, o fim do estilo fascista de governo de Getúlio Vargas. Em outubro de 1945, um golpe militar liderado por Góes Monteiro e Gaspar Dutra, depôs o ditador. O cearense José Linhares, presidente do Supremo Tribunal Federal, assumiu o governo e convocou eleições, vencidas pelo general Gaspar Dutra. O novo presidente tomou posse em janeiro de 1946.

Conferimos estes fatos históricos por meio de breves menções que Eulálio faz a propósito do contexto histórico em que se encontrava, quando relata sobre as cartas que recebia do médico de sua mulher, o Doutor Daniel Blaubaum:

Eu andava cogitando no pai de Matilde, que conforme disse minha mãe, até no entourage do presidente Getúlio Vargas conseguira se enxerir. Minhas divergências políticas com o sogro estavam prescritas, a meu modo de ver, uma vez que no novo regime o Congresso fora fechado e nossos partidos nem existiam mais. E como sinal de que tampouco lhe guardava rancor por antigas pendengas de família, passei de táxi na escola de Eulalinha a caminho do palácio do Catete, a fim de apresentá-la ao avô com o uniforme que lhe lembraria a filha falecida. Não era a

primeira vez que eu entrava no palácio, ainda adolescente estive ali com meu pai, passei horas brincando nos jardins com os filhos do presidente Artur Bernardes (BUARQUE, 2009, p.53).

É importante esclarecer que o período de governo do presidente Artur Bernardes, citado no trecho acima, foi do ano de 1922 a 1929. A morte do pai de Eulálio era recente nessa época e ele começava a sofrer algumas restrições econômicas devido aos prejuízos ao espólio da família sofridos na crise de 1929. Também percebemos a dissolução do Congresso Nacional pela ditadura de Vargas e o estouro da Segunda Guerra Mundial; correspondentes, respectivamente, ao começo e ao fim do governo do ditador brasileiro. Esse é mais um exemplo de que, paralelamente à narração da história familiar dos D'Assumpção, há uma intenção de figurar uma História de país, em que se destacam, em ambas, os mesmos vícios de formação e de valores.

Sem perder de vista o estudioso Sérgio Buarque de Holanda, podemos afirmar que a frase que melhor define o espírito e a ambição de *Raízes do Brasil*, certamente é: “Vivemos entre dois mundos. Um definitivamente morto e outro que luta por vir à luz do dia” (BUARQUE DE HOLANDA, 1995, p.180). Tal frase pode servir, conforme a ideia defendida nesta pesquisa, de subtítulo ao romance *Leite derramado*, em que o personagem-narrador, Eulálio d'Assumpção, no esforço de contar sua história traz à tona o passado glorioso de sua família – passado definitivamente morto – e uma tentativa de construir uma nova história familiar, reorganizada por meio de confusos fatos que, parte desorganizados cronologicamente e parte inventados por sua memória de idoso, tentam dar novo contorno e significado a sua vida.

Em sua análise, Sérgio Buarque de Holanda deu alento a uma visão democrático-burguesa da História, num diagnóstico do "caráter nacional" que parte da avaliação do peso da herança do escravismo na sociedade brasileira, entrevendo o processo de formação das classes trabalhadoras, ainda tolhido por heranças da sociedade colonial escravocrata. Seu diagnóstico apontou o autoritarismo, a ausência de uma ética do trabalho, o gosto pelo ócio, o elogio da vida de grande senhor, como traços do caráter ibérico presentes no brasileiro e que se traduzem naquilo que aponta como nossa reduzida capacidade de organização social, a inclinação à anarquia e à desordem.

É assim que alcançamos algumas das referências de *Raízes do Brasil*, livro que se aplica com muita propriedade à ficção buarquiana, porque esses traços do caráter ibérico a que se refere Sérgio Buarque são os mesmos valores elitistas com os quais

Eulálio Montenegro d'Assumpção, o narrador protagonista de *Leite Derramado*, foi educado.

Para Eulálio, bem como a herança financeira provinda de seus ancestrais, esse autoritarismo, a ausência de ética, o ócio, também eram uma herança – a mesma herança deixada pelos colonizadores ao Brasil: a anarquia e a desordem.

Assim sendo, o estudo da obra de Sérgio Buarque de Holanda serve a este estudo como leitura crítica, de fundamentação sociológica e que nos permite evidenciar, com mais clareza, as questões que envolvem a história familiar de Eulálio D'Assumpção. Essa visão comparativa acentua o quanto a família do protagonista se envolveu com os grandes acontecimentos históricos, desde a menção à genealogia familiar, que despertou um aprofundamento no entendimento do romance buarquiano, até o relato de fatos que participaram e influenciaram mudanças políticas e econômicas do país, conforme se lê no trecho abaixo:

Naquela noite uma assessora ligou para avisar à minha mãe que não esperasse pelo senador. Sua Excelência ficaria retida até de manhã em assembleia permanente, ou em reunião de emergência no Ministério da Saúde, ou a portas fechadas com o presidente Epitácio, pois o governo se preparava para enfrentar uma epidemia de gripe pior que a espanhola. Nem bem bateu o telefone, mamãe ficou elétrica, começou a rodar pela casa, subiu e desceu a escada umas cinquenta vezes (BUARQUE, 2009, p.28).

Podemos ver a influência política exercida pelo senador Eulálio Ribas D'Assumpção ao ficar de portas fechadas com o presidente, aconselhando-o diretamente nas decisões sobre os interesses do país. Apesar de não ter nenhuma referência à alguma mudança política ou econômica provocada por um dos conselhos do senador, inferimos que sua influência não deixou de ser importante para tais decisões.

Mais adiante na narrativa, Eulálio continua seu relato explicando a origem da fortuna de sua família:

Mas o dinheiro dos Assumpção sempre foi limpo, era dinheiro de quem não precisa de dinheiro. Saiba a senhora que ao ganhar do presidente Campos Sales a concessão do porto de Manaus, meu pai era um jovem político bem-conceituado, sua fortuna de família era antiga. (BUARQUE, 2009, p.21).

Para Eulálio, legítimo representante da classe elitista, esse pensamento estava de acordo com a legalidade. Sob esse aspecto, a origem da fortuna de família não era contestável para o narrador; as coisas, segundo seu entendimento, obedeciam a uma ordem hierárquica natural.

Seu avô elaborou o projeto de criação da Nova Libéria, que seria viabilizado em “parceria com os colonizadores ingleses”, para “mandar todos os pretos brasileiros de volta para a África”; delimitou o local (Costa do Ouro); desenhou a bandeira e encomendou o “hino oficial ao grande Carlos Gomes” (BUARQUE, 2009, p. 51). Granjeou “[...] o apoio da Igreja, da maçonaria, da imprensa, de banqueiros, de fazendeiros e do próprio imperador, a todos parecia justo que os filhos de África pudessem retornar às origens, em vez de perambularem Brasil afora na miséria e na ignorância” (BUARQUE, 2009, p. 51). O que seria um grande negócio fracassou; até seus próprios escravos, “depois de alforriados, escolheram permanecer na propriedade dele.” (BUARQUE, 2009, p. 15). Mesmo com a frustração do empreendimento africano, o avô multiplicou a riqueza dos Assumpção: além de uma fazenda ao pé da serra no Rio de Janeiro, “Possuía cacauais na Bahia, cafezais em São Paulo, fez fortuna, morreu no exílio [...]” (BUARQUE, 2009, p. 15).

Conforme a narrativa, foi Napoleão Bonaparte que, em 1808, forçou a família real portuguesa a fugir para o Brasil, trazendo consigo o tetravô de Eulálio, iniciando assim a história dos D’Assumpção em solo brasileiro.

Em relação à escravidão, a família D’Assumpção usou largamente da mão de obra escrava em suas fazendas, em consonância ao comportamento de tantas outras famílias, representantes da oligarquia rural brasileira. Ainda que com ímpetus abolicionistas, os escravos, permanecendo nas terras avô de Eulálio por não encontrarem alternativas, continuavam a sofrer atrocidades.

O comensal de Dom Pedro II costumava exercitar o chicote num velho escravo alforriado: “O Balbino nem era mais escravo, mas dizem que todo dia tirava a roupa e se abraçava a um tronco de figueira, por necessidade de apanhar no lombo. E vovô batia de chapa, sem malícia na mão, batia mais pelo estalo que pelo suplício” (BUARQUE, 2009, p. 102). Buarque ficcionaliza, no romance, relações sociais de dominação e poder, demonstrando a dialética do senhor e do escravo, que, no limite, pode afigurar-se como uma espécie de servidão voluntária de uma linhagem familiar que é também retomada historicamente por meio de um instrumento de mando, símbolo do poder de dominação e opressão: o chicote.

Tal objeto era guardado “na biblioteca, atrás da enciclopédia Larousse” (BUARQUE, 2009, p. 102), que também identifica elemento de poder e de ilustração, e o senador o levava embaixo do paletó, quando ia encontrar as amantes. O chicote foi comprado pelo pai do tetravô do narrador (general que o brandiu contra a França de Robespierre), “próspero comerciante” do Porto, para fustigar os jesuítas; foi usado pelo trisavô para “dar lições a marujo indolente”, quando da vinda da corte portuguesa para o Brasil. Seu bisavô, legatário do instrumento, “[...] quando pegava negro fujão, açoitava com grande estilo. O golpe mal estalava era um assobio no ar o que se ouvia”; ele “apenas riscava a carne do malandro com a ponta da correia, mas o vergão ficava para sempre” (BUARQUE, 2009, p. 102); ou seja, a passagem do chicote de mão em mão através das gerações são marcas da história – as quais não se podem apagar.

Em sua narração espontânea, Eulálio tenta atestar alguns fatos lembrados com provas concretas, na tentativa de não deixar qualquer dúvida sobre a veracidade de seus relatos, como podemos ver abaixo:

Peça à minha mãe que lhe indique a escrivaninha barroca de jacarandá, cuja gaveta central é abarrotada de fotografias. Procure direito e me traga uma foto do tamanho de um cartão-postal, com um janeiro de 1929 escrito à mão no verso, que mostra uma pequena multidão no cais do porto, com um navio de três chaminés ao fundo. [...]Mas não me deixe de trazer também a lupa, que está sempre na gaveta menor, e vou lhe mostrar uma coisa. Num exame minucioso, pode-se notar na foto um único rosto, de um único homem voltado para a objetiva, e lhe asseguro que esse homem de terno preto e chapéu-coco sou eu. Nem adianta arrumar uma lupa mais potente, porque ampliada demais a fisionomia se deforma, não se vê boca nem nariz nem olhos, será como uma máscara de borracha com um bigode escuro. E ainda que a imagem resultasse nítida, os traços apurados do meu semblante, aos vinte e dois anos incompletos, talvez lhe parecessem menos verossímeis que uma máscara de borracha (BUARQUE, 2009, p.8).

Com uma conta simples, descobre-se facilmente que, se em 1929 Eulálio tinha 22 anos, seu nascimento ocorreu em 1907. Ou como ele se autodescreve, “Eulálio Montenegro d'Assumpção, 16 de junho de 1907, viúvo.” (BUARQUE, 2009, p. 20). No ano de seu nascimento o Brasil participou, pela primeira vez, de uma conferência mundial: a segunda Conferência de Paz em Haia, na Holanda, na qual o Brasil se fez representar pelo jurista baiano Ruy Barbosa.

O enredo do livro *Leite Derramado* enumera datas históricas, localizações, nomes de lugares famosos como o Cinema Pathé, na Cinelândia (1907-1999).<sup>2</sup> As fotografias a que ele se refere estão guardadas na escrivania de jacarandá, que aparece frequentemente durante a narrativa do romance, como podemos em outra passagem da obra:

Para fora, bradava Maria Eulália, enquanto eu revirava a escrivania, atrás do telefone dos meus advogados.[...] Finalmente o pastor Adelton se compadeceu da nossa situação, dizendo-se um homem de Deus, antes que agiota. E esperando em Deus que o irmão Eulálio em breve reapareceria são e próspero, nos ofereceu um teto provisório. Tratava-se de uma casa de um só cômodo pegada à sua igreja nos arredores da cidade, uma hospedagem sem dúvida modesta, porém decente. Assim no olho ele calculava que haveria espaço para a minha cama de casal, e com jeito a escrivania barroca que eu não dispensava (BUARQUE,2009, p.48).

O trecho faz menção ao momento em que o narrador perde o último apartamento que restara de sua herança, resultado de um empréstimo malfadado feito pelo tataraneto, com o qual pretendia pagar um carregamento de drogas. A escrivania de jacarandá, da qual o narrador não abria mão, representaria, portanto, o último elo com seu passado grandioso e nobiliárquico. O jacarandá, madeira de lei, é uma árvore fabácea, natural do Brasil, especialmente dos estados da Bahia, Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo. Ao se mudar para o subúrbio, a escrivania de jacarandá acompanhou nossa personagem principal, tornando-se um símbolo que, assim como o narrador, resistiu à passagem do tempo.

Em outro momento da história, ao percorrer o antigo caminho para a raiz da serra, Eulálio se lembra do “preto roliço” que foi seu amigo durante a infância, vivida entre o casarão de Botafogo do pai e a fazenda do avô, na raiz da serra:

Assunção, na forma assim mais popular, foi o sobrenome que aquele escravo Balbino adotou, como a pedir licença para entrar

---

<sup>2</sup>Cinelândia é o nome popular da região do entorno da Praça Floriano, no centro da cidade do Rio de Janeiro, no Brasil, englobando a área desde a Avenida Rio Branco até a Rua Senador Dantas, e da Evaristo da Veiga até a Praça Mahatma Gandhi. O nome *Cinelândia* popularizou-se a partir dos anos 30, porque dezenas de teatros, boates, bares e restaurantes instalaram-se na região, tornando-a referência em matéria de diversão popular. A Cinelândia foi também palco de algumas das manifestações políticas mais importantes da história do Brasil.

na família sem sapatos[...]. E o filho deste, Balbino Assunção Neto, um preto meio roliço, foi meu amigo de infância. Esse me ensinou a soltar pipa, a fazer arapucas de caçar passarinho, me fascinavam seus malabarismos com uma laranja nos pés, quando nem se falava em futebol. Mas depois que entrei no ginásio, minhas idas à fazenda escassearam, ele cresceu sem estudos e perdemos as afinidades. Só o reencontrava nas férias de julho, e então volta e meia lhe pedia um favor à-toa, mais para agradar a ele mesmo, que era de índole prestativa. (BUARQUE, 2009, p.6).

A referência ao negro Balbino Assunção Neto resguarda um costume característico das classes dominantes brasileiras, cujas histórias confundem-se ao período escravocrata brasileiro. Os negros eram incorporados aos bens materiais de forma natural, mas “sem sapatos”, o que denota a diferença de classes. A História do Brasil pode ser contada pelo uso dos sapatos, comum na classe dominante, em contrapartida aos pés descalços dos escravos ou pobres. Na história social brasileira, sapatos eram símbolos de dignidade e os chapéus de autoridade. O escravo Balbino entra na família pela porta dos fundos, posto que os lugares de cada um estão bem demarcados. A adoção da forma popular do sobrenome da família senhorial evidencia tal processo e registra a marca do pertencimento.

Não podemos deixar de notar, ainda, que a expressão ‘preto roliço’ remete à preguiça, lentidão; esse moleque amigo de infância de Eulálio engorda – segundo a visão de Eulálio – por não ter o mesmo trabalho pesado de seus ancestrais, provavelmente sendo empregado da casa com mais privilégios do que tiveram seu pai e seu avô, empregado do senador e escravo do comensal, respectivamente. Na passagem anterior, Eulálio diz que entrou no ginásio e não frequentou mais assiduamente a fazenda do avô. Em outro momento, ao falar do neto, esclarece que o colégio onde fez o ginásio era de padres:

Ensinei-o a ler, arranjei-lhe uma bolsa de estudos no meu antigo colégio de padres onde meu nome ainda abria portas. Apeguei-me ao garoto, que malgrado o Palumba no nome e as feições um tanto rústicas, pertencia com certeza à minha estirpe. Acompanhava-me aos sebos na cidade e me ajudava a desencavar fotografias do início do século, quando os Assumpção davam as cartas no país, conforme lhe ensinei. Foi ele quem encontrou uma foto de 1905 onde meu pai, jovem senador, aparecia de cartola numa comitiva do presidente Rodrigues Alves. Eu o levava de calças curtas ao Senado, fiz fotografá-lo na tribuna de onde seu avô tantas vezes discursou. O garoto não largava os livros de História, enchia a mãe de

orgulho com as notas do boletim. Enfronhado em política desde cedo, chegou ao ginásio em condições de discutir, de igual para igual com seus professores, a situação periclitante do país (BUARQUE, 2009, p.34.).

O colégio em questão é o Santo Inácio, dirigido pelos jesuítas. Em 1814, em meio ao novo cenário político europeu após as guerras napoleônicas, o papa Pio VII autorizou a restauração da Companhia de Jesus. De forma que os jesuítas retornaram à América e no Brasil, instalando-se inicialmente no sul do país. Somente em 1886 se fixaram no Rio de Janeiro, onde os padres ocuparam algumas residências provisórias na cidade até que, em 1900, estabeleceram-se num sobrado no bairro do Flamengo.

Em 1903, ocorreu a mudança para Botafogo, mesmo bairro onde o senador construía seu casarão e que, nas décadas anteriores, havia se consolidado como bairro de elite. Nesse bairro, os padres se estabeleceram numa chácara onde fundaram seu colégio, o Externato Santo Inácio. A casa já existente na chácara de Botafogo precisou passar por algumas reformas, para poder funcionar como instituição de ensino.

Outra associação que não pode deixar de ser mencionada é a Congregação Mariana de Nossa Senhora das Vitórias, fundada no dia 26 de abril de 1911 para reunir alunos e ex-alunos do Externato Santo Inácio, numa confraria devotada à Virgem Maria. Tanto o Apostolado da Oração quanto a Congregação Mariana – instituição onde Matilde, a esposa de Eulálio e a filha do casal estudaram – foram associações atuantes na história da igreja de Santo Inácio e Nossa Senhora das Vitórias, seja na construção e manutenção do templo ou nas obras sociais por ela promovidas.

Seguindo a análise do trecho explicitado, a situação periclitante a que Eulálio se refere corresponde à Ditadura Militar pela qual passava o país, que teve seu início com o golpe militar responsável pela derrubada do governo de João Goulart, presidente em exercício e democraticamente eleito.

Goulart procurava impulsionar o nacionalismo trabalhista através do movimento das reformas de base, resultado das aspirações de uma pequena parte da classe média e dos trabalhadores, bem como de uma minoria empresarial nacionalista. Porém, os setores mais conservadores, que em sua maioria eram militares, se opunham a tais reformas propostas por Goulart. Essas reformas abrangiam as reformas agrária, educacional, tributária, administrativa e urbana. João Goulart entendia que havia também a necessidade de maior rigor no controle das remessas de lucros ao exterior.

A oposição a essas reformas de base que criou o contexto para o golpe militar que deu início à Ditadura militar; regime instaurado em abril de 1964, sob o

comando de sucessivos governos militares de caráter autoritário e nacionalista. Apesar das promessas iniciais de uma intervenção breve, a ditadura durou 21 anos. Além disso, o regime pôs em prática vários atos institucionais, culminando com o AI-5 de 1968, que vigorou por dez anos.

A Constituição de 1946 foi substituída pela Constituição de 1967 e, ao mesmo tempo, o Congresso Nacional foi dissolvido; liberdades civis foram suprimidas e um código de processo penal militar foi criado, permitindo que o Exército Brasileiro e a Polícia Militar pudessem prender e encarcerar pessoas consideradas suspeitas, além de impossibilitar qualquer revisão judicial.

Além de nacionalista, o regime adotou uma diretriz desenvolvimentista, atingindo o auge de sua popularidade na década de 1970, com o "milagre econômico". O milagre econômico foi um projeto conduzido pelo então Ministro da Fazenda, Delfim Neto, e se deu pela abertura do país ao capital estrangeiro. Em consequência, dezenas de empresas multinacionais se instalaram no Brasil e os grandes fazendeiros passaram a produzir para exportação, fazendo com que o país crescesse rapidamente, se tal crescimento fosse comparado aos demais mercados latino-americanos. Foram atingidos altos índices de desenvolvimento econômico, sob a ideia do surto de progresso que o país estaria vivendo, ao mesmo tempo que o regime censurava todos os meios de comunicação do país e torturava e exilava dissidentes.

Para legitimar-se, o regime precisava divulgar a ideia de que era absolutamente necessário para garantir a segurança do país e proteger as instituições das investidas dos guerrilheiros, que passaram a ser chamados terroristas. Havia também promessas econômicas, sendo que as ações do governo ditatorial brasileiro tinham como objetivo final, por sua vez, um projeto de desenvolvimento econômico nacional que levaria o Brasil à condição de potência mundial.

O estabelecimento de uma imagem positiva do regime passava pelas estratégias de comunicação. O controle da sociedade se fazia necessário pelo autoritarismo característico ao regime militar, pois foi preciso recorrer ao apoio das mídias para obter o consenso da sociedade. Com sua propaganda oficial circulando na imprensa, os militares encontraram uma forma de assegurar o controle do sistema político e a administração dos focos de contestação, fosse na oposição armada ou na oposição permitida pelos mecanismos institucionais do regime.

Essa propaganda oficial consistia basicamente em dissipar o medo aos inimigos da pátria, ou seja, os comunistas – fortemente combatidos no cenário nacional e internacional. Justificavam ações militares como forma de proteger interesses de

segurança nacional em tempos de crise. No cenário internacional, o mundo se dividia entre o bloco capitalista, liderado pelos Estados Unidos, e o bloco socialista, liderado pela então URSS; época mais conhecida como Guerra Fria. Era com este tipo de propaganda que os militares tentavam se perpetuar no poder.

A ditadura perdeu força quando o governo não conseguiu mais estimular a economia, controlar a inflação crônica e os níveis crescentes de concentração de renda e pobreza provenientes de seu projeto econômico. O governo aprovou a Lei de Anistia para os crimes políticos cometidos pelo e contra o regime; as restrições às liberdades civis foram relaxadas e, em 1984, eleições presidenciais foram realizadas com candidatos civis.

Apesar do combate aos opositores do regime ter sido notoriamente marcado por torturas e mortes, as Forças Armadas admitiram oficialmente que possam ter havido tortura e assassinatos, pela primeira vez, em setembro de 2014, em resposta à Comissão Nacional da Verdade. O documento, assinado pelo Ministro da Defesa, Celso Amorim, menciona que "o Estado brasileiro [...] já reconheceu a ocorrência das lamentáveis violações de direitos humanos ocorridas no passado". Apesar das várias provas, os órgãos internos da Marinha do Brasil, do Exército Brasileiro e da Força Aérea Brasileira, foram uníssimos em afirmar que em suas investigações, não encontraram evidências que corroborassem ou negassem a tese de que houve "desvio formal de finalidade no uso de instalações militares". A ditadura acabou quando José Sarney assumiu a presidência, o que deu início ao período conhecido como Nova República.

Em *Leite Derramado*, existem várias menções à ditadura militar. Conforme se vê no trecho abaixo, ele se desdobra no tempo; recuando cronologicamente até a morte do seu neto, Eulálio d'Assumpção Palumba, neste período:

Se vier o comunismo, Eulálio d'Assumpção Palumba chegará provavelmente a algum bureau político, a um conselho de ministros, se não ao comitê central do partido. Mas em vez do comunismo, veio a Revolução Militar de 1964, então tratei de lhe lembrar nossas antigas relações de família com as Forças Armadas, até lhe mostrei o chicote que pertenceu ao seu sexto avô português, o célebre general Assumpção. Mas na sua pouca idade, Eulálio era ainda vulnerável à influência de gente insensata, talvez mesmo de uns padres vermelhos. Ou então lhe subiu à cabeça o sangue quente de calabrés, só sei que ele cismou de ser um herói da resistência. Trouxe um mimeógrafo para casa, imprimia panfletos, em vão tentei lhe explicar que o heroísmo é uma vulgaridade. (BUARQUE, 2009, p. 34).

O narrador descreve, no excerto, como seu neto virou comunista, lutou contra a Ditadura, foi perseguido, capturado e morto em seus porões. No decorrer da narrativa, faz breve alusão ao apoio que uma ala da igreja deu à luta contra a Ditadura de forma levemente irônica, quando menciona os “padres vermelhos”. Eulálio foi buscar seu bisneto no hospital do Exército e, assim como fez com o neto, criou-o como se fosse um filho.

Mesmo nos momentos mais críticos, ainda tenta usar o nome da sua família para escapar da situação adversa, como se a simples menção da sua tradição familiar resolvesse qualquer contrariedade. Quando diz que “na sua pouca idade, Eulálio era ainda vulnerável à influência de gente insensata”, não há como saber se ele fala do neto, que está sob a influência da luta estudantil contra a ditadura – ou seja, essa gente insensata –; ou se fala dele mesmo, referindo-se ao tempo no qual ainda era jovem, vulnerável.

Cogitando que o neto poderia se aliar aos militares, Eulálio tenta acalmar sua filha, Maria Eulália, que se desespera ao se dar conta do desaparecimento do filho. Ao obtermos apenas a visão do narrador-personagem de Buarque, que não assimila o tempo presente e não consegue se identificar nele, notamos que Eulálio, ao mesmo tempo em que tem incertezas e as repassa no seu relato, traz em si todas as vozes de seus familiares.

As versões para o nascimento do bisneto não são claras. Ele não tem certeza se quem foi buscado no hospital do Exército foi o neto ou o bisneto. Vemos que Eulálio perde-se frequentemente quando tenta relatar os fatos mais recentes. Ao repetir a história, confundindo o neto com o filho que esteve na cadeia e a forma que educou a ambos, não se sabe, dessa maneira, quem Eulálio ensinou a abrir portas ao invés de ler, fez fotografar de calças curtas com padres vermelhos ao invés de fotografar no Senado.

Desse modo, Eulálio, levado por seus delírios ou por sua dor, divaga sobre os acontecimentos, deixando sobre eles a imprecisão da sua memória ao colocar diversas versões para os eventos de suas narrações. Nas instâncias do sonho, do delírio e da memória encontram-se imbricados fatos acontecidos, fatos parcialmente lembrados e algumas lacunas, que dão ao texto narrativo uma mobilidade atípica, que se configura verossímil com as lembranças de um velho centenário.

A abordagem da trajetória do protagonista na obra memorialística *Leite Derramado* constrói-se, assim, mediante um discurso da memória, disposto numa sintaxe narrativa que revela seus lapsos mentais e expressam sua proximidade com a oralidade. A desordem com que as lembranças de Eulálio se manifestam,

descontinuadas pelos capítulos, evidencia um verdadeiro fluxo de idas e de vindas ao tempo narrado, fazendo-o insistir nas lembranças dos fatos, pois não pode mais ocultar as licenciosidades que acompanham a saga familiar – aquelas diferenças solapadoras de quatro genealogias que se idealizam em identidades tautológicas, pretendendo se perpetuar, em sua suposta pureza, iguais a si mesmas.

Entretanto, veremos, no próximo capítulo, que há uma outra história que se cola à ficção, de forma implícita, apenas sugerida, mas que merece ser ouvida; e refletiremos sobre tal questão de forma a tentar esclarecê-la.

Doente e decrépito, no hospital, Eulálio desfia sua história de família e suas memórias confundem-se, enovelam-se, vão e voltam no tempo. O leitor, submerso na confusão de vozes e personagens que se destacam na narrativa, é ainda instado a ouvir a voz do autor, que, significativamente, também entranha na história, embolando sua fala à do personagem Eulálio, destecendo os limites da ficção.

Para o leitor de Chico Buarque e o que o acompanha, desde sempre, na sua carreira musical, há qualquer coisa de semelhante entre a narrativa de *Leite Derramado* e a letra da canção “O Velho Francisco”, que integra o álbum *Francisco*, lançado em 1987:

#### O Velho Francisco

Já gozei de boa vida  
 Tinha até meu bangalô  
 Cobertor, comida  
 Roupa lavada  
 Vida veio e me levou  
 Fui eu mesmo alforriado  
 Pela mão do Imperador  
 Tive terra, arado  
 Cavalo e brida  
 Vida veio e me levou  
 Hoje é dia de visita  
 Vem aí meu grande amor  
 Ela vem toda de brinco  
 Vem todo domingo  
 Tem cheiro de flor  
 Quem me vê, vê nem bagaço  
 Do que viu quem me enfrentou  
 Campeão do mundo  
 Em queda de braço  
 Vida veio e me levou  
 Li jornal, bula e prefácio  
 Que aprendi sem professor  
 Frequentei palácio  
 Sem fazer feio  
 Vida veio e me levou  
 Hoje é dia de visita  
 Vem aí meu grande amor  
 Ela vem toda de brinco  
 Vem todo domingo  
 Tem cheiro de flor  
 Eu gerei dezoito filhas  
 Me tornei navegador  
 Vice-rei das ilhas  
 Da Caraíba  
 Vida veio e me levou

Fechei negócio da China  
 Desbravei o interior  
 Possuí mina  
 De prata, jazida  
 Vida veio e me levou  
 Hoje é dia de visita  
 Vem aí meu grande amor  
 Hoje não deram almoço, né  
 Acho que o moço até  
 Nem me lavou  
 Acho que fui deputado  
 Acho que tudo acabou  
 Quase que  
 Já não me lembro de nada  
 Vida veio e me levou.<sup>3</sup>  
 (BUARQUE, 1987)

Não pode escapar à leitura o fato de que o título da música remete a Francisco, ou seja, o autor inscreve seu nome na canção. A letra apresenta uma narrativa que, assim, como no romance *Leite Derramado*, parte da voz de um sujeito que, acamado num hospital, rememora confusamente uma história. Seu passado, recuperado de forma delirante, funde-se ao “hoje” em que não lhe deram almoço, não lhe lavaram e em que ele próprio se autoneomeia um “bagaço”.

Importa recuperar o tempo da composição da música. Era o ano de 1987, em que foi convocada a 5ª Assembleia Constituinte, presidida por Ulysses Guimarães. O propósito era a elaboração da nova Constituição brasileira, promulgada em 1988, que daria o tom de um Brasil recém integrado aos caminhos da democracia, após o fim da ditadura militar. A recuperação desse tempo condiz com a mensagem que se delineia na composição musical: “passar o Brasil a limpo”, recuperando dados de sua história.

Negro alforriado, o personagem, o eu lírico, vai experimentando vários empreendimentos, que, a seu modo, contam a história do Brasil. Se não há palácios, ele se torna navegador e torna-se novo imperialista, no início do século XX, e, assim como muitos países europeus e como os Estados Unidos, também se torna “vice-rei das Ilhas da Caraíba” (ou Ilhas do Caribe). Perdido o poder sobre as ilhas devido às guerras de independência, ele tenta a China como novo negócio lucrativo, e chega a possuir minas de prata e jazidas, mas toda a riqueza é perdida também. Cada mudança em sua vida, e na vida do país, é marcada pelo refrão “Vida veio e me levou”, que garante a circularidade da narrativa.

---

<sup>3</sup> Buarque, Chico, O velho Francisco, 1987, Disponível em:  
[http://www.chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=ovelhofr\\_87.htm](http://www.chicobuarque.com.br/construcao/mestre.asp?pg=ovelhofr_87.htm)..Acesso em:  
 06/06/2016.

Tal como acontece no romance *Leite Derramado*, as imagens do sucesso do passado chocam-se às ruínas do tempo presente. No livro e na canção, a condição de abandono e decadência do idoso deixam entrever imagens que evocam a panorâmica política e a condição social do velho, num mundo capitalista, relegado ao ostracismo e à solidão.

Eulálio e Francisco são personagens idosos que não têm outra ocupação além de lembrar: a lembrança é o único elo que os prende à vida, servindo-lhes de consolo, mediante a situação degradante em que se encontram, como se lê nas passagens: “hoje não deram almoço, né / acho que o moço até / nem me lavou”.

Além do refrão, a música repete os versos: “Hoje é dia de visita/Vem aí meu grande amor /Ela vem toda de brinco/ Vem todo domingo /Tem cheiro de flor”. Tal repetição é uma forma de atualização desse passado, vivificado no presente, muitas vezes a partir da invenção. O “ela” da canção encontra-se ao “Matilde”, do romance, pois, em ambos os casos, remetem a memórias confusas, mistos de verdade e invenção. A invenção ou esquecimento, como já defendido em outra parte deste estudo, é a estratégia para ajustar as contas com o passado.

Segundo Eclea Bosi, a função da lembrança é conservar o passado do indivíduo na forma que lhe é mais apropriada. O material indiferente é descartado, o desagradável, alterado, o pouco claro ou confuso simplifica-se por uma delimitação nítida, o trivial é elevado à categoria do insólito; e no fim formou-se um quadro total, novo, sem o menor desejo consciente de falsificá-lo (BOSI,1994, p. 68).

O que se pode ressaltar também é que, tanto na canção, quanto no romance, os velhos não manifestam aquela imagem de sabedoria, característicos da sua experiência e vivência. Nas duas obras, os velhos, personagens de Chico Buarque, findam-se em seus monólogos, sem espectadores, expondo tão somente a faceta de seu declínio e a decadência de seus projetos. Na mesma proporção, o Brasil, por trás da voz desses velhos, também desnuda o fracasso de seus projetos: a economia escravocrata, as conquistas imperialistas, o coronelismo, o poder adquirido por meios escusos.

Em entrevista concedida a Isabel Coutinho, em 2009, Chico Buarque relata ao blog da repórter, o Ciberescritasque, enquanto Francisco, o velho da canção, é absolutamente delirante, o personagem Eulálio tem momentos de delírio, mas apresenta momentos de lucidez. Apesar disso, não se pode deixar ao largo as semelhanças de ambos. Do mesmo modo que ocorre com o velho da música, as memórias do velho Eulálio vêm à tona de forma desordenada e os possíveis interlocutores a quem o personagem dirige seu discurso não o escutam. Trata-se, portanto, de um monólogo sem

ouvintes, quase como se o autor, de posse de sua liberdade estética, utilizasse, por vezes, da sua criatura para contar-se a si próprio.

Nos dois casos, o relato das memórias é a forma que os velhos narradores, Eulálio e Francisco, encontraram para se sentirem vivos, ainda que seus discursos fiquem esvaziados pela falta de ouvintes. Mas eles crescem, quando o percebemos em sua força confessional – é quase no divã do analista que suas histórias emboladas trazem à cena reminiscências que passam dos personagens para o autor.

Ainda mencionando a entrevista concedida a Isabel Coutinho, Chico Buarque admite que ouvir “O velho Francisco” desencadeou nele a ideia da escrita do romance, cujo personagem principal fosse um sujeito com idade avançada. Segundo o autor, o processo confuso de recordação de um velho indicava um caminho literário, parecendo-lhe um caminho moderno de narrativa. E um fragmento dessa entrevista, em especial, parece iluminar esse caminho de leitura:

Relatos de família, coisa que ouvi, estão no livro. Mas o nome Eulálio não. O nome Eulálio é um nome que existe na minha família e que se repete. Meu tetravô e meu tio se chamavam Eulálio. [...] O curioso é que o nome não foi pensado no início, mas há essas coincidências que são instigantes. Quando começo a encontrar coincidências, tenho a impressão de que estou no caminho correto. Já com o livro encaminhado fui descobrir o significado da palavra eulalia. A minha preocupação com a narrativa era tornar a fala ou a escrita –que é uma verborragia constante desse velho – fluida. Queria dar uma fluidez a essa narrativa que permite que alguns capítulos sejam, na verdade, parágrafos únicos. (COUTINHO, 2009, s/p.)

A revelação sobre alguns aspectos da escrita do romance são importantes para a compreensão do livro. Eulálio é o nome de batismo do narrador. Eulálio d’Assumpção é o legado herdado pelo narrador e transmitido aos seus descendentes. A sucessão dos personagens homônimos traça um panorama histórico do Brasil através da condição social em que cada um desses Eulálio se encontra, em seu tempo, de modo que mais do que personalidades individuais, o que o nome de família demonstra é a superfície social e moral por onde transitaram os personagens. A repetição do nome de família de Chico Buarque também resguarda esse legado social e moral inescapável, que se resvala em sua ficção. “Buarque de Holanda”, mais do que Eulálio, é um nome de cujo legado não se pode escapar. É determinante, por isso mesmo, a presença de Sérgio Buarque de Holanda, na construção histórica e social que perpassa toda a ficção de *Leite Derramado*, como já apontado em outra parte desta pesquisa. Ninguém pode se furtar ao peso de um nome.

A esse respeito, Pierre Bourdieu, sobre o nome próprio, afirma que:

“Designador rígido”, o nome próprio é a forma por excelência da imposição arbitrária que operam os ritos da instituição: a nomeação e a classificação introduzem divisões nítidas, absolutas, indiferentes às particularidades circunstanciais e aos acidentes individuais, no fluxo das realidades biológicas e sociais em constante mutação, todas as descrições seriam válidas somente nos limites de um estágio ou de um espaço. Em outras palavras, ele só pode atestar a identidade da personalidade, como individualidade socialmente construída, à custa de uma formidável abstração. (BOURDIEU, 1986, p. 187)

A abstração é, assim, um recurso utilizado por Eulálio, que dispõe de tempo para as reminiscências, para vasculhar na confusão de suas memórias as características suplementares à condição socialmente construída do nome próprio (carteira de identidade, certidões, fotografias). Assim, ao relatar as suas memórias, ele relata também as dos seus homônimos, e realça a presença de cada um desses indivíduos como sujeitos históricos, em cena na atuação de suas vidas. Por trás desses sujeitos fictícios, manifesta-se ainda outros sujeitos que povoam a memória e a história do autor Chico Buarque de Holanda.

Nesse sentido, há uma citação dentro do romance, que nos impele a ouvir com mais cuidado todas as falas que participam desse processo memorativo existente no romance:

Se com a idade a gente dá pra repetir casos antigos, palavra por palavra, não é por cansaço da alma, é por esmero. É para si próprio que um velho repete sempre a mesma história, como se assim tirasse cópias dela, para a hipótese de a história se extraviar (BUARQUE, 2009, p. 96).

Esse esmero, que se presume no arranjo da narrativa, também expressa um escritor que repete sempre sua história, identificando, na escrita da ficção uma busca de sentidos que também é da vida. Ao passar a limpo a história de vida de Eulálio, o autor intenta passar a limpo a História do Brasil, em que se conta também sua história familiar.

Conforme sabemos, o próprio Chico Buarque, como Eulálio, faz parte dessa casta de bem-nascidos, que estiveram sempre margeando as relações de poder, quer seja como protagonistas ou como opositores. Cumpre-nos, então, situar biograficamente o

intelectual, músico, poeta e escritor Francisco Buarque de Holanda, de maneira a expor a identificação do personagem principal do romance estudado neste trabalho com seu autor.

De acordo com a revista *MPB compositores*<sup>4</sup>, Chico Buarque nasceu em 1947 no Rio de Janeiro. Filho da ilustre figura do historiador Sérgio Buarque de Holanda e da pianista amadora Maria Amélia de Carvalho Cesário Alvin, foi no colégio Santa Cruz, depois de mudar-se com a família para São Paulo, que ele deu os primeiros passos em direção à música. O músico é também primo do famoso filólogo Aurélio Buarque de Holanda, autor do mais célebre dicionário de língua portuguesa no Brasil.

Muda-se com a família para a Itália, em 1953, e cresce em meio a intelectuais e artistas, entre eles o futuro parceiro, Vinícius de Moraes. Portanto, assim como Eulálio Montenegro d'Assumpção, Chico Buarque vem de uma família com uma longa lista de personagens ilustres. A seguir veremos algumas semelhanças entre a família Buarque de Holanda e a família d'Assumpção.

Segundo o blog *Buarque: uma família brasileira*, sobre o livro homônimo lançado em 2007 pelo economista e primo do compositor, Bartolomeu Buarque, a saga da família Buarque de Holanda começa no século XVIII, com Manuel Buarque de Jesus, fruto da união entre o padre Antônio Buarque de Lisboa e a filha do senhor do engenho de uma pequena vila em Alagoas, Ana Tereza, de 15 anos. Manoel Buarque de Jesus casou-se com Maria Magdalena de Holanda, iniciando assim a linhagem dos Buarque de Holanda.

Em *Leite Derramado*, a família dos d'Assumpção, segundo o narrador Eulálio, começa em Portugal por "um doutor Eulálio Ximenez d'Assumpção, alquimista e médico particular de dom Manuel I" (BUARQUE 2009, p. 51). A semelhança está nas épocas, pois segundo Bartolomeu Buarque, o primeiro Buarque de quem se tem registro em terras brasileiras foi Arnau de Holanda, embarcado na caravela que Duarte Coelho comandou para ocupar sua capitania, trazendo-o de Portugal para o Brasil em 1535. Sendo assim, tanto o médico de dom Manuel I quanto o marujo da família Buarque viveram no século XV. Outro personagem da família Buarque que viveu em época semelhante a um membro da família d'Assumpção - o avô de Eulálio, "um figurão do Império" (BUARQUE, 2009, p.6) foi Manoel Buarque de Macedo, ministro da agricultura no Império.

Apesquisa de Bartolomeu Buarque consta da análise de documentos entre os cartórios brasileiros e portugueses. Data do início da década de 70 e conta com

---

<sup>4</sup>*MPB compositores*, p.6-15, v.1. São Paulo: Globo, 1996.

acatologação de 15 mil documentos, e é lançada em duas versões: uma científica, com 1.200 páginas, e em uma versão romaneada, mais breve, para que a pesquisa não se tornasse maçante e, ao mesmo tempo, representasse boa parte do pensamento das épocas vividas pelos personagens do romance de Bartolomeu Buarque. Da mesma forma que Chico Buarque faz em *Leite Derramado*, o economista mistura ficção com fatos históricos, levantando a suspeita de que o livro de Bartolomeu Buarque influenciou a narrativa buarqueana.

Dando prosseguimento a biografia de Chico Buarque, a primeira vez em que seu rosto saiu estampado em um jornal de grande circulação foi nas páginas policiais do periódico *Última Hora* de São Paulo, em 1963, preso por furto de automóvel. Só depois dos festivais de música da TV Record que o reconhecimento público deu-se de fato, com músicas como “A banda” e “Roda Viva”, que se tornaram verdadeiros ícones para a juventude de então, vigiada pela ditadura militar. Lembramos que Chico Buarque foi perseguido pela ditadura, bem como o neto de Eulálio Montenegro d’Assumpção. Ainda segundo a revista *MPB compositores*, apesar de Buarque ter sido convocado para depoimentos forçados, não há registros de que ele tenha sido torturado. Diferentemente do destino do neto de Eulálio, que sumiu nos porões da ditadura, o autor de *Leite Derramado*, acuado pelos militares, resolveu se exilar na Itália - país onde morou enquanto criança.

Mesmo no exílio, as canções de Chico Buarque ajudaram a construir um retrato democrático no Brasil, pois relatou em suas letras o que acontecia no país. Sob a forma de metáforas, representou as frustrações, a ansiedade e os sonhos de liberdade que grassavam entre parte da população brasileira. A estratégia possibilitou o registro de alguns estereótipos populares, como o bêbado, o malandro, o pivete, a prostituta e a veiculação de muitas mensagens libertárias, que passavam despercebidas pelos censores da ditadura.

Somente em 1970, Buarque consegue voltar de seu exílio ao Brasil. Lança, no mesmo ano, a música “Apesar de você”, que virou hino de repúdio à ditadura. Em 1984, com a campanha das “Diretas Já”, a música de Chico Buarque, “Vai passar” satiriza os barões da ditadura da mesma forma que, em *Leite Derramado*, o autor satiriza uma das muitas passagens irônicas do romance, os d’Assumpção (como veremos adiante) no momento em que Eulálio se refere a um possível engano cometido pelos militares ao cumprir um mandado de busca contra o neto do narrador, pois para o centenário, todos os membros dos d’Assumpção são de “boa cepa” (BUARQUE, 2009, p.34)

Espelhando-se nos Buarque de Holanda de boa cepa, não podemos dizer que não há uma identificação de Chico Buarque com seu pai, Sérgio Buarque de Holanda, e seu avô, Cristóvão Buarque de Hollanda, químico e um dos fundadores da primeira faculdade de farmácia e obstetrícia da Universidade de São Paulo. Dizemos isso porque Buarque não se desviou da tradição dos Buarque de Holanda de produzir intelectuais, tornando-se também um intelectual.

Com a história do narrador centenário, vemos se desenrolarem na trama as identificações de Eulálio ao pai e ao avô; da mesma forma que Chico Buarque se identifica com seus antepassados mais recentes; e também as passagens com seu grande amor, Matilde, carregadas de erotismo e sensualidade. Nas passagens em que Eulálio retrata sua mulher, fica registrado o estereótipo da mulata, mais um dos tipos populares representados nas canções de Buarque - ou seja, mulher de curvas, seios fartos, quadril largo, o famoso “corpo de violão” tão desejado entre os homens.

Na trama buarqueana, Matilde é a representação desse mistério de sensualidade. Na passagem que segue abaixo, a mãe de Eulálio chega a questionar o porquê, entre sete irmãs, Eulálio se interessou justamente pela mais moreninha:

Minha mãe era de outro século, em certa ocasião chegou a me perguntar se Matilde não tinha cheiro de corpo. Só porque Matilde era de pele quase castanha, era a mais moreninha de sete irmãs, filhas de um deputado correligionário do meu pai. (BUARQUE, 2009, p. 9)

Há um mistério que acompanha os desejos da morena, mulata, que leva os homens a quererem desvendá-los, justificando assim a escolha de Eulálio. Sem perder de vista a genealogia da família Buarque, ainda segundo o blog *Buarque: uma família brasileira*, nesta genealogia também há a união entre um homem branco e uma negra: a do português José Ignácio Buarque de Macedo e a escrava Maria José. Apesar de analfabeta, ela foi a primeira mulher na família a colocar o estudo como prioridade, criando, como já foi dito, uma tradição de intelectuais dentre os descendentes Buarque de Holanda.

Outro ponto a ser observado é a forma de proteção aos descendentes da família d'Assumpção, que aparece sempre relacionada a fatores econômicos, bens materiais e patrimônio imobiliário. Como já foi dito, o próprio nome Eulálio é repetido em várias gerações, de forma a perpetuar uma posição social que é, antes de tudo, herdada, assim como os bens que pertencem à família. Na família Buarque de Holanda,

além da perpetuação do sobrenome, há registro apenas da herança cultural deixada pela tradição intelectualista.

Seguindo a prospecção de personagens famosos da árvore genealógica da família Buarque de Holanda, que se engendra no país pela influência cultural, sem deixar de fazer parte da historiografia brasileira - assim como fazem parte desta historiografia as figuras importantes da família d'Assumpção - começamos pelo o doutor Francisco de Borja Buarque de Macedo, filho mais velho da escrava Maria José e do português José Ignácio Buarque de Macedo. Professor de latim da primeira faculdade de direito do Brasil, em Olinda, fundada em 1827, possuía a mais importante biblioteca de Alagoas no século XIX.

Outro exemplo é o educador Manoel Ciridião Buarque de Macedo, um dos responsáveis pela implantação do ensino público no país. Seguindo seu exemplo, assim como Eulália seguiu o exemplo do pai, sua filha, Mary Buarque (escritora, compositora e musicóloga) foi a primeira mulher a fazer um programa infantil de rádio no Brasil, além de ter sido a responsável pela introdução do método Montessori no país, que privilegia a busca direta e pessoal do aprendizado, por meio do manuseio dos objetos e de atividades práticas no país.

Não deixamos de notar a semelhança entre os nomes Mary e Maria, de Maria Eulália, filha do personagem principal do romance buarqueano e a ironia entre as duas personagens: a primeira, realizadora de grandes feitos; a segunda, fracassou em todos os investimentos que fez em sua vida; e também o fato das duas famílias possuírem senadores. O senador da família Buarque é o Cristovam Buarque, responsável pela criação do projeto Bolsa-Escola e filiado atualmente ao PPS, o partido popular socialista; revelando, além de mais uma marca de ironia, que não é só na família d'Assumpção que há membros enveredados na política. E há histórias desencontradas, embaralhadas, que constituem a genealogia dos Buarque de Holanda e que muito se assemelham à da família Assumpção.

Nesse aspecto, serve-nos como exemplo e referência os versos da bela canção de Chico Buarque, que dá início a um pequeno histórico de família na canção "Paratodos": "O meu pai era paulista, meu avô pernambucano, o meu bisavô mineiro, meu tataravô baiano". A obra mais recente do autor *O Irmão Alemão* conta, em um relato de inegável caráter autobiográfico, a descoberta estupefata de um irmão que ele nunca conheceu pessoalmente (nem ele, nem ninguém da família, incluído o pai), fruto de uma aventura fugaz que Sérgio Buarque de Hollanda, o ilustre historiador brasileiro, teve em Berlim com Anne Marguerite Ernst, em princípios dos anos 30.

Concluindo tal prospecção, temos os exemplos mais recentes: Christovam Buarque de Hollanda, o lexicógrafo Aurélio Buarque de Holanda, autor do dicionário mais famoso do país; Sérgio Buarque de Holanda, Lula Buarque de Holanda, cineasta e empresário da cantora Marisa Monte; a cantora Miúcha, sua filha Bebel Gilberto, o responsável pela catalogação da família Buarque de Holanda, Bartolomeu Buarque, além do autor estudado no presente trabalho, Chico Buarque de Holanda.

Fizemos estas comparações para esclarecer a influência da história da família de Chico Buarque de Holanda sobre a história de Eulálio Montenegro d'Assumpção, sem perder de vista a ironia presente em toda a narrativa buarqueana, que tenta colocar os valores que se perderam ao longo da história do Brasil e da história de Eulálio em seu lugar devido, ou seja, na consciência das futuras gerações.

Ainda há uma importante declaração do autor, em entrevista, em que este declara que o livro *Leite Derramado* surgiu também inspirado nas conversas que teve com sua mãe, centenária. Foi sua mãe, moradora de Copacabana, que lhe falou dos navios “Capitão Polônio”, o “Lutétia”, o “Arlanza”. A partir dessa conversa, Chico Buarque declarou que começou a ler sobre o “Lutétia” e as histórias do livro foram se formando.

Esse capítulo encerra aqui as reflexões sobre as histórias que constituem a escrita de *Leite Derramado* e que constituem essa poética da memória tão imbrincada. O narrador, ao mesmo tempo em que faz uma revisão de sua vida, reflete a tênue constituição das memórias de um indivíduo, que deixa entrever, assim, a memória do próprio autor. O livro apresenta, portanto, um discurso metamemorialístico, construído a partir de uma retórica elaborada. Sobre esse aspecto discutiremos no próximo capítulo.

## **2 - Repetições, elipses e metáforas: a retórica memorialística em *Leite Derramado*.**

O presente trabalho analisou, no primeiro capítulo, a ótica das duas histórias que se passam no livro: as memórias de seu personagem principal, Eulálio Montenegro d'Assumpção, e uma História do Brasil, como vimos na análise do livro *Raízes do Brasil*, 1995, de Sérgio Buarque de Holanda; evidenciando o quanto a história da família Assumpção está atrelada à História do Brasil.

Isso demonstra um propósito inegável do autor em, por meio de uma saga familiar, rememorar criticamente uma dada história do país. No segundo capítulo deste trabalho, veremos como se dá o processo de construção da narrativa memorialística no livro *Leite Derramado*, de Chico Buarque de Holanda e optamos por desenvolver os seguintes problemas: como a memória de Eulálio seleciona os fatos para narrar? Em que medida as narrativas, perpassadas pela memória do narrador, possibilitam a reconstrução de seu passado autobiográfico?

Eulálio está mais presente no passado do que no futuro; tempo que o confunde e o descaracteriza. Nesta passagem, Eulálio faz uma comparação entre a vastidão dos seus 100 anos vividos, transfigurando seu passado em um salão de baile grandioso – onde cabem todos os seus antepassados – ao seu futuro. Pressente que este será breve e não terá o mesmo espaço grandioso para a juventude, para a modernidade. Este tempo futuro é tão estreito quanto o corredor do hospital onde ele se encontra internado.

Assim, Eulálio, além de lembrar-se do seu passado, entra em seus aposentos, nos grandiosos salões, sente as sensações de outrora, os cheiros. Passeia por esses espaços, recordando dos lugares que foram tão significativos em sua vida. Em uma outra passagem, podemos perceber o saudosismo de Eulálio com os salões do casarão de Botafogo:

Nos tempos do meu pai, sim, os banquetes no casarão eram célebres por atravessar a noite, reuniam políticos de todas as correntes e as mulheres mais deslumbrantes da cidade. Ardiam tochas no jardim, a casa cheirava à alfazema, até as estátuas estavam de banho tomado, e eu menino gostava de circular pelos salões silenciosos e solenes, minutos antes do início da festa. Gostava de ser o dono daqueles espaços ainda imaculados, só eu com minhas sombras a deslizar no mármore, diante de garçons perfilados como sentinelas (BUARQUE, 2009, p. 85).

A imagem do Eulálio menino, nos salões do casarão, representa um momento singular na infância do narrador. Ao circular pelos salões vazios, tinha a oportunidade de imitar o seu pai, ser o dono. Era o momento que tinha para se sentir pleno, sentir o mesmo poder do qual seu pai gozava. Eulálio sentia-se grande; era o seu momento, o momento no qual podia ser apenas uma criança brincando de soldadinho com os garçons das festas de seu pai.

Os salões silenciosos e solenes, espaços imaculados da infância de Eulálio transformam-se em salões espaçosos da memória, em sua idade avançada. Sendo a memória um recinto ao qual reabrimos na velhice, também se torna um refúgio contra a solidão e a morte para o personagem principal de Buarque.

A entrada e o passeio pelos vastos salões da memória de Eulálio se dá pelos portões da linguagem; portões estes que se abrem e se fecham conforme o narrador manipula sua memória – como veremos mais adiante. Dessa forma, a memória se torna um espaço com uma geografia peculiar com subidas e descidas, proeminências de percurso mutados; salões espaçosos transformados em acidentes mais que topográficos.

Eulálio tenta localizar nos salões de sua memória o momento em que, distraído, se perdeu de si mesmo. E nessa tentativa de entender o que aconteceu com sua vida, transmite suas reminiscências como uma necessidade de estabelecer um mapa de sua memória, com coordenadas que se interligam e fazem com que ele aventure-se a encontrar um caminho.

Nesse caminho a percorrer, o narrador se dá conta de que a memória é um lugar: “São tantas as minhas lembranças, e lembranças de lembranças de lembranças, que já não sei em qual camada da memória eu estava agora”. (BUARQUE, 2009, p. 139). Seu contar é viver o que ele não conseguiu fazer fisicamente no passado. Por isso ele transforma suas memórias em linguagem, perscrutando e organizando o que não foi vivido. Ao não contar algum fato, não falar, ou acrescentar nova memória a alguma história já conhecida, de certa forma perpetua os derramamentos de seus traumas e da memória, e seus efeitos, sobre o sujeito. As narrativas surgem, pois, da impossibilidade de recuperar sua vida. O que resta é a memória. Pura narrativa, elaboração do sujeito. A memória é, então, um lugar em que o tempo, distância entre os locais por onde Eulálio transita, se derrama.

O texto ficcional de *Leite Derramado* apresenta traços peculiares que merecem ser discutidos a partir do viés memorialístico, bem como um aprofundamento acerca das “confusões mentais” do narrador protagonista. Para isso, numa tentativa de

esclarecer como os esquecimentos e lapsos memorialísticos do narrador contribuem na construção da sua história, analisaremos como Eulálio seleciona os fatos para narrar, dando ênfase à leitura da retórica da memória, utilizada pelo narrador do romance. Percebemos, à primeira leitura, que o esquecimento, decorrente ora da idade avançada do personagem, ou derivado de um impulso proposital, é uma das características marcantes do discurso memorialístico de Eulálio d'Assumpção.

Paralela às pistas que Buarque deixa na narrativa como testemunhas da História do Brasil – que está dentro da história do personagem, como vimos no primeiro capítulo –, há a história inventada, manipulada pela retórica.

Verônica Daniel Kobs, em seu livro *Argumentação e Retórica*, diz que

Desde a Antiguidade clássica, a retórica foi fundamental na comunicação, por ter fornecido uma análise cuidadosa e aprofundada sobre as nuances que, na escrita e na fala, podem interferir decisivamente no sentido das informações transmitidas (KOBBS, 2012, p.12).

Com efeito, retórica é uma palavra com origem no termo grego *rhetorike*, que significa a arte de falar bem, de se comunicar de forma clara e conseguir transmitir ideias com convicção, fazendo com que um orador se comunique com eloquência. Seu objetivo é expressar ideias de forma mais eficaz e bonita, sendo também responsável pelo aumento da capacidade de persuasão do emissor.

A retórica corresponde à formulação de um pensamento através da fala, dependendo, em grande parte, da capacidade mental do orador.

De acordo com a retórica, o discurso pode ser dividido em cinco partes cruciais; sendo elas a invenção, a disposição, a elocução, a fixação e a ação. A invenção é o conjunto de todos os princípios relacionados com o conteúdo; a disposição, o que corresponde à estruturação das formas de conteúdo; já a elocução expressa o conteúdo de acordo com o estilo apropriado, ajustando-se ao que exige determinada situação. A fixação, por sua vez, consiste na memorização do discurso em questão, enquanto a ação é o próprio ato de proferir o discurso. Tais elementos serão importantes para entendermos as estratégias discursivas presentes na narração de Eulálio d'Assumpção.

A partir das reflexões apresentadas, não podemos esquecer que o nome do personagem principal de *Leite Derramado*, Eulálio, significa “boa fala”, ou fala correta, fala bonita; quase um sinônimo de retórica, conforme demonstramos. No entanto, os esquecimentos são marcas muito frequentes na fala de Eulálio, propiciando ambiguidade ao texto, já que o nome do personagem apresenta sentido contrário ao que

sua narrativa estabelece. Além disso, esse nome, marca familiar, repete-se em todos os sucessores, em gerações contínuas de “Eulálios”, cuja intenção parece ser a de perpetuar um estado de coisas, um *status quo*, destacando a intenção irônica do escritor ao escolher tal nome para seu personagem, cujo propósito parece ser o de criticar as tradições sociais brasileiras e todo um sistema de poderes viciado e desigual.

Para discutirmos sobre a memória nos apoiaremos, primeiramente, em Ecléa Bosi, no livro *Memória e Sociedade*, em que esta faz algumas reflexões sobre a memória dos velhos. Em seu livro, Bosi afirma que a lembrança é a sobrevivência do passado e o passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, aflora à consciência na forma de imagens-lembrança.

Segundo Bosi, definição da memória, sob essa perspectiva, por ser vista como sendo uma função conservadora da atividade mental que torna a vida psíquica contínua. A memória não apenas conserva o passado, mas atua na ação presente, possibilitando a continuidade da vida. Devemos considerar, entretanto, que não existe uma só memória, mas várias espécies de memória, cada qual em conformidade com atividades psíquicas envolvidas no processo de conservação de lembranças. No esforço de rememorar, o indivíduo não pode, é claro, trazer de volta a percepção original do acontecimento; ele extrai daquele momento uma parte ou fragmento, filtrados por emoções ou percepções que podem, com o passar do tempo, modificar-se.

Para Luís Costa Lima em seu livro *Sociedade e Discurso Ficcional* (1986), memórias são espécies de substitutos dos espelhos que, sendo metálicos e implacáveis, expõem os “desgastes dos traços, o torpor dos olhos, redondez (sic) do ventre”. Sendo assim, rememorar também significa estar frente a frente com nosso próprio desgaste, seja ele físico ou emocional. A partir dessa perspectiva, Eulálio D’Assumpção deixa exposta, em seu relato, sua visível dor frente às coisas que se deterioram em sua vida, ainda que resquícios de uma educação elitista deixe ranços inegáveis em seu relato.

A leitura da obra *A memória, a história, o esquecimento* (2007), de Paul Ricoeur, mostrou-se importante para essas reflexões. O autor argumenta que a memória pode arquivar dados mnemônicos, como pode, também, ressignificar as coisas; trata-se de um processo possibilitado pela rememoração. No ato de rememorar, encontramos implicitamente a ideia de se memorizar primeiro. Este pode ser um ato penoso para quem dele se utiliza. Entretanto, esse ato é de fundamental importância para que as experiências vividas não caiam no esquecimento.

Já mencionamos que a memorização de Eulálio é confusa, embaralhada, marcada por lapsos temporais e esquecimentos. No entanto, há fatos ou cenas que são

recobrados com nitidez impressionante, especialmente se considerarmos a senilidade do narrador.

Diante das reflexões aqui expostas, seria conveniente registrar que nem sempre o esquecimento é produto da distância temporal ou da idade avançada do personagem: às vezes assemelha-se a um esquecimento proposital, a uma espécie de censura que o velho impõe a seu passado, numa tentativa de editá-lo. Tal constatação é mais visível na maneira como ele fala de Matilde, sua esposa. O leitor demora a perceber o que ocorre entre ambos. Mesmo o amor do protagonista, declarado em muitos momentos, parece complexo, em meio aos preconceitos visíveis em relação à condição étnica ou social da mulher.

A substância da história narrada, já que os ilustres Eulálios são apenas uma linha do tempo que se estende do tetravô Eulálio ao narrador, também Eulálio, encontra-se nas relações que eles estabeleceram com a História do país e com a própria história de família. São essas histórias que emolduram o discurso dirigido às enfermeiras, à filha Maria Eulália ou a quem estiver presente em sua vida ou em sua lembrança. Ao obtermos apenas a visão do narrador-personagem de Buarque observamos que Eulálio, ao mesmo tempo em que tem incertezas e as repassa no seu relato, traz em si todas as vozes de seus familiares.

É perceptível, logo nas primeiras páginas, esse desejo intenso de o narrador de falar e falar, de encontrar alguém que o escute. Mesmo quando não há interlocutores, ele fala para as paredes, inventa, se confunde no grande fluxo de consciência que possui e expressa uma necessidade de exteriorizar os fatos armazenados em sua memória ou criados por seu desejo de existir. A falação desenfreada parece-nos, certamente, um desejo desesperado de procura de sentidos para a vida e, até mesmo, de sobrevivência. Contar, nesse caso, é sobreviver.

O personagem em questão acredita piamente que as enfermeiras registram por escrito o que ele lhes narra oralmente, acreditando que este documento, que contém as vivências e impressões sobre um mundo que já não existe, será, de alguma forma, depositado nas bibliotecas – por meio de livros, artigos, jornais e expressões artísticas. Há pois uma disparidade entre o que o discurso do personagem apresenta e suas ideias egocêntricas, como podemos ver no trecho abaixo:

Seria até cômico, eu aqui, todo cagado nas fraldas, dizer a vocês que tive berço[...]. Hoje sou da escória igual a vocês[...]. Do meu último passeio, só me lembro por causa de uma desavença com um chofer de praça. Ele não queria me esperar meia horinha em frente ao cemitério

São João Batista, e como se dirigisse a mim de forma rude, perdi a cabeça e alcei a voz, escute aqui, senhor, eu sou bisneto do barão dos Arcos. Aí ele me mandou tomar no cu mais o barão, desaforo que nem lhe posso censurar[...]. Agi como um esnobe, que como vocês devem saber, significa indivíduo sem nobreza. Muitos de vocês, [...] têm ascendentes escravos, por isso afirmo com orgulho que meu avô [...] conquistou o apoio da Igreja, da maçonaria, da imprensa, de banqueiros, de fazendeiros e do próprio imperador, a todos parecia justo que os filhos de África pudessem retornar às origens, em vez de perambularem Brasil afora na miséria e na ignorância. Mas a vocês nada disso interessa, e ainda aumentam o volume da televisão por cima da minha voz já trêmula. Eu queria dizer que meu avô foi comensal de dom Pedro II, trocou correspondência com a rainha Vitória, mas sou obrigado a ver essas dançarinas bizarras, tingidas de louro (BUARQUE, 2009, p. 14)

Essa passagem representa a decadência do narrador. No corredor do hospital onde se encontra, no meio a outros pacientes, ele resume a história de sua família com certo desdém, pois tem consciência de que os presentes não o entenderão, já que não procedem de “sua casta”. No seu discurso, são explícitas as marcas de preconceito e da incapacidade de ver o outro como a um igual. Sua narração, que tenta juntar os cacos de uma nobreza perdida, configura um triste paradoxo entre seu passado glorioso e sua debilidade física.

Isso fica claro quando o “chofer de praça”, ou seja, o taxista, manda-o às favas junto com o Barão dos Arcos, seu bisavô. Eulálio comenta ainda que agiu como um sujeito sem nobreza, um “esnobe”, numa demonstração de certa consciência crítica. Em seu discurso egocêntrico, não há nobreza em não prover recursos financeiros que proporcionem uma morte em lugar mais decente do que no corredor de um hospital público ou usar fraldas sujas. O corpo “cagado” é uma deprimente metáfora de uma oligarquia decrépita, na recente história brasileira.

Encontramos ambiguidades, quando ele comenta o projeto do avô para levar de volta os ancestrais dos descendentes de escravos que estão internados junto com o narrador para a África, a fim de tirá-los da miséria e da ignorância; comentando ainda que “a todos”, ou seja, todos os burgueses da sua casta, tal projeto parecia justo. Ora, o próprio Eulálio se encontra na miséria e é totalmente ignorante no que diz respeito à modernidade (isso é, o tempo em que vive), o que comprova a disparidade de seu discurso. Tanto que sua voz tenta ser calada com o volume da televisão; os presentes não estão interessados em ouvir os fatos históricos dos quais sua família foi testemunha. Ele, então, obrigado a ver a bizarrice das dançarinas tingidas de louro, conjuga o fluxo de sua consciência com a medíocre realidade que o cerca.

Existem, pois, duas características aparentemente contrastantes no discurso de Eulálio D'Assumpção: o excesso de fala – que muito se assemelha ao desespero de preencher os vazios da vida – e o esquecimento.

O esquecimento é uma condição especial e própria da memória, que versa na própria incapacidade de recordar, recuperar dados, informações ou experiências que foram memorizados. Segundo Paul Ricoeur na conferência *Memória, história, esquecimento* (2003), o lugar do esquecimento no campo da memória deriva da evocação que acaba de ser feita do dever de memória:

Este pode ser igualmente expresso como um dever de não esquecer: O esquecimento é, certamente, um tema em si mesmo. Diz respeito à noção de rasto, de que falamos antes, e da qual tínhamos constatado a multiplicidade das suas formas: rastos cerebrais, impressões psíquicas, documentos escritos dos nossos arquivos. O que a noção de rasto e esquecimento têm em comum é, antes de tudo o mais, a noção de apagamento, de destruição. Mas este processo inevitável de apagamento não esgota o problema do esquecimento. O esquecimento tem igualmente um pólo ativo ligado ao processo de rememoração, essa busca para reencontrar as memórias perdidas, que, embora tornadas indisponíveis, não estão realmente desaparecidas. De certa forma, essa indisponibilidade encontra a sua explicação ao nível de conflitos inconscientes. A esse respeito, uma das lições preciosas da psicanálise é que esquecemos menos do que pensamos ou cremos. (RICOEUR, 2003, p.6).

Ainda, segundo Ricoeur, a resistência para lembrar uma experiência traumática<sup>5</sup> se instala na compulsão para repetir um acontecimento em vez de rememorar-lo. Sendo a rememoração uma forma de trabalho, o rememorar do narrador de *Leite Derramado* se torna ambíguo exatamente por ser associado à compulsão de repetir suas lembranças, ora acrescentando novos fatos, ora os subtraindo, fazendo com que haja mais de uma possibilidade de interpretação. No comentário de Ricoeur feito acima, o esforço de não esquecer está ligado ao rasto que uma lembrança deixa no cérebro.

Por ser um tema em si mesmo, o esquecimento se espalha nas informações que absorvemos ao longo da vida; em documentos, impressões psíquicas, etc. O que não deve ser confundido é o esquecimento com o apagamento de tais informações. O apagamento, de certa forma, é o que a memória não registra, não resolvendo a questão do esquecimento – que é o fato de não recuperar informações já registradas.

---

<sup>5</sup>Trauma: Lesão local proveniente de um agente vulnerante, agressão ou experiência psicológica muito violenta. (<https://www.priberam.pt/DLPO/trauma>. Último acesso em 01/03/2016). Não nos interessa ler o livro, aprofundando-nos em sua complexidade psicanalítica. Preferimos centrar nossa análise nas peculiaridades retóricas do discurso.

Ricoeur diz ainda que o esquecimento está ativado ao próprio processo de rememoração, o que torna o esquecimento uma procura de memórias que apenas estão indisponíveis, no momento da rememoração. Em vista disso, as recordações são, por assim dizer, narrativas; e as narrativas são, necessariamente, seletivas. Se não somos capazes de nos lembrar de tudo, também somos incapazes de narrar tudo.

Considerando primeiramente o caráter psicológico da memória, é automática a ideia de que “lembrar” de algo requer a existência de um acontecimento e de um ator. Nessa perspectiva, temos a noção individual de memória, na medida em que entendemos que é preciso haver uma pessoa que participou do fato, seja como ouvinte ou como ator, que se lembre daquele fato e que possa relatá-lo e guardá-lo. Sendo assim, pelos próprios procedimentos específicos da memória, podemos reencontrar uma experiência, seja de característica traumática ou de bem estar, pelo trabalho da rememoração.

Em *Leite Derramado*, nesse trabalho de rememoração do protagonista, há alguns esquecimentos que merecem nossa reflexão, como veremos a seguir:

[...] Para uma mãe largar sua criança, só mesmo se outra criança a arrastasse pela cintura com a força de um amante. [...]. Sim, Matilde grávida talvez não a levasse mesmo, por já levar na barriga a criança do homem que a arrastou de mim. O que também explicaria seu comportamento nos últimos tempos, quando passou a me repelir. Sua mãe se alheou de tudo, da noite para o dia seu leite secou, nunca lhe contei essas coisas? Então me desculpe, esqueça, você deveria ter me advertido, dê cá um beijo. Vai ver que andei delirando, e de bom grado voltarei a falar somente de coisas que você já sabe. Se com a idade a gente dá para repetir casos antigos, palavra por palavra, não é por cansaço da alma, é por esmero. É para si próprio que um velho repete sempre a mesma história, como se assim tirasse cópias dela, para a hipótese de a história se extraviar [...] (BUARQUE, 2009, p. 26).

Nesta passagem o narrador expõe algumas teorias sobre os motivos que levaram ao desaparecimento de sua mulher, Matilde. Levanta a hipótese de um amante a ter arrastado, por carregar o filho de outro homem em seu ventre. Calcula também os motivos para que sua mulher tenha caído em profunda depressão, pois alheou-se a tudo, levando-a a não aceitar mais o carinho do marido. No entanto, por se tratarem de lembranças muito dolorosas, podem ser “esquecidas” pelo trauma causado ou por uma manipulação do narrador, que não consegue enfrentá-las.

Anteriormente ao exemplo citado, Eulálio está conversando com sua filha.

Imaginamos que, diante do espanto causado por seus relatos em sua atual ouvinte, ele desvia o assunto, como forma de se desculpar, por imputar a ela más lembranças sobre a mãe. Notamos um certo desconcerto no narrador acerca dos fatos que acabou de narrar e, tentando se justificar, diz que delira, e que não irá mais relembrar coisas desagradáveis.

Notamos sua senilidade no momento em que sua fala remonta casos antigos. O protagonista explica que a repetição dos mesmos fatos em suas narrações se dá por esmero, ou seja, para a história não extraviar, não se perder. Ao analisar esta passagem, podemos concluir que a complexidade que cerca os esquecimentos do protagonista enriquecem seu relato, pois esta causa dúvida, surpresa ou desconfiança no leitor.

Em seus estudos, Bosi faz uma reflexão sobre o fenômeno da memória e seu nexos íntimo com a vida social, detendo-se especialmente sobre a função da memória na velhice. Concentra-se no conceito de que esta serve para levar o sujeito às formas de comportamento que já foram testadas e aceitas como corretas pela sociedade na qual o sujeito está inserido, limitando a determinação do pensamento para uma percepção concreta do passado que, de alguma maneira, se conservou.

Nesse sentido, o passado, além de se conservar, atua no presente, mas não de forma homogênea. O corpo guarda comportamentos que, muitas vezes, ocorrem automaticamente na sua ação sobre as coisas e as situações cotidianas. Isso posto, o ato de memorização deve ser compreendido não como a ação de reservar passivamente os restos de associações apreendidas, mas como resultado do tratamento de informações sucessivas que se efetua em função de uma determinada estratégia condicionante da reminiscência.

A atenção especial dessa leitura à fala do velho, como elemento fundamental para se investigar o relato de suas memórias, obedece a dois fundamentos de análise: o primeiro centraliza-se no fato de que Eulálio, por ser velho e estar acamado em um leito de hospital, dispõe de mais tempo e disponibilidade para “rememorar”; o segundo considera que os caracteres da idade avançada e da senilidade promovem um emaranhado nas lembranças, que vêm à tona de forma caótica e desorganizada.

Os elementos da retórica discutidos anteriormente (a invenção, a disposição, a elocução, a fixação e a ação) não podem ser ignorados como parte das estratégias usadas pelo protagonista de *Leite Derramado*, sendo uma forma subsequente das informações reveladas a cada lembrança do narrador. O fato de Eulálio ter 100 anos de idade e de estar preso em um leito de hospital afirma o distanciamento entre o fato

acontecido e o narrado, o que impõe, sobre suas lembranças, imagens fugidias, esgarças e confusas.

Apesar disso, ainda se pode julgar a memória do velho de grande credibilidade, mesmo sem que ele esteja plenamente dentro de suas faculdades mentais pois, como reflete Ecléa Bosi, se há uma memória, é porque houve a sobrevivência do passado. O funcionamento regular da memória, dependente de uma série de fatores orgânicos e não somente de fatores intencionais escapa, em parte, à consciência clara que podemos ter dos nossos próprios estados.

Tendo no presente apenas a sua presença física, Eulálio acaba por embaralhar suas recordações; afinal, não se sabe ao certo se ele realmente não domina de todo suas lembranças ou se embaralha propositalmente os fatos, de forma a gerar confusão. De todas as formas, sentimos que o fundamento explicitado no título do romance, *Leite Derramado*, parece se reverberar no texto, pois em tudo vemos as marcas da irreversibilidade, do perdido, do que se incorpora ao passado e está irremediavelmente acabado. O que restam são ruínas, muito bem representadas pelo corpo decrépito e “cagado”.

Podemos afirmar isso ao perceber outro tipo de esquecimento sofrido pelo protagonista, por efeito dos fortes remédios a que foi submetido durante sua internação:

Esse Eulalinho criei como se fosse um filho, ensinei-o a ler, matriculei-o no colégio de padres onde meu nome abria portas, fiz fotografá-lo de calças curtas no Senado. Desde o princípio se mostrou um aluno sagaz, interessado em História do Brasil, discutia com seus professores de igual para igual, e um dia virou comunista. Diz minha filha que ele foi morto na cadeia, mas disso não se tem certeza, só sei que me telefonaram para buscar seu filho no hospital do Exército. Esse Eulalinho criei como se fosse um filho, ensinei-lhe a abrir as portas, fiz fotografá-lo de calças curtas com padres vermelhos, mas o sabor do remédio estava estranho[...]. Sinto uma queimação no esôfago, você me fez beber a soda e agora estou à morte. Mexa-se, não fique aí me vendo agonizar, pelo menos me dê minha morfina (BUARQUE, 2009, p. 19).

No excerto acima, a fala do narrador é a continuação da descrição sobre a prisão do neto durante a Ditadura Militar, estudada no capítulo anterior. Eulálio, já confuso sobre a identidade do neto, não identificando se este era o neto que discutia sobre história com os professores “de igual para igual”, ou o neto que fez “fotografar de calças curtas com padres vermelhos”; e não tem certeza de como este morreu.

Não podemos deixar de considerar que a frase “criei como se fosse um filho” é repetida. A questão do patriarcado, vigente na história social do Brasil e

reafirmada na saga dos “Eulálios”, cujos nome se repetem e tentam se perpetuar, é amargamente quebrada com a figura do neto. Depois do relato da prisão do neto comunista, o narrador pede morfina, não se sabe se para aliviar a dor do corpo doente ou a dor que lhe atormenta a alma.

A repetição dos fatos também evidencia uma ciência que o narrador têm do próprio estado, fazendo com que ele misture suas recordações aos delírios causados pelos remédios que consome. O sabor estranho do remédio nos faz intuir que, ao encontrar resistências ao que narra, Eulálio se esquivava, culpando seu ouvinte de tentar matá-lo. Mas não podemos esquecer que a compulsão que Eulálio sente em falar é uma maneira de manter-se vivo; portanto, quando não há uma disposição de ouvi-lo, a morte dá mais um passo em sua direção.

A percepção do delírio causado pelos remédios coloca em evidência a incapacidade de sua consciência em deliberar a existência de fatos que estariam escondidos, provocando seus esquecimentos. Os dados imediatos e presentes dos sentidos do protagonista estão misturados aos pormenores de suas experiências passadas. A consciência seria, então, a noção de tudo o que existe, mesmo que não se tenha contato durante a vida. A memória é, pois, esta reserva crescente a cada instante e que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida. Desse modo, Eulálio possui uma fraca percepção do presente; seu neto e, provavelmente, seu bisneto, são-lhe estranhos, pois tem suas lembranças relacionadas a eles de maneira despersonalizada.

Portanto, o método introspectivo da percepção, da consciência e da memória conduz a uma reflexão sobre a memória em si mesma como subjetividade livre e conservação espiritual do passado, sem que lhe parecesse pertinente fazer intervir quadros condicionantes de teor social ou cultural. Para Bosi, a memória é uma força espiritual prévia a que se opõe a substância material. A matéria seria, portanto, o único obstáculo que o espírito se defrontaria e que poderia levar ao esquecimento, pois ela bloqueia o curso da memória. Esse obstáculo seria vencido quando a percepção avançasse no presente, sem deixar de entreabrir a porta da consciência às pressões da memória. A seguir veremos algumas formas usadas pelo protagonista para editar suas memórias, a fim de ressaltar a glória outrora vivida e tentar achar alguma justificativa para os seus fracassos que tanto o envergonham.

## 2.1 O esquecimento proposital de Eulálio Montenegro d'Assumpção

Anteriormente, vimos alguns fatores que resultam nos esquecimentos de Eulálio, como o consumo de fortes remédios, ou a tentativa de esconder algum fato escuso. Desta forma, esclareceremos a seguir como acontecem os esquecimentos propositais de Eulálio.

Tendo por vezes a memória pressionada, outro fator pode ser levantado como uma estratégia da narrativa em *Leite Derramado*, o esquecimento proposital. No trecho abaixo verificaremos a forma com as lembranças de Eulálio moldam a narrativa, fazendo com que o leitor entenda somente o que lhe é permitido:

Mamãe amava o silêncio, e para o ressaltar, em breve voltou ao piano e retomou sua valsa muda. Mas quando o relógio deu dez horas, fechou a tampa com estrondo, chamou o mordomo com um sininho e mandou servir o jantar. Matilde levantou-se num pulo, como era do seu jeito, e postou-se na minha frente para ser admirada[...]; porém neste momento a memória me prega uma peça[...]. Cheguei às mãos sarapintadas da madame, de quem vi meu pai comprar um vestido rodado azul - celeste, na mesma semana em que foi assassinado[...]. Somente hoje, oitenta anos passados, como um alarme na memória, como se fosse azul-celeste a cor de uma tragédia, reconheço na mulher o vestido rodado que meu pai comprou na véspera[...] (já que) o tinha alisado por fora e por dentro, frente e verso[...]. E é quando o marido de relance olha para ela, que sorri para o meu pai, que olha para ela, que olha o marido, que olha meu pai, que olha o pianista cego, e ela ajeita os cabelos. É decerto uma cena crucial, mas que naquela noite negligenciei[...]. Acho que me perdi, me dê a mão. Sim, eu estava no jantar da minha mãe, e o mordomo me chamava com gestos agoniados. (BUARQUE, 2009, p.24)

A valsa muda da mãe de Eulálio referencia as lembranças que ele quer calar. A valsa que é muda ou mudas são as lembranças do narrador, que não podem ser ditas? Ao fechar a tampa do piano com um estrondo e chamar o mordomo com o delicado som de um sininho, intuímos a incerteza que Eulálio sente em revelar os fatos que viveu.

Seguindo com a análise do fragmento acima, a mulher de Eulálio levantou-se para ser admirada. No momento seguinte, sua memória lhe prega uma peça. Salta para o instante em que vê seu pai comprar o vestido azul-celeste para sua amante, entendendo, oitenta anos depois, o flagrante que aconteceu na sala de música, na última festa do casarão de botafogo. O vestido azul-celeste alisado por fora e por dentro é a vida de Eulálio, revista por todos os ângulos.

O drama do ciúme que acabou por matar o Senador, o mesmo ciúme doentio que fazia Eulálio ser violento com sua mulher, revelam a cena crucial da troca de olhares entre o senador, sua amante e o marido traído. A cena que foi negligenciada por Eulálio corresponde à tragédia em que se resumiu sua vida. Como um alarme na memória, assim como negligenciou a cena na sala de música, negligenciou a própria vida, enchendo-a de arrependimentos.

Ainda segundo Bosi, em seu livro *Memória e sociedade: lembranças de velhos*(1979), “no interior da lembrança, no cerne da imagem evocada, trabalham noções gerais, veiculadas pela linguagem, logo, de filiação institucional. É graças ao caráter objetivo, transubjetivo, dessas noções gerais que as imagens resistem e se transformam em lembranças (BOSI, 1979, p. 59). Entendemos que foi dessa forma que a imagem do pai de Eulálio e do vestido azul de sua amante resistiram na lembrança de Eulálio, trazendo o entendimento de tão enigmática cena oitenta anos depois. Ademais, há o rancor da suspeita por seu pai ter cometido adultério, encerrando o assunto de uma vez por todas quando sua cabeça fraqueja e ele se perde; voltando ao começo da história.

Nesse momento, podemos reportar à cena ao olhar de Capitu, no enterro de Escobar, na obra *Dom Casmurro*:

(...) A confusão era geral. No meio dela, Capitu olhou alguns instantes para o cadáver tão fixa, tão apaixonadamente fixa, que não admira lhe saltassem algumas lágrimas poucas e caladas... As minhas cessaram logo. Fiquei a ver as dela; Capitu enxugou-as depressa, olhando a furto para a gente que estava na sala. Redobrou de carícias para a amiga [a amiga é Sancha, viúva de Escobar] e quis levá-la; mas o cadáver parece que a retinha também. Momento houve em que os

olhos de Capitu fitaram os do defunto quais os da viúva, sem o pranto nem palavras desta, mas grandes e abertos, como a vaga do mar lá fora, como se quisessem tragar também o nadador da manhã. (ASSIS, 1994, p. 111)

No enxerto acima, observamos que é aplicado o método da leitura atenta (“close reading”) para descobrir ou redescobrir a maneira pela qual o bruxo de Cosme Velho construía seus enredos com base na exploração da linguagem, assim como faz Eulálio em suas narrações. No caso de Dom Casmurro, as duas palavras, olhos e ressaca, junto com as conotações a elas associadas (a ação de olhar, a presença constante do mar, e daí por diante) constituem uma espécie de fio condutor seguro, conferindo unidade e verossimilhança ao caráter da narrativa. O romance Dom Casmurro também faz uma menção ao olhar experiente do velho, nas primeiras páginas de seu relato, comentando que tenta atar as duas pontas da vida: a infância e a maturidade.

Como no livro de Machado de Assis, o leitor só pode contar com a versão do narrador, que, em ambas as histórias, está maculada pela dor. Salvaguardadas as diferenças, são as impressões de quem fala que dão à cena um dado significado. No caso específico de *Leite Derramado*, um olhar para outro, em ricochete, numa sequência rápida e muda, até parar no pianista cego, convenientemente.

Ao esquecer certos detalhes dos fatos, Eulálio mostra suas fraquezas, bem como os fatos de que se envergonha. Sabia que seu pai era adúltero, já que, às vezes, pedia sua garçonnière emprestada; repetindo, mais uma vez, um comportamento imoral herdado de seu pai. Voltando ao início do relato, se apoia no seu estado atual – velho e fraco – para, propositalmente, selecionar o que deseja ser contado.

Tais argumentos reforçam a tese de que podemos ler, sob diferentes aspectos, a narração memorialística de Eulálio. O narrador luta constantemente com a lembrança e o esquecimento, conforme vimos no trecho: “Ao passo que o tempo futuro se estreita, as pessoas mais novas têm de se amontoar de qualquer jeito num canto de minha cabeça.” (BUARQUE, 2009, p. 14).

No que diz respeito a abordagem dos problemas e do efeito de seleção da verdade, do tempo, da história ou o seu esquecimento, poderíamos seguir a linha de separação com a memória ao longo das etapas da constituição do conhecimento histórico narrado juntamente com a história inventada, já que Eulálio faz amplo uso do

esquecimento por imposição, numa tentativa de encontrar os porquês dos acontecimentos de sua vida. Sempre se tem a impressão de que Eulálio não saiu totalmente do passado – daí o seu esforço de lembrar e de reconstituir os tempos antigos –, porque se nega a ver claramente a derrisão do presente.

Com efeito, as consequências no que diz respeito à reapropriação do passado é a ideologização da memória e todas as espécies de manipulações dessa ordem. Essas manipulações só se tornaram possíveis por meio de variações como a evasão e a fuga, assim como o ato de esquecer propositalmente, que o trabalho de configuração narrativa dos textos proporciona. No trecho abaixo, podemos perceber esses elementos na narrativa buarqueana:

Meu pai ali muito compenetrado, e as cocotes nuinhas em postura de sapo, empenhadas em pinçar as moedas no tapete, sem se valer dos dedos. A campeã ele mandava descer comigo ao meu quarto, e de volta ao Brasil confirmava à minha mãe que eu vinha me aperfeiçoando no idioma. Lá em casa[...] na presença de empregados os assuntos de família se tratavam em francês[...]. E além do mais ela falava por metáforas, porque naquele tempo qualquer enfermeirinha tinha rudimentos de francês. [...] O sonífero não tem mais efeito imediato, e já sei que o caminho do sono é como um corredor cheio de pensamentos[...]. O médico plantonista vai entrar apressado, tomar meu pulso, talvez me diga alguma coisa. Um padre chegará para a visita aos enfermos, falará baixinho palavras em latim, mas não deve ser comigo. Sirene na rua, telefone, passos, há sempre uma expectativa que me impede de cair no sono[...]. Até eu topar na porta de um pensamento oco, que me tragará para as profundezas, onde costume sonhar em preto- e branco (BUARQUE, 2009, p. 5).

A manipulação consciente ou inconsciente que o interesse, a afetividade, o desejo, a inibição ou a censura exercem sobre a memória existe apenas para o propósito da recordação ou do esquecimento, conforme a intenção ideológica para cada situação vivida. As cocotes nuas em Paris remetem ao afrancesamento do Rio de Janeiro, que remetem ao hospital, ao padre, ao sono e ao sonho em preto e branco; revelando claramente a manipulação retórica que ele faz ao tentar ter atenção, mas acaba num mundo em preto e branco. Pelo fato de Eulálio acreditar que suas histórias estão sendo registradas por suas enfermeiras, ainda há a hipótese de o romance buarquiano ser uma versão, uma edição destas anotações, fazendo com que haja outra possibilidade de seleção dos fatos da narrativa. Em várias situações, a hipocrisia das relações familiares é camuflada por um refinamento apenas superficial.

O narrador queria que as histórias contadas pudessem ser relatadas às pessoas de seu convívio, quer estivessem próximas ou não, ou nos documentos escritos,

perpetuando, então, sua vida. À imobilidade física do paciente, marionete nas mãos dos maqueiros e das enfermeiras, opõe-se a riqueza dinâmica das lembranças, densas em seus matizes e na possibilidade de correlações.

Confirmamos, assim, que a linguagem atua diretamente nas rememorações de Eulálio, pois é o instrumento que lhe permite relatar o ocorrido e manifestar a sua opinião sobre os sentimentos, as pessoas e a vida. Durante o romance, é comum Eulálio lembrar-se de um fato e fazer associações, seja a partir de um comentário que faz a quem o escuta, seja a partir de alguma situação vivida no presente, como poderemos conferir a seguir:

E pelo visto, mais uma vez você veio sem os meus cigarros, que dirá os charutos. Que é proibido fumar aqui dentro eu sei, mas dá-se um jeito, também não estou lhe pedindo para entrar no hospital com cocaína. Vou lhe contar como um belo dia, em Paris, seu avô resolveu me levar a uma estação de inverno. [...]. Aos dezessete anos, segundo ele, já estava mais que na hora de eu conhecer a neve[...]. À noite demos entrada no hotel, munidos de botas e luvas e gorros de lã, pares de esquis e de bastões, todo o aparato. E eu já ia dormir quando papai me chamou ao seu quarto, sentou-se numa chaiselongue e abriu um estojo de ébano. Mas o que é isso, meu pai? É a neve, ora bolas, disse ele muito sério[...]. Com uma mini espátula separou o pó branquíssimo em quatro linhas, depois me passou um canudo de prata. Mas não se tratava dessa porcaria que idiota cheira por aí, era cocaína da pura, que só tomava quem podia (BUARQUE, 2009, p. 10).

A trajetória que Eulálio faz com a evocação de uma lembrança no excerto acima, que parte de uma reclamação à filha que se esqueceu dos seus cigarros, é o que o faz associar a palavra cocaína com a lembrança da primeira vez que seu pai o levou para “conhecer a neve” (BUARQUE, 2009, p. 10). O narrador acaba emendando histórias que, aparentemente, não têm nenhuma ligação entre si. Além do mais, sendo a cocaína uma substância capaz de provocar alucinações e prazer, temos uma lembrança que pode ter sido resultado de uma alucinação e não fruto dos fatos que viveu. Quando estamos contando algo para alguém, também podemos nos lembrar de outra história, parando a primeira para nos referirmos à segunda, sendo algo muito recorrente na expressão oral.

Para entendermos como acontece o processo da memória, Le Goff (1990) deposita, levando-se em consideração os aspectos biológicos e psicológicos, a ideia de atualização de vestígios mnemônicos num procedimento de releitura de dados como organização destes; denominando esse fenômeno de “comportamento narrativo”.

As implicações do método citado no fenômeno da memória, da ordenação e da releitura de vestígios caracterizam-se pela função social do ato mnemônico. Nesse contexto, é a linguagem que vai exercer a comunicação de duas ou mais épocas já que, na ausência de testemunhos ou provas válidas de um acontecimento histórico, registrará os motivos que constituem a evocação da memória, seja ela oral ou escrita.

Assim, Eulálio d'Assumpção, ao conversar com uma de suas enfermeiras, expõe a maneira como acredita que uma moça deve se portar e se vestir, e também os seus preconceitos com pessoas de outras classes que não a sua. Evocando suas lembranças, não consegue deixar de comparar a origem de sua enfermeira com a de sua mulher Matilde que, apesar da educação rígida, não se portava como uma dama da sociedade. No trecho abaixo, podemos perceber esses fatos:

Quando eu sair daqui, vamos começar vida nova numa cidade antiga, onde todos se cumprimentam e ninguém nos conheça. Vou lhe ensinar a falar direito, a usar os diferentes talheres e copos de vinho, escolherei a dedo seu guarda-roupa e livros sérios para você ler. Sinto que você leva jeito porque é aplicada, tem meigas mãos, não faz cara ruim quando me lava, em suma, parece uma moça digna apesar da origem humilde. Minha outra mulher teve uma educação rigorosa, mas mesmo assim mamãe nunca entendeu porque eu escolhera justamente aquela, entre tantas meninas de uma família distinta. [...] Só porque Matilde era de pele quase castanha, era a mais moreninha de sete irmãs, filhas de um deputado correligionário do meu pai (BUARQUE, 2009, p.29-30).

Vemos aqui como Eulálio executa o comportamento narrativo estudado por Le Goff. Ao descrever suas impressões sobre o comportamento humano, sua fala é impregnada pela função social que o personagem ali exerce com a atualização de suas lembranças. A tentativa de organizar, pela via da linguagem, o que aprendeu com sua experiência de vida é que vai fazer a ligação da época na qual ainda esbanjava vigor e riqueza com a época da fraqueza física e da degradação financeira.

A narrativa, ora em torrente, e sem pesar, se por um lado constata o desastre da vida de Eulálio, por outro, como memória falante que não quer se calar, a despeito de quem queira ouvir, evoca o papel do narrador como coletor e transmissor de experiências. Não se pode esquecer que o protagonista, bem como todos os membros de sua família, possuem o mesmo nome, Eulálio, não sendo mais que um eco entre gerações. A maneira como ele busca um sentido para si também passa pela repetição de suas memórias.

Em *Memória em sociedade: lembranças de velhos*(1979), diz que “uma lembrança é um diamante puro que precisa ser lapidado pelo espírito” (BOSI, 1979, p.25). Este trabalho de lapidação acontece por meio destas lembranças que são guardadas que, se não tiverem o trabalho da reflexão e da localização, elas seriam apenas imagens fugidias. “O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reparação”(BOSI, 1979, p.25). Verificadas estas reflexões, precedem e acompanham a evocação que foi guardada e repetida, para o caso de alguém precisar delas. Dessa forma, veremos como a repetição das lembranças de Eulálio se organizam na narrativa, já que não há evocação sem uma inteligência no presente, um homem não sabe o que ele é se não for capaz de sair das determinações atuais.

## **2.2 O passado no presente: repetições, percepções e a retórica por excelência**

Contendo 23 partes, o livro apresenta a saga de uma família em decadência, por meio de 23 conversas diferentes – cada uma dessas partes apresenta um novo relato, correspondente a cada dia de internação do personagem principal. São estas 23 partes que constituem formalmente a elaboração dessas memórias que trafegam descontinuadas pelos capítulos, confirmando o fluxo das idas e de vindas de suas memórias no tempo narrado. Estas idas e vindas se dão por meio das repetições dos fatos narrados pelo protagonista no romance, como já observado em alguns trechos desta análise. Assim como o esquecimento, a repetição é um recurso muito presente na narrativa.

Segundo Marco Antônio da Costa, em seu artigo “Cícero e a retórica do exílio: as figuras de repetição” (2013), as figuras de repetição se dividem em dois grupos: a repetição de partes de frase iguais e a repetição de partes de frase em igualdade abrandada. O primeiro tipo de repetição pode ocorrer por contato, quando as palavras repetidas aparecem sucessivamente; e o segundo tipo se refere à distância, quando entre as palavras repetidas há a interposição de outras palavras.

É este segundo tipo das figuras de repetição que melhor se encaixa na narrativa buarqueana, pois determinados fatos são acrescentados em algumas de suas repetições. Como o narrador personagem viveu 100 anos, ele não só ouviu muitas das histórias que conta, como também foi testemunha de tantas outras que estão presentes no romance buarqueano e detêm o fluir da informação, dando o tempo necessário para que se prenda os dados apresentados como importantes em seu contar.

Nesse sentido, a repetição tem um papel especial, pois sendo arrancada pelo narrador com grande esforço íntimo, necessitará abalar a alma do ouvinte para que este, ao contrário do protagonista, não esqueça do fato que está sendo repetido. O uso da figura de repetição da distância resulta, dessa forma, no aumento de um “sentido de presença” (COSTA, 2013, p. 128) do fato narrado. A repetição possui uma importante função argumentativa porque carrega consigo um valor psicológico e semântico que atribui força aos enunciados, provocando um grande impacto comunicativo sobre o leitor ou ouvinte.

Ainda na camada da memória, Buarque constrói essas repetições ao longo do romance ao colocar personagens de épocas diferentes dentro de uma mesma história ou relatando o mesmo fato com pessoa distintas exercendo a mesma função:

Até que uma noite atendi ao primeiro toque do telefone, eu não desistia de esperar pelo coronel Althier. Mas um delegado de polícia me perguntou se era da residência de Eulálio d'Assumpção Palumba Júnior. Corri ao motel Tenderly, onde meu bisneto jazia nu de borco num carpete com cheiro nauseante. Segundo o delegado, os funcionários do motel suspeitaram de um sequestro, quando viram entrar uma quarentona jeitosa num carro de luxo, tendo no banco do carona um jovem de aparência humilde. Hesitavam em chamar a polícia, quando ouviram seis estampidos, e não houve tempo de anotar a placa do carro que partiu em disparada[...]. Mas não precisava o delegado agadanhhar meu braço, porque eu não ia mexer no menino, só queria limpar com o lenço o sangue dos seus lábios carnudos[...]. Maria Eulália preferiu não vir comigo ao cemitério São João Batista. Os coveiros estavam de má vontade, e quando o caixão bateu com peso no fundo da tumba, o baque abafado me soou como o fim da linha dos Assumpção. Para mim já estava bom, bastava (BUARQUE, 2009, p.42).

A passagem acima relata a morte do trineto de Eulálio, Eulálio d'Assumpção Palumba Júnior, assassinado em um quarto de motel. Sua morte é semelhante à morte do senador Eulálio Ribas d'Assumpção, pai do Eulálio narrador, em sua *garçonnière*; assassinado pelo marido traído de sua amante. O narrador descreve as duas mortes em momentos distintos do livro, porém utiliza frases e imagens idênticas,

como o sangue escorrendo da boca de ambos para o tapete. Outro tipo de repetição é feita entre passado e presente quando, no hospital, Eulálio comporta-se feito o menino mimado da infância e joga seu prato de comida no chão:

[...] tenho fome. Os enfermeiros aqui são rancorosos, com exceção daquela moça, no momento não me vem o nome dela [...]. Tragam-me por obséquio a minha goiabada, tenho fome. Virei o prato no chão, não nego, e voltarei a fazê-lo sempre que o bife vier com nervo. Sem falar que a comida cheirava a alho, deixem minha mãe saber. Deixem mamãe me cheirar, tão logo volte da missa, e ela vai descobrir que me serviram a comida dos empregados[...]. Virei meu prato cheio de arroz, feijão, abóbora e bife de fígado, despejei tudo no tapete. Eu detestava fígado, e não me importei de mamãe me mandar para o quarto sem o jantar. Mal sabia ela que, nas minhas noites de castigo, a babá vinha me trazer goiabada com requeijão na cama. Quero a minha goiabada já, estou cheio de fome. (BUARQUE, 2009, p. 27)

Observamos que o desempenho de quem cuida dele é o mesmo, permitindo frases idênticas às da infância, agora dirigidas às enfermeiras e médicos. É desta maneira que Eulálio expressa o seu estado emocional no passado e, ao mesmo tempo, abala o leitor para lhe captar a máxima atenção, já que a repetição se dá para enfatizar o conceito que atribui força aos enunciados relatados nessas duas passagens, cumprindo o papel de provocar o impacto desejado sobre quem está ouvindo seus relatos.

Esse procedimento de repetição, tal como um estribilho, musicaliza, dá ritmo a narrativa; ou seja, esta ação de retorno ao fato já narrado, em variadas circunstâncias, não só estrutura o encadeamento formal da narrativa como evidencia que a dramaticidade do romance está mais no discurso do que nas ações do personagem:

Não sei se já lhe contei como conheci Matilde na missa de sétimo dia do meu pai, quando ela falou Eulálio de tal jeito, que nem mesmo atrizes sensuais conseguiram reproduzir na minha cama. Também acho que lhe contei como fui vigiá-la um dia depois, toda serelepe à saída da escola, era a mais moreninha da classe. Passei a buscá-la todo dia, só de Matilde no saguão da escola juntei recordações em série para o resto da vida (BUARQUE, 2009, p. 26).

Nesta passagem, a repetição está no fato de Eulálio contar novamente como conheceu a esposa, Matilde, na Igreja da Candelária. Percebemos também o Buarque músico, que recorre a um refrão, a um estribilho, para que o verso fique bem marcado no ouvinte, tal qual a lembrança fique bem marcada na narração de Eulálio no romance buarquiano. O novo episódio acrescentado pelo narrador é o relato de que ele foi vigiá-la, como um predador vigia sua presa. Para que ela não lhe escapasse, passou a buscá-la

todos os dias na saída da escola, até que ela se tornasse posse sua; sua esposa. Assim, a repetição do igual – do mesmo fato - é a colocação repetida dentro do discurso de uma parte frásica que já fora empregada, com intenção de ter um efeito de uma amplificação afetiva pelo que está sendo narrado e sendo produto do processo de reativação do tempo vivido pelo personagem.

Aliás, esse é o procedimento habitual quando se pensa em decorar ou memorizar algo. É preciso repetir, até que a coisa a ser lembrada fique gravada na memória, até que se saiba de cor. A funcionalidade da repetição, desta maneira, é constatada no plano individual, fazendo com que as escolhas do protagonista tenham a intenção de ser o acervo particular de uma coletividade. Aqueles que dedicam a vida a recordar e a fazer recordar aos outros pedaços consistentes de um passado mais longínquo, sabem bem que o passado é “um país estrangeiro” (BUARQUE, 2009, p. 25) sabem que ele deve ser laboriosamente reconstruído no curso de cada geração.

Embora tenhamos observado que as memórias de Eulálio reproduzem a reconstrução de sua vida, a configuração dos dados e a recorrência à figura retórica de presença - denominada repetição - não o fazem perder sua força argumentativa. Entendemos que, nesse caso, a repetição de suas memórias consiste em uma estratégia retórica para reforçar percepções, sentimentos, valores, posicionamentos e ações, já que a repetição tende a ser retórica por excelência. Além disso, não se pode deixar de considerar que a repetição, no caso específico do narrador de *Leite Derramado*, dá ênfase a passagens que geram ora prazer ora dor no personagem:

Digo aos senhores que conheci o vasto mundo, vi paisagens sublimes, obras-primas, catedrais, mas ao fim e ao cabo meus olhos não têm recordação mais vívida que a de uns cavalos-marinheiros nos azulejos do meu banheiro. E ao recordá-los[...], por acaso recuperei a imagem da minha mulher[...]. Eu tinha até esquecido que seus olhos eram assim meio rasgados[...]. Crava em mim as tuas setas, Senhor, cantavam os fiéis, recaia sobre mim a tua mão[...]. Eu lembrava Matilde a me atrair para a parede de azulejos, andando para trás com seus quadris em suave balanceio[...]. Demorei a acreditar que meu desejo pudesse se restaurar a esta altura da vida, tão forte quanto nos dias em que Matilde me olhava como se eu fosse o maior homem do mundo. Mas sim, eu era de novo o rei do mundo[...] e me joguei contra a argamassa da parede como se Matilde estivesse ali para me amparar, [...]com gosto me escalavrei nela, e me lembrei de Matilde tremendo inteira, cheguei mesmo a escutar sua voz um pouquinho rouca: eu vou, Eulálio. Então patinei no cimento, e antes de descambar ouvi um estalo, senti a dor de um osso a se partir com sua medula, estendido no chão vi minha perna direita retorcida. Lancina minha carne, Senhor, os fiéis cantavam, e eu só tinha um cão para escutar minhas lamentações[...]. (BUARQUE, 2009, p. 50)

Na passagem acima, Eulálio, com certo orgulho, diz que viu o mundo; de paisagens sublimes a suntuosas catedrais. Tem vastas lembranças de suas vivências, mas nenhuma tão clara quanto a cena de sua mulher ao chuveiro. Notamos o prazer que sente ao finalmente recuperar por completo o desejo e a imagem de sua mulher – os olhos rasgados, o suave balanceio de seus quadris – imagem esta que deixou de lhe pertencer longo dos anos. Reviu sua mulher a atraí-lo para a parede de azulejos estampados com cavalos marinhos do antigo chalé de Copacabana. Surpreendendo-se com o retorno da posse da imagem da esposa e do seu desejo por Matilde, tão forte quanto no tempo em que ela o fazia sentir-se o maior homem do mundo, o “novo rei do mundo” se jogou contra a argamassa da parede esperando que sua mulher o amparasse; se esfregou e se escalavrou com gosto contra o reboco de cimento no banheiro da casa de um só cômodo. Esta casa era conjugada à igreja do pastor Adelton, nos arredores da cidade, e foi trocada pelo último apartamento do espólio de Eulálio.

A referência à igreja do pastor Adelton, tem um tom claro de ironia por parte do autor, já que esta igreja não tem um nome específico, mas é claramente uma expoente da ascensão do movimento doevangelicalismo. Este movimento é fruto da Reforma Protestante (1730) e defende as doutrinas pregadas nas igrejas evangélicas por todo o País. Estas doutrinas consistem, basicamente, na necessidade de conversão pessoal ou de renascimento espiritual. Também defendem os ensinamentos que proclamam a morte redentora e a ressurreição do filho de Deus, Jesus Cristo, e expressam e compartilham ativamente o evangelho. Pregam, ainda, um grande respeito pela autoridade bíblica.

O aparecimento do nome do pastor em detrimento ao nome da igreja ressalta o respeito à autoridade religiosa pregado em um dos segmentos do evangelicalismo. Ainda que sutilmente, há, nesta representação, uma crítica de Buarque no que tange ao poder dado aos homens e os caminhos que estes trilham para alcançá-lo. A crítica se encontra na ilustração de um pastor de uma igreja evangélica ser também umagiota, tendo, desta forma, o domínio espiritual e material sobre os demais. Isso faz com que o pastor trilhe duplamente o caminho para alcançar o poder. Esta passagem mostra também que não é só a alta classe que se desdobra para ter e manter o poder sobre os homens; pois o pastor Adelton, ainda que remediado, é pertencente a classe dominada pela burguesia carioca a qual Eulálio fez parte.

Prosseguindo com a análise do enxerto acima, Eulálio se lembra de Matilde a tremer-se inteira, presa em seu abraço, recuperou também sua fala: “eu vou, Eulálio.”

É aqui, no auge do prazer ressurgido por meio das recordações de sua mulher, que vemos a dor do personagem de Buarque. Ao escorregar no cimento, volta abruptamente para a realidade. Sente uma dor lancinante; tanto por perceber que estava vivendo uma fantasia, quanto por ouvir o estalo do seu fêmur se partindo. Confirmando a ênfase dada na narrativa de momentos de prazer e de dor, que o faz delirar, confundindo a letra da música cantada na igreja, sofredamente conclui que finalmente está sozinho no mundo – só há o cachorro para ouvir suas lamentações.

Conforme demonstrado, as memórias do personagem Eulálio são entrecortadas pelas divagações e pelos esquecimentos, forçando o leitor a buscar outros instrumentos para entender os mecanismos intrincados de “lembrar” e de “esquecer”, utilizados pelo autor para dar voz ao seu narrador. Nesse sentido, tendo a memória a propriedade de conservar certas informações dentro de um conjunto de funções psíquicas às quais o homem pode atualizar constantemente, a cada nova narração causa o aparecimento ou a ocultação de detalhes nas histórias relatadas pelo narrador. Para melhor compreendermos o jogo memorialístico que se encontra no romance, esclareceremos os conceitos de memória, de lembrança e de esquecimento.

No artigo “Halbwachs, Memória Coletiva e Experiência” de Maria Luisa Sandoval Schmidt e Miguel Mahfoud, ambos do Instituto de Psicologia da USP, a lembrança é definida por Halbwachs (1950) como um processo de reconhecimento e reconstrução. Reconhecimento na medida em que porta uma espécie de *déjà vu*, ou seja, carrega sensações do que já foi vivido, já foi visto. E reconstrução porque, por um lado, não é uma repetição linear de acontecimentos, vivências, preocupações e interesses do momento presente. É diferenciada e destacada do volume de acontecimentos coletivos evocáveis por estar localizada num tempo, num espaço e num conjunto de relações sociais. É neste trabalho de reconstrução e reconhecimento que a lembrança pode permanecer no indivíduo e articular-se entre si.

Dessa forma, as lembranças podem ser simuladas ao entrar em contato com as lembranças de outros sobre pontos comuns em nossas vidas, de maneira que acabamos por expandir nossa percepção do passado, contando com informações dadas por outros integrantes do mesmo grupo. Por outro lado não há memória que seja somente puramente imaginação ou uma representação histórica construída exteriormente pelo sujeito. O próprio processo de construção da memória toma o sujeito como referência, já que o indivíduo recorre ao testemunho de sua experiência anterior, juntamente com os testemunhos de outrem, para destacar os aspectos que devem ser observados.

Não podemos então descrever a lembrança como um simples retorno de um evento, como uma vaga imagem ou cópia de impressões anteriores. Não é simplesmente uma repetição, mas antes um renascimento do passado; implica um processo criativo e construtivo. Não basta recolher dados isolados da nossa experiência passada; devemos realmente re-colhê-las, organizá-las e sintetizá-las em um foco de pensamento, criar uma reserva memorialística e escolhê-las, dentro do seu estado latente um momento único da vida fazendo com que proporcione a forma característica da própria memória.

Ademais, Halbwichs (1950) comenta que a memória se conceitua como a propriedade de conservar certas informações dentro de um conjunto de funções psíquicas pelas quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele considera como passadas. Está relacionada a uma função instintiva do homem, na qual ele guarda as informações necessárias à realização de tarefas das quais selecionaria como relevantes, e descarta (esquecimento) as que não o são; podendo, dessa maneira, estar constantemente atualizando suas impressões.

A atualização das recordações de Eulálio podem ser percebidas no trecho abaixo:

Um dia [Maria Eulália] chegou em casa com uma dona de sandálias[...]. As duas foram entrando no meu quarto sem pedir licença, abriram o armário, tiraram dos cabides os vestidos de Matilde, um a um. Do caralho, dizia a velha, do caralho, e pela voz reconheci a amiga da minha filha, uma pintora que agora andava metida com teatro. Tencionava montar uma peça libertária, porém ambientada nos anos 20, a fim de burlar a censura então vigente, e como figurino julgou que aqueles vestidos vinham a calhar[...]. Mande a pintora às favas, com Maria Eulália fui irredutível, expor os trajes da minha mulher em palco de teatro seria uma afronta à sua memória. Maria Eulália batia pé, sustentava que o espólio da mãe era tão dela quanto meu. Maria Eulália [...] passou a dedicar dias inteiros aos ensaios de palco, de noite se trancava com a pintora no quarto para repassar os textos. [...] Mas, enfim, eu me alegrava por ela, era hora de a minha filha abrir mão de seu luto, não podia seguir sem uma ocupação ou um objetivo na vida aos quarenta anos passados. [...] Maria Eulália empenhou as economias que lhe restavam para financiar as passagens da trupe. Mas na última hora foi substituída por uma atriz profissional[...] (BUARQUE, 2009, p. 40).

Nas impressões de Eulálio, chama-nos a atenção o fato de ele ainda tratar a esposa como posse, quarenta anos passados de seu desaparecimento. Matilde é a sua mulher, e não a mãe de Maria Eulália. Há também uma disputa pelo espólio deixado por Matilde, entre seu marido e sua filha. Eulálio quer guardar os vestidos da esposa até o fim de seus dias, e Maria Eulália quer usá-los em uma peça de teatro. A afronta a que

Eulálio se refere trata-se da ousadia da filha em expor suas feridas, guardadas juntamente com os vestidos da mulher. A discussão que travam demonstra apenas uma disputa infantil para saber quem sofreu mais com o desaparecimento de Matilde, fazendo com que Eulálio misture as dores da filha com as próprias dores. Nos delírios de Eulálio, há coisas que devem ficar guardadas até serem esquecidas.

Por fim, ao ver que a filha abria mão de seu luto pelo filho morto durante a Ditadura Militar ao se envolver com o teatro, não há como constatar se o que foi narrado nesse trecho trata das atitudes de Eulálio ou das atitudes de sua filha. É ele que começa a abrir mão do luto pela esposa ou é Maria Eulália que abre mão do luto pela perda do filho? A atualização da memória acontece, no trecho analisado, no momento em que os vestidos são retirados do armário. Os vestidos de Matilde representam a ligação da dor do pai com a dor da filha.

Ambos perderam pessoas importantes e partilham a mesma solidão. Na visão tradicionalista de Eulálio, os artistas são trapaceiros, não eram bem vistos pela alta sociedade, por isso, Eulálio não quer ver Maria Eulália expor a figura da mãe em um palco. Maria Eulália pagou para fazer parte da companhia de teatro da pintora e foi substituída por uma atriz profissional; fora vítima de um golpe financeiro, assim como fora o pai. De certo modo, vemos o passado misturar-se com o presente. Para Bergson, a memória é um fenômeno que responde pela reelaboração do passado no presente, ou seja, "ela prolonga o passado no presente", e "é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida" (BERGSON, 2006, p. 247; p.179).

Em outras palavras, segundo Bergson: "A memória, praticamente inseparável da percepção, intercala o passado no presente - condensa também, numa intuição única, momentos múltiplos da duração e, assim, por sua dupla operação, faz com que de fato percebamos a matéria em nós, enquanto de direito a percebemos nela" (BERGSON, 1999, p.77). Isto acontece de tal maneira que nos tornamos capazes de recordar o que nos precedeu e o que seguiu, sugerindo-nos assim a decisão mais útil para o momento da rememoração, escolhendo sucessivamente várias imagens análogas que nos lançam na direção de novas percepções. O estudo serve também para considerar o aspecto da manipulação de suas memórias, durante a narração de Eulálio Montenegro d'Assumpção, conforme trecho a seguir:

Às vezes sinto pena de minha mãe, porque papai não lhe deu sossego nem depois de morto [...] teve que receber em casa o chefe de polícia, aturar perguntas insolentes, pois corria que meu pai tinha sido morto a

mando de um corno. Isso porque foi metralhado ao entrar na sua garçonnière, mas mamãe só lia *O'Paiz*, cujas reportagens atribuíam o crime à oposição. (BUARQUE, 2009, p. 36).

Vemos aqui que é da percepção que se faz o jogo de interesses entre as classes, por meio da manipulação da informação. A manipulação da memória pela via da percepção pode ser percebida no instante da divulgação da morte do pai de Eulálio, o senador Eulálio Ribas d'Assumpção. A relação do pai e da mãe do personagem é revelada, explicitamente, segundo uma percepção íntima do narrador. As “perguntas insolentes” e a atribuição da morte do pai à oposição, nas notícias de *O' Paiz* revelam a intuição do personagem acerca de cada fato rememorado.

Ficam evidentes no fragmento várias nuances de poder: a submissão da mãe ao pai; o poder constituído pela autoridade policial; a hierarquia matriarcal explicitada na figura da mãe, dona de casa; o poder do julgamento popular sobre as relações conjugais; e o poder constituído pela ideologia dos órgãos de comunicação, no caso, representado pelo jornal *O'Paiz*, lido pela mãe. Sublinhe-se ainda a conotação irônica atribuída ao nome do jornal, com grafia e escrita próximas à língua espanhola, como a sugerir afastamento deste com os interesses reais do país.

No caso, o jornal representaria uma memória coletiva da história do Brasil pela versão da burguesia endinheirada do qual Eulálio é o porta-voz. Pelas notícias divulgadas no jornal *O'Paiz*, a verdade sobre o assassinato do senador Eulálio Ribas d'Assumpção foi omitida, fazendo com que a voz do jornal cumprisse a função de exercer sobre a sociedade o poder da influência que é lhe dada. Toma-se como verdade o fato colocado na história, manipulado conforme o seu ponto de vista. Claro que seria melhor à imagem do Senado atribuir a morte de um de seus membros a qualquer interesse político da oposição do que ao fato real para evitar um escândalo na sociedade – o fato de que o senador cometeu adultério.

Por trás do fato ficcional, lê-se a voz do intelectual Chico Buarque criticando as versões oficiais dos governos de todas as épocas; estes, por interesse de defesa dos valores morais ou de segurança nacional, arrolam à memória coletiva uma exposição dos eventos históricos da maneira que for mais conveniente para preservar o poder adquirido sobre essa mesma sociedade. Dessa forma, a memória ora está em retraimento, ora está em transbordamento, evidenciando o movimento caleidoscópico<sup>6</sup> –

---

<sup>6</sup> Caleidoscópico, segundo o Dicionário online de Português ([www.dicio.com.br/caleidoscopio/](http://www.dicio.com.br/caleidoscopio/). Acesso em 20/04/2016) é um mosaico em movimento. Os fragmentos isolados da memória do

cheio de imagens retomadas e recriadas, em diferentes instantes da narrativa e sob feições nem sempre concertantes. Há também uma forte presença do tempo, a dar início pela expressão coloquial do título do romance. Poderíamos ter interpretações diversas, como alguém que olha o seu próprio passado e o vê como algo que se perdeu, ou uma história de ilusões perdidas – a perda da mulher, da herança, do dinheiro.

Toda narrativa deve ser compreendida como uma tentativa de elaboração, de simbolizar o trauma não explicado que afinal permanece incompleto: o desaparecimento de sua mulher. Talvez por isso ele esteja fadado aos não ditos, aos boatos, às múltiplas e falsas versões; algumas delas prováveis, porém jamais comprovadas. Por ser também insuportável, sua verdade só pode emergir em surdina, como um clarão abafado, à distância. E é desse centro traumático que provém o sentido primordial do título do livro. *Leite Derramado* é o tempo perdido e irrecuperável da vida do narrador. Mas, sobretudo, o leite derramado refere-se ao centro do trauma vivido por Eulálio, sobre o qual ele não pode mais falar, para não derramar muita luz no que o romance não conta. Na narração de Eulálio, há uma passagem em que ele flagra a mulher derramando o leite na pia, “e o que vi foi Matilde debruçada na pia, como se vomitasse” (BUARQUE, 2009, p.37), agregando mais um significado ao título do livro, de que seu contar é um vômito, uma podridão não digerida. Posteriormente à passagem citada, Eulálio conta que Matilde não tinha pudor em exibir seus seios ao amamentar a filha, expondo também o erotismo subjetivo no ato de sua mulher gostar de ser observada, neste leite que se espalha por todos os lados, e não apenas para o deleite de Eulálio. Sendo assim, a possibilidade de que ele se engane, esqueça fatos ou os deforme, traz um valor de aparências dentro de uma enunciação aparentemente autêntica.

Como já esclarecemos os conceitos de memória, de lembrança e de esquecimento, analisaremos a seguir o conceito de memória pura e memória social de Ecléa Bosi (1979), a fim de situar o personagem na sua função de rememorar. Situiremos também o esquecimento como retórica, ou seja, como o mecanismo que Eulálio usa para controlar a memória. Tais falhas ou lacunas são produto de uma seleção intencional do personagem na triagem de uma lembrança, ou na manifestação de um esquecimento típico da sua idade avançada.

Ecléa Bosi, em *Memória e Sociedade*, trabalha com os conceitos de memória pura e de memória social. Entende-se por memória pura, segundo Ecléa Bosi,

---

personagem principal de *Leite Derramado* não são partes separadas de um todo; eles são completos em si mesmos e se unem formando outras modulações de sua memória.

aquela caracterizada pela “imagem-lembrança: momento único, singular, não repetido, irreversível da vida. Daí também, o caráter não mecânico, mas evocativo do seu aparecimento por via da memória. Situação definida, individualizada” (BOSI, 1979, p. 11).

Em *Leite Derramado*, há momentos nos quais o narrador dá mostras de lidar com essa memória pura, como se vê no excerto a seguir:

Quando vejo aquela cesta de roupa recém-lavada, mijo em cima com vontade, e ela lava tudo de novo sem reclamar, lava cantando polca, rebolando no tanque. A lavadeira era uma mameluca que mamãe trouxe da roça, e hoje papai não confia a mais ninguém suas camisas de linho, que nos tempos do porto de Manaus, mandava passar e engomar na Europa. Meu pai é muito exigente nessas coisas, não à toa seus ternos, fraques e casacas são enviados a um príncipe russo, que fez nome em Petrópolis como tintureiro. E o barbeiro italiano vem em casa toda manhã para o escanhoar e aparar seu bigode, nunca vi meu pai com um fio de cabelo fora do lugar. Nunca uma nódoa, uma ruga na roupa, meu pai de manhã sai do quarto tão alinhado quanto entrou de noite, e quando menor eu acreditava que ele dormia em pé feito cavalo. Eu morria de medo de no futuro virar senador também, ter de dormir em pé e andar sempre igual a meu pai, ereto e grave (BUARQUE, 2009, p. 28).

Eulálio, como qualquer velho, tem a possibilidade de evocar a memória pura pelo falta de seus costumes já estarem arraigados em sua cultura individual. Cresceu em uma família de estirpe e assimilou, pelos hábitos do pai e da casa, todos os costumes que sua classe social lhe exigia. Podemos perceber uma censura de Buarque a algumas futilidades que, da maneira como expostas no fragmento, eram de uso rotineiro da época pelas famílias burguesas. O tintureiro tinha que ser um príncipe russo; as roupas, mandadas para a Europa. Temos a impressão de que nada do que era consumido na casa de Eulálio provinha do Brasil; como se os serviços oferecidos no país, por brasileiros, fossem de má qualidade, comprovando a desvalorização, a pouca importância que o Brasil tem para o narrador-personagem.

Partindo desse pressuposto, a chegada da lavadeira mameluca traz uma contradição de conceitos no que diz respeito ao preconceito que a família d'Assumpção tem em relação aos serviços brasileiros, pois a lavadeira é tão competente quanto as lavanderias europeias. Além do mais, a apresentação de um aristocrata tinha de ser impecável, sem nódoas, como se as convicções políticas que o pai de Eulálio defendia também não tivessem defeitos.

Saía do quarto de manhã tão alinhado quando entrou de noite; era o exemplo a ser seguido, a retidão, a continuidade dos valores de uma época. Mas, sendo o pai de Eulálio um senador corrupto, Buarque coloca essa aparência impecável do senador satiricamente para dizer que tal senador era limpo por fora e sujo por dentro e, de certa forma, criticar a conduta dos políticos brasileiros, afamadamente corruptos. De nada adianta uma aparência impecável e uma conduta duvidosa. O autor insere ainda o desenrolar dos fatos sob o olhar do narrador ainda criança, símbolo da inocência, representando certa normalidade na conduta duvidosa do pai, pois, na sua inocência, não percebe o que há de errado nas atitudes do patriarca dos d'Assumpção e as julga como naturais pelo fato de ser o pai quem as comete. Conservou nele itens da sua história, que assistiu como parte dos costumes de uma época pertencente ao passado, da qual participou ativamente.

A memória social, na conceituação de Bosi (1979), acontece quando a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão, enfim, com os grupos de convívio e com os grupos de referência do indivíduo. No caso específico de Eulálio, que não tem autonomia sobre suas lembranças, a iniciativa que a vida atual do sujeito toma é que vai desencadear o curso da memória. Mas essas mesmas memórias que ele resgata são desencadeadoras de suas narrações e o segundo fator de evocação de suas lembranças.

Desta forma, em *Leite Derramado*, ocorrem várias manifestações de esquecimento, causadas pela senilidade do personagem ou pelos fortes medicamentos que ele consome. Pressentindo que está no fim da vida, Eulálio narra com o objetivo de registrar os fatos de sua vida, mas não os coloca em ordem cronológica. Têm consciência de sua finitude, e coloca sua narração de forma escatológica, pois Eulálio faz um último estudo sobre todas as coisas que viveu. Volta ao mesmo fato muitas vezes com algumas falhas, causando a impressão no leitor de que está sofrendo mais um de seus esquecimentos. Podemos perceber isso logo nas primeiras páginas do livro, na qual não conseguimos distinguir, de prontidão, o que o personagem diz:

Estou pensando alto para que você me escute. E falo devagar, como quem escreve, para que você me transcreva sem precisar ser taquígrafa, você está aí? Acabou a novela, o jornal, o filme, não sei por que deixam a televisão ligada, fora do ar. Deve ser para que esse chuveiro me encubra a voz, e eu não moleste os outros pacientes com meu palavrório. Mas aqui só há homens adultos, quase todos meio surdos, se houvesse senhoras de idade no recinto eu seria mais discreto. Por exemplo, jamais falaria das putinhas que se acoravam aos faniquitos, quando meu pai arremessava moedas de cinco francos

na sua suíte do Ritz. Meu pai ali muito compenetrado, e as cocotes nuinhas em postura de sapo, empenhadas em pinçar as moedas no tapete, sem se valer dos dedos. (BUARQUE, 2009, p. 5-7).

Como se pode observar, acontecimentos e lugares antigos fundem-se aos novos, evidenciando certa “confusão” de um narrador que não domina inteiramente suas lembranças. Escolhe, para o momento em que só há homens adultos, para falar de assuntos que em seu conceito somente homens adultos podem participar. Assim o esquecimento desempenha um papel fundamental para a experiência de um presente que, por sua vez, não resulta de coordenadas passadas, mas antes inventa um passado a partir de suas próprias coordenadas.

Se o presente que vivemos nos parece “de mentira”, é porque nos falta a potência ativa do esquecimento que mantém entrelaçadas a memória e a imaginação na produção da diferença pela repetição. Como já foi dito, é a linguagem que atua diretamente nas lembranças de Eulálio, pois é o instrumento que lhe permite relatar o ocorrido e manifestar a sua opinião sobre os sentimentos, as pessoas e a vida. O enfermo vasculha as informações armazenadas em sua memória ao externar uma das lições aprendidas com suas experiências de vida, além de mostrar também que a escolha dos fatos narrados não são mais do que repetições das ações de seus antepassados; assim, ele julga serem elas genéticas; quase que de direito. No enxerto abaixo, confirmamos o reflexo da retórica como mecanismo de seleção de suas lembranças:

[...] não sei por que você não me alivia a dor. Todo dia a senhora levanta a persiana com bruteza e joga sol no meu rosto. Não sei que graça pode achar dos meus esgares, é uma pontada cada vez que respiro. Às vezes aspiro fundo e encho os pulmões de um ar insuportável, para ter alguns segundos de conforto, expelindo a dor. Mas bem antes da doença e da velhice, talvez minha vida já fosse um pouco assim, uma dorzinha chata a me espetar o tempo todo, e de repente uma lambada atroz. Quando perdi minha mulher, foi atroz. E qualquer coisa que eu recorde agora, vai doer, a memória é uma vasta ferida (BUARQUE, 2009, p. 5).

A autenticidade do sujeito subjetivo que se expressa pela memória procura demonstrar, na narrativa ficcional, uma forte consciência do quanto suas lembranças são a expressão de uma identidade. Não deixam de proporcionar uma relação diferente com seu receptor, pois o uso do esquecimento como retórica que se faz presente na passagem acima é fundamental para a eficiência da comunicação entre quem lembra e quem ouve.

A expressão das lembranças pela oralidade facilita o uso da retórica, proporcionando um aprofundamento sobre as nuances do que é contado. Tentar entender o porquê que sua dor não é aliviada, julgar que quem o cuida acha graça do seu sofrimento demonstra o ressentimento do narrador, que não entende que qualquer fator externo não vai ser capaz de aliviar a dorzinha chata que foi a sua vida. Ainda tenta encher os pulmões e prender o ar, como se esse movimento fosse capaz de retardar a doença e a velhice, de parar o tempo que o destrói. Tempo este que lhe espeta a todo momento, e vez ou outra lhe dá uma lambada atroz.

A composição de seus pensamentos através da fala revelam a capacidade mental do orador, sua eloquência, sua capacidade de persuasão. A convicção com que transmite sua dor por meio de suas lembranças provoca no leitor certa piedade por essa vida que não foi vivida plenamente e está carregada de arrependimentos.

Advertimos que Eulálio não se identifica com o tempo presente, não o aceita; seu entendimento está presente somente em seu passado, consolidando assim o sacrifício de estar presente no presente, ainda que constate que a dor que sente no presente existiu em toda sua vida, chata, que lhe espetava a todo tempo. Não seria diferente, ao rememorar sua existência, que sentisse a mesma dor que sentiu por toda vida, resgatando a vasta ferida que é sua memória.

Voltando então ao âmbito da história inventada, a seguir veremos um trecho onde o protagonista tenta explicar suas confusões, confirmando assim a desconfiança do leitor sobre suas memórias. Como qualquer pessoa idosa, já meio esclerosada, Eulálio mostra seus deslizes com ironias e lembranças tematicamente desorganizadas:

Sobrevinha-me um desgosto, depois uns pensamentos paralelos[...], minhas calças e cuecas esportadas, a Frigidaire que meu pai mandou vir dos Estados Unidos, a lavadeira mostrando minhas roupas à mamãe, a cerveja na Frigidaire que papai não chegou a ver. Quando dava por mim, estava colado nos ladrilhos da parede, porque num deslize Matilde sempre me escapava. E a cada vez eu ia inspecionar salas, quartos, banheiros, porão e sótão, fingindo crer que ela teria fugido por engano para dentro de casa. Muito mais tarde, depois que ela saiu da minha vida, mantive o capricho de procurá-la do mesmo jeito, toda noite, no chalé de Copacabana. E até o fim deixei todas as portas abertas para ela, mas eu não deveria lhe falar tanto assim da minha mulher. (BUARQUE, 2009, p. 13)

Na passagem acima, entendemos que Eulálio interpreta o desaparecimento da mulher por descuidos de sua parte. Via-se inspecionando a casa toda atrás de pistas que o pudessem levar à sua mulher. Mesmo muito depois da saída de Matilde da vida de

Eulálio, ele manteve o hábito de procurá-la, assim como vez ou outra lembramos de um relógio, ou outro pertence perdido e o procuramos pela casa. Parece que ele está repetindo para si uma velha máxima, de que tudo que realmente nos pertence, voltará para as nossas vidas.

Eulálio nunca abriu mão do sentimento de posse que dedicava à mulher, deixando, dessa forma, todas as portas abertas para ela até o fim. Além dos deslizes que ele cometeu com Matilde, percebemos a ironia do narrador no momento em que sua memória se desorganiza em meio aos pensamentos paralelos que o assaltam.

A Frigidaire que seu pai mandou buscar nos Estados Unidos e que chegou somente depois da morte do senador, embaralhadas às sensações que Matilde despertava em Eulálio, enquanto a procurava pela casa; o cachorro do vizinho, a lavadeira espantada com a sujeira em suas roupas; tudo se confunde e se mistura às lembranças que ele tem de sua mulher. E, por não conseguir se desvencilhar do sentimento de posse em relação a ela, ao perceber que as histórias que ele conta sobre sua mulher despertam algum interesse, conclui que não deveria falar tanto assim dela, deve guardá-la somente para si. Prefere a seringa, os remédios, a manter-se presente em seu sofrimento.

Compreendemos este sacrifício de estar presente no presente, quando Eulálio, na passagem abaixo, ao ser mero expectador da vida de sua filha Maria Eulália, tenta entender as mudanças que ocorriam neste tempo, o presente, no qual ele é impotente. Ainda assim, no tempo da narração, sua filha já é uma senhora de oitenta anos – “Disparates quem fala é a minha filha, que tem oitenta anos e olhe lá.”(BUARQUE, 2009, p.21) - de forma que, na verdade, depois do sumiço da esposa, ele se absteve da passagem do tempo, sendo que tudo que veio depois de sua mulher não é incorporado pelo narrador:

Tempos depois me telefonaram para buscar uma criança no hospital do exército, era o filho do Eulálio e de uma sua comparsa que pariu na prisão. Esse Eulalinho criei como se fosse um filho, ensinei-o a ler, matriculei-o no colégio de padres onde meu nome abria portas, fiz fotografa-lo de calças curtas no Senado.[...] Diz minha filha que ele foi morto na cadeia, mas disso não tenho certeza, só sei que me telefonaram para buscar seu filho no hospital do Exército. Esse Eulalinho criei como se fosse um filho, ensinei-lhe a abrir as portas, fiz fotografa-lo de calças curtas com padres vermelhos, mas o sabor do remédio estava estranho (BUARQUE, 2009, p. 34).

Mesmo não estando incorporado ao tempo que advém depois de sua esposa, Eulálio se faz observador e testemunha dos eventos que acompanharam a passagem dos anos, como vimos no enxerto acima. Ressaltamos que Eulálio não se identifica com a atualidade, não a aceita, e se apaga dela; seu entendimento está presente somente em seu passado, consolidando assim o sacrifício de estar presente no presente.

O sujeito que narra despista os signos de sua individualidade ao comentar, já atordoado pelos efeitos da morfina, os Eulálios que ele criou – do neto ao tataraneto – sem identificá-los. Destacamos também que Maria Eulália, filha do narrador, é a única mulher da casta de Eulálios, sendo (mais) um suposto fracasso na trajetória do protagonista, já que “os Assumpção só fazem filho homem.” (BUARQUE, 2009, p. 17). Por conseguinte, a confusão de suas memórias revela as diferenças das gerações que se perpetuam. É aqui que percebemos que seu apagamento se dá na narração como sacrifício, pois prova que narrar é um ato solitário, já que muitas vezes não há ouvintes fisicamente presentes à sua fala.

Sendo o autor de suas próprias lembranças, ao transmiti-las a seus ouvintes ele se torna mais do que uma indicação, um gesto, um dedo apontado para alguém ou para um fato. De maneira idêntica que o próprio Eulálio é neto, bisneto, tataraneto e tetraneto das gerações precedentes, as gerações seguintes não têm pura e simplesmente uma significação porque são ocorrências de um conjunto de discursos representados sucessivamente nas figuras de seu neto, bisneto, tataraneto e tetraneto.

Ainda que confunda as identidades dos membros de sua família, ele consegue identificar quatro gerações anteriores à sua, apesar de mencionar alguns parentes mais longínquos, pois estas estão no interior de uma sociedade e de uma cultura de que somente Eulálio fez parte.

É o neto que nasceu na prisão que caracteriza o tempo futuro do qual o narrador é apenas testemunha, que abre o caminho aos futuros Eulálios e ao seu próprio destino. Tanto que seu discurso é indiferente, isto é, “mas o sabor do remédio estava estranho”, fazendo um recorte dos fatos que ele não quer narrar; a morfina apaga sua dor, fonte de suas memórias. Pela maneira como Buarque coloca o ato de lembrar, já que, para seu personagem, lembrar é reviver o passado, vemos que suas memórias flutuam e legitimam o caráter de mobilidade e instabilidade da memória ao expor seu conteúdo emocional, suas mágoas e feridas que não cicatrizaram, além da maneira de viver de outros tempos.

E mesmo que a lembrança deste centenário seja um movimento de resistência contra a morte e o esquecimento, Eulálio tenta reconstruir sua vida por suas

lembranças - mesmo que no presente haja uma completa falta de coerência em suas recordações da mesma maneira que há inúmeras incoerências em sua própria vida. Desse modo, Eulálio, levado por seus delírios ou por sua dor, divaga sobre os acontecimentos, deixando sobre eles a imprecisão da sua memória. Ao colocar diversas versões para os eventos de suas narrações, as instâncias do sonho, do delírio e da memória encontram-se imbricadas, gerando desconfiança acerca de sua capacidade de rememorar.

Portanto, toda a trajetória do narrador é marcada por uma tentativa de conhecer-se a si mesmo e aos outros através da volta ao passado, da adesão ao presente e da projeção para o futuro – como se afirmasse que suas memórias são o futuro, mesmo não o sendo. Assim se explica a angústia que provém do fato de este sujeito não ter tido o futuro que deveria ter e que daria sentido ao seu presente.

Desta forma, o passado é a totalidade sempre presente da percepção que temos de nós mesmos. Ao ter que escolher um fio condutor para sua obra, Buarque não deixa de colocar em sua narrativa o passado como possibilidade do futuro, pois é no passado que as possibilidades futuras surgem a partir das decisões assumidas no próprio passado, que é o ponto de partida dos atuais malefícios do protagonista.

O narrador busca unificar a percepção de si mesmo recompondo o itinerário de sua existência. A descrição dos fatos faz-se na perspectiva do sujeito. As instâncias, objetivas e subjetivas, dissolvem-se na trama narrativa, de forma que a reconquista do vivido se consolida num trabalho de restauração; inculcando assim um conteúdo vital evidenciado pela evocação dessas memórias.

Estando nosso personagem constantemente confuso entre o tempo presente e o seu passado, é possível visualizar a inconstância e a relatividade do relato memorialístico, principalmente se levarmos em consideração a senilidade e a doença de Eulálio. E, em encadeamento às reflexões propostas no 1º capítulo, não podemos deixar de perceber que, no relato das histórias – a história pessoal e a História do Brasil – o texto demonstra afinidades com o célebre romance *Cem anos de solidão*, de Gabriel Garcia Marques. O romance, reconhecido pela crítica especializada como uma eficiente metáfora da América Latina, apresenta, como no romance buarqueano, a memória e o esquecimento como constitutivos narrativos. Em ambos os livros, não poderemos deixar de ressaltar que são decorridos cem anos e a repetição marca, insistentemente, um sistema de classe e valores que, na visão e no tempo de Garcia Marques não progride, não se modifica, mas que, na escrita contemporânea de Chico Buarque já é mero ‘leite derramado’.

## Conclusão

[...] a memória é deveras um pandemônio, mas está tudo lá dentro, depois de fuçar um pouco o dono é capaz de encontrar todas as coisas. Não pode é alguém de fora se intrometer, como a empregada que remove a papelada para espanar o escritório. Ou como a filha que pretende dispor minha memória na ordem dela, cronológica, alfabética, ou por assunto (BUARQUE, p.41).

A epígrafe desta tentativa de conclusão ressalta a desordem pertinente a qualquer relato memorialístico. Nele convergem fatos desorganizados, ditados pelo confusão, pelo esquecimento ou pelo esforço da lembrança. As palavras do narrador Eulálio orientam o ouvinte sobre a impossibilidade de um aparelhamento linear de suas memórias, no entanto, um trabalho de pesquisa como este ora apresentado esforçam-se para ouvir além do que as linhas textuais propõem.

A partir do pandemônio apresentado pelo relato confuso, intentamos construir algumas linhas de sentido. Analisamos, interferindo minimamente na beleza

de um relato ficcional, pretendendo, desde o início, fazer ressoar as muitas vozes – a do protagonista, a do autor, a de uma História do Brasil – que porejam na narrativa.

Chico Buarque, em *Leite Derramado*, dialoga com as tradições, ao mesmo tempo que faz críticas à maneira que a sociedade se organizou no último século. Também denotamos algum espelhamento dos Buarque de Holanda na família d'Assumpção, de modo que tanto Eulálio Montenegro d'Assumpção, quanto Chico Buarque de Holanda, encontraram seus caminhos previamente traçados por seus ancestrais.

Tal reflexão conjectura um Chico Buarque leitor do cânone literário, seja pelas influências que recebeu dos escritores nacionais e dos clássicos universais, de um modo geral, ou pelas influências da tradição intelectual e cultural dos membros de sua família, como se comprovam nas relações estabelecidas entre o relato de sua ficção e as ideias difundidas por seu pai, o historiador Sérgio Buarque de Holanda.

Em *Leite Derramado*, o personagem Eulálio, um senhor de 100 anos de idade, acamado em um hospital, conta, em primeira pessoa, a história de sua vida e de sua família pertencente à alta sociedade carioca. No caso de Eulálio d'Assumpção, as influências que sofreu de seus ancestrais fizeram com que ele seguisse os passos do pai, em sua postura amoral e oportunista. Se propomos, no presente trabalho, uma leitura em espelhamento dos processos compositivos, seguindo essa lógica de análise, podemos inferir que, tal qual seu personagem, Chico Buarque, o autor, deixa entrever em sua narrativa ficcional traços de sua história, ressaltando-se a influência paterna em sua escrita.

No primeiro capítulo, na página dezesseis, segundo Iser, existe correspondência entre as interpretações que uma pessoa categoriza da realidade e de sua relação com os fatos ficcionais. Percebemos que esta é a forma com que Eulálio ultrapassa as fronteiras de sua realidade para a ficção, definindo sua narrativa e suas inconsistências memorialísticas como as referências que ele usa para construir o texto de sua vida.

Compreendemos, desta maneira, que seus relatos são fruto de seus esquecimentos, por vezes propositais, produto da distância temporal ou da idade avançada do personagem; do efeito alucinógeno provocado pelos fortes remédios e substâncias ilegais consumidas pelo personagem, como a cocaína; da história inventada e manipulada por sua retórica; da resignificação dos dados mnemônicos; dos lapsos temporais sofridos em sua senilidade, ainda que algumas cenas tenham impressionante precisão. Além disso, ressalte-se o esquecimento do tempo presente pelo narrador, na

tentativa de negar a corrosão e a decadência características deste tempo. Todos esses fatores configuram em uma versão dos fatos e em uma edição de seu passado.

Outro elemento destacado na narrativa é o próprio tempo. Na medida em que o narrador destaca sua experiência pessoal dentro do tempo, o próprio tempo se constrói e se fixa na narração, de forma que estase torna significativa e traça a experiência da passagem do tempo vivido, inventado, manipulado e editado pelo narrador. Eulálio mostra seus tropeços com ironia, conforme demonstrado no corpo desta pesquisa, posto que ele relata o vivido, mas também critica aspectos da história de sua família, conjuntamente a reflexões sobre a história política e social do Brasil.

Na construção desse tempo vivido, ainda que afetado pela retórica narrativa de Eulálio, temos uma única testemunha ocular, de forma que o próprio tempo confirma as memórias que estão sendo descritas no romance. O caráter documental da história do Brasil, por meio dos relatos de seu personagem principal na obra estudada, surge como um discurso que emerge da sociedade; documentando, também, a história da evolução de uma cidade e de um país.

Por conseguinte, para estudar os aspectos da memória, da retórica, da repetição, do tempo e dos demais assuntos usados como base de discussão em *Leite Derramado*, foi necessário entender estes conceitos e seus processos ao longo do texto com o apoio das teorias de Ecléa Bosi, Paul Ricoeur, Sérgio Buarque de Holanda, Wolfgang Iser, Marco Antônio da Costa, Verônica Daniel Kobs, Luís Costa, Lima Jaques Le Goff, entre outros. O apoio bibliográfico que usamos justifica a tendência buarqueana de criar esquemas coerentes de narração e de interpretação dos fatos que dão a base necessária para que a história tenha uma forma própria como uma versão aceita como verdadeira e consagrada dos acontecimentos que foram evocados.

Sendo assim, a memória é um lugar, disposto numa sintaxe narrativa dentro do discurso da memória de Eulálio e que pode ser visitado por meio da oralidade. A desordem em que suas lembranças se manifestam é apenas um veículo para que o personagem buarqueano possa vir e ir ao tempo que ele escolheu frequentar, fazendo-o repetir alguns fatos ou ocultar as dissoluções das diferenças aluidoras de sua saga familiar. Essa memória se perpetua, redundantemente, no que Eulálio acredita ser legítimo: as identidades de quatro genealogias hipoteticamente cândidas, análogas a si mesmas.

Nesse sentido, temos uma escrita memorialística reveladora da alma de um sujeito, de suas crenças, tradições e valores. Porém, isso não separa o literário do social. Pelo contrário, por mais individualizada que sejam suas memórias,

elas traduzem sentimentos que adquirem aspectos universais por meio da ironia e da crítica direta à concentração histórica de poder nas mãos da burguesia brasileira, que edita a história de nosso país como lhe convém. A manipulação das mídias, a má qualidade da saúde e moradia, a alienação social e política e econômica da população brasileira, o racismo, o machismo e outras formas de preconceito e discriminação são só algumas dessas críticas feitas por Chico Buarque de Holanda em *Leite Derramado*.

Eulálio D'Assumpção, em sua narrativa desconexa, destaca algumas críticas, ainda que de maneira sutil, afirmando que se passaram cem anos e o Brasil não mudou. Consideramos nesta leitura que Eulálio não se reconhece no tempo presente, e ainda menos no futuro, tempo este representado por seus descendentes que perpetuam o círculo vicioso de sua genealogia.

Buarque, apesar de inserido numa tradição burguesa, ao escrever o romance aqui estudado diz a seu leitor para atentar-se à história que está petrificada em nosso país. Seu pai, Sérgio Buarque de Holanda, afirmou em *Raízes do Brasil*(1995) que apenas uma revolução seria capaz de varrer o comportamento amoral dos colonizadores da cultura do Brasil. Tais conclusões permitiram reforçar a identidade entre os escritos de ambos os autores, ressaltadas as diferenças entre a interpretação histórica e a ficção engendrada por Chico Buarque de Holanda.

O narrador derrama o leite; explicita as mazelas que assolam o Brasil. É capaz de lembrar de cada fio de cabelo das dores sofridas por esse filho único e promissor que é o nosso país. Conforme se lê na citação em destaque, quando Eulálio chora, é passado de mão em mão, da mãe a ama de leite, o que poderia sugerir uma imagem do povo brasileiro passado de mão em mão, até se ver refletido novamente em suas tradições, sem que soluções eficazes sejam providenciadas.

Concluimos, desta forma, que a memória de Eulálio é um trabalho de evocação que traz uma criticidade, ou melhor, uma estranheza a quem a ouve, pois a evocação de suas memórias não se trata simplesmente de uma ideologia saudosista, e sim um movimento peculiar da memória de um velho que tenta se redimir de um passado pessoal e de uma história que reflete a aquilo que conheceu bem, tal como o que custou anos de aprendizado e que, ao final de sua vida, sustentou uma existência.

A forma como Eulálio morre, sozinho e abandonado em um hospital público, apresenta uma vaga ideia de que o futuro ainda pode se despedir desses maus costumes arraigados na cultura brasileira. Como apresentamos neste estudo, ao colocar a morte de Eulálio espelhada na morte de seu tetravô, Buarque reafirma sua desesperança, pois não há nenhuma autoridade capaz de salvar a soberania do país. Em

todas as vozes, as que contam a história e a que se apresenta, sutilmente, na voz do próprio autor, só se vê gente estranha que continua a explorar o Brasil.

Chico Buarque também é cantor. Com este leite que se derrama, sua voz se contrapõe à agonia em que se encontra Eulálio, representante da elite e metáfora de um povo agonizante, que quer falar e não pode; é censurado e controlado pelos poderes que governam nosso país.

“O esforço para lembrar é a vontade de esquecer”, lembra a conhecida canção da música brasileira. Tal esforço perpassa a voz de Eulálio, desdobra-se em ricochete pelas memórias do autor e atinge o leitor do livro. Para todos resta o cenário desalentador de um leite derramado.

## **Bibliografia**

ASSIS, Machado. *Dom Casmurro*. Obras Completas de Machado de Assis, vol. I. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

BENJAMIN, Walter. “*O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*”. In: *Obras Escolhidas: magia e técnica, arte e política*. 7. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.

BORDIEU, Pierre. *A ilusão Biográfica*. Disponível em: <[http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/1185/mod\\_resource/content/1/Bourdieu%20-%20A%20Ilus%C3%A3o%20Bibliogr%C3%A1fica.pdf](http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/1185/mod_resource/content/1/Bourdieu%20-%20A%20Ilus%C3%A3o%20Bibliogr%C3%A1fica.pdf)> Acesso em 22 de maio de 2016.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade – lembranças de velhos*, São Paulo, 15. ed., Companhia das Letras, 1994.

BUARQUE, Bartolomeu. *Buarque, uma família brasileira*. Blog. Disponível em: <http://buarqueumafamiliabrasileira.blogspot.com.br/>. Acesso em 05 de abril de 2016.

BUARQUE, Chico. *Leite Derramado*. © 2009, Publicações Dom Quixote. 3ª edição: Julho de 2009. Paginação: Segundo Capítulo Depósito legal nº 293 696/09. Impressão e acabamento: Multitipo ISBN: 978-972-20-3838-6. Disponível em: [www.dquixote.pt](http://www.dquixote.pt). Último acesso em: 05 de junho de 2016.

BUARQUE, Chico. *Leite Derramado*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CASARIN, Rodrigo. *Aos 70, Chico Buarque não é só um músico que se aventura nas letras*. 19/06/2014. Disponível em: <http://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2014/06/19/aos-70-anos-chico-buarque-com-respeitada-obra-literaria.htm>. Acesso em 15 de outubro de 2015.

COSTA LIMA, Luís. *Sociedade e Discurso Ficcional*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

COSTA, Marco Antônio da. *Cícero e a retórica do exílio* [manuscrito]: as figuras de repetição / Marco Antônio da Costa. – 2013. 140 f., enc. : il., graf., p&b.

COUTINHO, Isabel. *Chico Buarque: a primeira entrevista sobre o romance Leite Derramado*. Entrevista publicada no suplemento Ípsilon, do jornal PÚBLICO, no dia 17 de Julho de 2009. Disponível em: <https://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/quotmas-chico-e-nome-de-escriptor-ruimquot-236612>. Acesso em 12 de janeiro de 2016.

GIDDENS, A. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

GUIA GEOGRÁFICO. *Ditadura de Getúlio Vargas*. Disponível em: <http://www.historia-brasil.com/era-vargas.htm> Acesso em: 26 de agosto de 2015.

HALBWACHS, Maurice. *Halbwachs, Memória Coletiva e Experiência*. Artigo. Psicologia USP, S. Paulo, p.285-298, 1993.

HOLANDA, Sérgio Buarque (org.). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo I A Época Colonial. Administração, Economia e sociedade. São Paulo: Difusão Européia do livro, 1960.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ISER, Wolfgang. *Os Atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional*. 3 ed. Rio de Janeiro, RJ: Civilização Brasileira, 2002.

KOBS, Verônica Daniel. *Argumentação & Retórica*. – Curitiba, PR: IESDE Brasil, 2012.

KUMAR, Krishan. *Da Sociedade Pós-Industrial à Pós-Moderna. Novas Teorias sobre o Mundo Contemporâneo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., \_c 1997.

LACAN, Jacques Marie Émile. *O seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1958.

LE GOFF, Jaques. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LYOTARD, Jean François. *A condição pós-moderna*. Tradução: Ricardo Corrêa Barbosa. 3 ed. Rio de Janeiro, RJ: José Olympio Editora, 1979.

MOISÉS, Leyla Perrone. *Sobre o livro*. Disponível em <<http://www.leitederramado.com.br/wordpress/?p=47>>. Acesso em : 05 de setembro de 2015.

MORAIS, Fernando. Chico Buarque. In: *MPB compositores*, v. 1. São Paulo: Globo, 1996.

PASQUALOTTI, Adriano. *Memorial descritivo*. Disponível em: <<http://usuarios.upf.br/~pasqualotti/memorial.htm>> Acesso em: 2 de fevereiro de 2016.

PÉRES, Sávio Passafaro; MASSIMI, Marina. O conceito de memória na obra de Machado de Assis. In: *Memorandum*, n. 15, 2008, p. 20-34. Disponível em: <http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a15/permas02.pdf> . Acesso em 30 de maio de 2016.

PRIBERAM, Dicionário. *Significado de Trauma*. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/DLPO/trauma>>. Acesso em 01 de março de 2016.

RICOEUR, Paul. Conferência. *História, memória, esquecimento*. Disponível em: <[http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos\\_disponiveis\\_online/pdf/memoria\\_historia](http://www.uc.pt/fluc/lif/publicacoes/textos_disponiveis_online/pdf/memoria_historia)>. Acesso em 05 de abril de 2016.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução: Alain François. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2007.

SILVA, Thiago Ferreira. *República velha*. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/historia-do-brasil/republica-velha/>> Acesso em: 26 de agosto de 2015.